
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

TESE DE MESTRADO


**Representações Sociais
do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes**

Ana Catarina Carvalho – N.º 1649

ORIENTADOR: Prof.ª Doutora Isabel Leal
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Prof.ª Doutora Isabel Leal
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2003

 **ISPA** | Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação
Folha: 15695
Data: / /
Tel: 21 681 750 • ispa@ispa.pt

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da **Professora Doutora Isabel Pereira Leal**, apresentada no **Instituto Superior de Psicologia Aplicada** para a obtenção do grau de **Mestre** na especialidade de **Psicologia da Saúde** conforme a Portaria n.º 107/97 de 17 de Fevereiro, para dar satisfação ao ponto “b” do n.º 2 do art. 5º do Decreto Lei n.º 216/92 de 13 de Outubro.

Concluído o objectivo a que me propus durante todos estes meses, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram com a sua colaboração e apoio, para que a elaboração deste trabalho chegasse ao fim.

Sem esquecer todos os outros, a minha palavra de apreço dirige-se em especial:

À **Prof. Doutora Isabel Leal** pela sua orientação, sugestões e críticas, e ainda pelo seu apoio e disponibilidade, que se revelaram um contributo indispensável para a concretização deste trabalho.

À **Dra. Tânia Pinto**, pelo auxílio decisivo para o tratamento estatístico dos dados.

Aos **Conselhos Directivos das Escolas** pela possibilidade de aí ter recolhido todos os dados necessários à elaboração desta investigação.

A todos os **amigos e familiares** mais próximos pelo incentivo e suporte emocional.

À **Joana** pelos momentos de diálogo, estimulação, e pelo seu apoio e amizade.

Ao **António**, pelo seu amor, permanente incentivo, e pela confiança que sempre depositou em mim e no meu trabalho.

Aos **meus pais**, pelo seu apoio constante, escuta e disponibilidade nos momentos difíceis, e pelo seu amor.

A todos os **adolescentes** que aceitaram tomar parte neste estudo e sem os quais nada teria sido possível.

A todos quantos me acompanharam e apoiaram, o meu sincero Obrigado.

ÍNDICE

	pp.
I. INTRODUÇÃO	11
II. REVISÃO DE LITERATURA	21
1 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	22
1.1. O Modelo das Representações Sociais	22
1.1.1. Conceito e Evolução	23
1.2. Estrutura Interna e Dinâmica das Representações Sociais	29
1.2.1. A Teoria do Núcleo Central	29
1.2.2. Formação e Transformação das Representações Sociais	32
1.3. As Representações Sociais e o Processo de Categorização Social	38
1.3.1. Categorização e suas Funções	38
1.3.2. Representações Sociais e Identidade Social	40
1.3.3. Representações Sociais e Atitudes	41
1.4. Funções das Representações Sociais	42
1.4.1. Representações Sociais e Organização Significante do Real	42
1.4.2. Representações Sociais e Comunicação	43
1.4.3. Representações Sociais e Comportamentos	44
1.4.4. Representações Sociais e Diferenciação Social	44
2 - ADOLESCÊNCIA	47
2.1. Breve Perspectiva Histórica da Adolescência	47
2.2. Da Puberdade à Adolescência	48
2.2.1. Transformações Físicas e Implicações Psicológicas da Puberdade	48
2.3. A Adolescência como Processo de Transição	50
2.4. Desenvolvimento da Personalidade na Adolescência	53
2.4.1. A Adolescência segundo Blos	53
2.4.2. A Adolescência segundo Erikson	58
3 - CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS NA ADOLESCÊNCIA	61
3.1. Alguns Estudos de Prevalência de Consumo de Substâncias na Europa e em Portugal	61
3.2. Consumo de Álcool na Adolescência	69
3.3. Consumo de Tabaco na Adolescência	73
3.4. Consumo de Drogas na Adolescência	76
3.5. Consumo de Substâncias na Adolescência: Factores de Influência	79
3.5.1. Factores Interpessoais no Uso de Álcool e Drogas pelos Adolescentes	80
3.5.2. Factores Intrapessoais no Uso de Álcool e Drogas pelos Adolescentes	85

III. MÉTODO	91
1. DELIEAMENTO DO ESTUDO	92
2. PARTICIPANTES	94
2.1 Caracterização da Amostra	94
3. INSTRUMENTO	106
4. PROCEDIMENTO DE RECOLHA DOS DADOS	116
5. TRATAMENTO ESTATÍSTICO	117
IV. RESULTADOS	118
1. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS ITEM A ITEM	120
2. COMPARAÇÃO ENTRE OS GRUPOS EM ESTUDO EM FUNÇÃO DAS TRÊS SUB-ESCALAS	136
3. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS NO TOTAL DA ESCALA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	144
4. COMPARAÇÃO ENTRE OS GRUPOS EM ESTUDO NO TOTAL DA ESCALA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	145
5. CORRELAÇÕES PARA AS TRÊS SUB-ESCALAS	149
V. DISCUSSÃO	151
VI. REFERÊNCIAS	161

ANEXOS:

- Anexo A: Instrumento – Questionário
- Anexo B: Resultados do Pré-Teste
- Anexo C: Análise Factorial com Rotação Varimax e
Alphas de Cronbach das três sub-escalas da
Escala de Representações Sociais
- Anexo D: Caracterização da Amostra:
Estatística descritiva e percentual
- Anexo E: Frequência das respostas da Escala de representações Sociais
- Anexo F: Estatística não-paramétrica
Testes U de Mann-Whitney e Teste de Kruskall-Wallis
- Anexo G: Correlações de Spearman

ÍNDICE DE GRÁFICOS

	pp.
Gráfico 1 – Distribuição de frequências em função da faixa etária	95
Gráfico 2 – Distribuição de frequências em função do sexo	96
Gráfico 3 – Distribuição de frequências em função do ano de escolaridade	96
Gráfico 4 – Distribuição de percentagens em função das habilitações literárias do pai dos adolescentes	97
Gráfico 5 – Distribuição de percentagens em função das habilitações literárias da mãe dos adolescentes	97
Gráfico 6 – Distribuição de percentagens: Com quem vives?	98
Gráfico 7 – Distribuição de frequências em função do n.º de irmãos	99
Gráfico 8 – Distribuição de frequências do consumo de álcool	100
Gráfico 9 – Distribuição de frequências do consumo de tabaco	100
Gráfico 10 – Distribuição de frequências do consumo de drogas leves	101
Gráfico 11 – Diferenças entre sexos no consumo de tabaco	102
Gráfico 12 – Diferenças entre sexos no consumo de álcool	102
Gráfico 13 – Diferenças entre sexos no consumo de drogas leves	103
Gráfico 14 – Idade da 1ª vez do consumo de tabaco	104
Gráfico 15 – Idade da 1ª vez do consumo de álcool	104
Gráfico 16 – Idade da 1ª vez do consumo de marijuana	105
Gráfico 17 – Idade da 1ª vez do consumo de haxixe	105

ÍNDICE DE TABELAS

	pp.
Tabela 1 – Características do Sistema Central e do Sistema Periférico de uma Representação Social	30
Tabela 2 – Consumo de álcool aos 15 anos em 25 países europeus em 1997	62
Tabela 3 – Consumo de álcool entre os 15 e os 16 anos num conjunto seleccionado de países europeus no ano de 1999	63
Tabela 4 – Prevalência de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e últimos 30 dias, em alunos portugueses do 3º ciclo, por tipo de droga	66
Tabela 5 – Prevalência de consumo ao longo da vida, nos últimos 12 meses e últimos 30 dias, em portugueses dos 15 aos 64 anos, por tipo de droga	67
Tabela 6 – Prevalência de consumo ao longo da vida em portugueses dos 15 aos 64 anos, segundo o sexo e por tipo de droga	68
Tabela 7 – Distribuição dos adolescentes pelas escolas inquiridas	95
Tabela 8 – Estatísticas Descritivas do n.º de irmãos, ano de escolaridade e idade	99
Tabela 9 – Distribuição dos adolescentes em função do consumo de drogas pesadas	101
Tabela 10 – Estatísticas Descritivas: idade da 1ª vez do uso de substâncias	103
Tabela 11 – Alphas de Cronbach das Sus-Escalas da Escala de Representações Sociais	112
Tabela 12 – Respostas ao Item 1	120
Tabela 13 – Respostas ao Item 2	120
Tabela 14 – Respostas ao Item 3	121
Tabela 15 – Respostas ao Item 4	121
Tabela 16 – Respostas ao Item 5	122
Tabela 17 – Respostas ao Item 6	122
Tabela 18 – Respostas ao Item 7	123
Tabela 19 – Respostas ao Item 8	123
Tabela 20 – Respostas ao Item 9	124
Tabela 21 – Respostas ao Item 10	124
Tabela 22 – Respostas ao Item 11	125

	pp.
Tabela 23 – Respostas ao Item 12	125
Tabela 24 – Respostas ao Item 13	126
Tabela 25 – Respostas ao Item 14	126
Tabela 26 – Respostas ao Item 15	127
Tabela 27 – Respostas ao Item 16	127
Tabela 28 – Respostas ao Item 17	128
Tabela 29 – Respostas ao Item 18	128
Tabela 30 – Respostas ao Item 19	129
Tabela 31 – Respostas ao Item 20	129
Tabela 32 – Respostas ao Item 21	130
Tabela 33 – Respostas ao Item 22	130
Tabela 34 – Respostas ao Item 23	131
Tabela 35 – Respostas ao Item 24	131
Tabela 36 – Respostas ao Item 25	132
Tabela 37 – Respostas ao Item 26	132
Tabela 38 – Respostas ao Item 27	133
Tabela 39 – Respostas ao Item 28	133
Tabela 40 – Respostas ao Item 29	134
Tabela 41 – Respostas ao Item 30	134
Tabela 42 – Respostas ao Item 31	135
Tabela 43 – Respostas ao Item 32	135
Tabela 44 – Comparações em função da faixa etária nas três sub-escalas	137
Tabela 45 – Comparações em função do ano de escolaridade nas três sub-escalas	138
Tabela 46 – Diferenças entre os grupos em estudo na Sub-escala Informação	139
Tabela 47 – Diferenças entre os grupos em estudo na Sub-escala Atitudes	140
Tabela 48 – Diferenças entre os grupos em estudo na Sub-escala Crenças	142
Tabela 49 – Estatísticas Descritivas das Sub-escalas da Escala de Representações Sociais	144
Tabela 50 – Comparações em função da faixa etária no total da Escala de Representações Sociais	146
Tabela 51 – Comparações em função do ano de escolaridade	146
Tabela 52 – Diferenças entre grupos na Escala de Representações Sociais	147
Tabela 53 – Correlações nas três Sub-escalas	150

RESUMO

O principal objectivo do presente estudo, de carácter exploratório, consistiu em conhecer a representação do consumo de álcool e drogas em adolescentes.

Foram definidos os seguintes objectivos específicos: investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas varia em função da faixa etária; do género; do ano de escolaridade; de dois grupos etários (adolescentes com < 16 anos vs ≥ 16 anos); e em dois grupos distintos de adolescentes (grupo com experiências de consumo vs grupo que nunca consumiu).

A amostra, de conveniência, foi constituída por 376 adolescentes de ambos os sexos e com uma média de idades de 16 anos, alunos de escolas do 3º Ciclo e Ensino Secundário da região da Grande Lisboa.

Os critérios de inclusão na amostra foram: terem idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos; possuírem entre o 7º ano e o 12º ano de escolaridade; estarem presentes na sala de aula aquando da aplicação do questionário.

O material utilizado foi um protocolo constituído por duas partes: um Questionário de Caracterização e um Questionário de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas destinado a adolescentes. Tratando-se de um questionário bastante extenso e dada a dimensão da nossa amostra, optou-se por proceder à transformação em escala.

Obtivémos, deste modo, uma Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas para Adolescentes, de auto-preenchimento, de tipo Likert em 5 pontos. A escala é constituída por três sub-escalas: informação, crenças e atitudes, que perfazem um total de 32 questões.

O tratamento estatístico dos dados em SPSS (*Statistic Program for Social Science*) recorreu à estatística descritiva e estatística não-paramétrica.

Os resultados revelaram que a representação social dos adolescentes da nossa amostra face ao consumo de álcool e drogas se inscreve num contexto de um bom nível de informação e de atitudes desfavoráveis face ao consumo de álcool e drogas, embora ancorada em crenças positivas associadas ao consumo dessas substâncias.

Não se verificou a existência de uma correlação significativa entre a idade e as três sub-escalas da Escala de Representações Sociais, mas verificou-se uma correlação estatisticamente significativa e positiva entre o *Ano de Escolaridade* e a Sub-Escala Informação, o que revela que quanto maior é o nível de escolaridade, maior é o nível de informação dos adolescentes sobre álcool e drogas. Constatou-se ainda uma correlação estatisticamente significativa e negativa entre as Sub-Escalas Informação e Atitudes: quanto maior é o nível de informação, mais desfavoráveis são as atitudes dos adolescentes face ao consumo de álcool e drogas.

Verificou-se a existência de diferenças significativas nas Representações Sociais, apenas na comparação entre o grupo que nunca fumou e o grupo com experiência de uso de tabaco.

Na Sub-escala Atitudes, os grupos com experiência de uso de substâncias (tabaco, álcool e drogas) apresentaram na globalidade atitudes mais favoráveis face ao consumo de álcool e drogas. Por outro lado, os adolescentes do sexo masculino apresentaram atitudes mais favoráveis face ao consumo de álcool e drogas que os do sexo feminino.

Para a Sub-escala Crenças apenas se verificaram diferenças significativas em função da variável uso de álcool, indo essa diferença no sentido dos adolescentes que nunca consumiram álcool possuírem mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os adolescentes com experiência de uso de álcool.

Este estudo reforça o interesse em se implementar estratégias, quer no sentido da intervenção junto dos adolescentes com experiências de consumo ocasionais ou excessivas, quer para o grupo de adolescentes não consumidores no sentido da Prevenção Primária.



I. INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O consumo de álcool e drogas constitui-se como um problema alarmante na sociedade portuguesa, pois o consumo destas substâncias está a aumentar no nosso país sobretudo no que concerne à camada adolescente.

Os adolescentes são muitas vezes considerados o grupo mais saudável, a nível da população global (Bruhn, 1988, citado por Matos, M. G., Simões, C. & Canha, L., 1999), contudo isso não significa que por vezes não sejam confrontados com problemas de saúde, e a maioria desses problemas estão associados ao seu comportamento, à sua relação com o meio e com as mudanças sociais.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a saúde é definida como “o estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença” (OMS, 1993, pp.5). Este conceito de saúde reforça a noção de equilíbrio do indivíduo em relação a si próprio e na sua relação com o meio, pois comportamento e estilo de vida são determinantes cruciais na nossa saúde.

Para Lima (1999), podemos distinguir dois tipos de comportamentos de saúde: os protectores e os de risco para a saúde, também conhecidos por positivos (e.g., cuidados de higiene, uso de cinto de segurança, prática desportiva regular) e negativos (e.g., dieta com elevado teor de gordura, fumar, consumo excessivo de álcool, uso de drogas).

Deste modo, torna-se relevante analisar os processos envolvidos na escolha de estilos de vida mais ou menos saudáveis por parte dos adolescentes.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) enumera algumas das mudanças aliadas aos problemas de saúde na adolescência, nomeadamente: no âmbito dos valores sociais e morais com implicações ao nível da gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis; nos hábitos alimentares; nas vias rodoviárias com consequências no aumento do risco de acidentes; e ainda na acessibilidade em termos de oferta e aquisição de álcool, tabaco e drogas (Matos, M. G., Simões, C. & Canha, L., 1999).

A 18 de Outubro de 2002, foi aprovado o decreto lei, actualmente em vigor em Portugal, que proíbe a venda de bebidas alcoólicas a pessoas que tenham menos de 16 anos, que tenham problemas psíquicos ou aparentem já estar embriagados. Passou também a ser proibida a associação de bebidas alcoólicas aos símbolos nacionais e a eventos frequentados por jovens, bem como a venda de bebidas que contenham mais que 0.5% de álcool em máquinas automáticas (Micael, 2002b).

Contudo, no que diz respeito ao consumo de álcool, Portugal, está entre os primeiros na escala europeia, e logo a seguir à França, Portugal está no topo da União Europeia, sendo a Europa no seu todo o maior consumidor mundial (Tavares, 2002).

Segundo Tavares (2002), um em cada dez portugueses tem graves problemas com álcool e apesar de afirmar que, há quem lhe chame um hábito cultural, a verdade é que o alcoolismo é a maior toxicodependência dos portugueses. Para o autor, os últimos dados apontam para um aumento do número de consumidores jovens e do sexo feminino.

Segundo a OMS, tem existido uma confluência de esforços coordenados na investigação acerca do consumo de álcool, nos jovens europeus, mais do que em qualquer outra região.

No Projecto “Comportamentos de Saúde em crianças e jovens em idade escolar”, foram inquiridos alunos de 11, 13 e 15 anos em 22 países europeus, entre os quais Portugal, no período de 1997/98. Conclui-se que o uso do álcool aumenta com a idade para todos os países e que no grupo etário de 15/16 anos, para a maioria dos países, os rapazes bebem mais do que as raparigas quando o que está em causa é o comportamento de bebida semanal, apresentam uma maior prevalência de uso de álcool ao longo da vida e episódios de embriaguez mais frequentes (Jernigan, 2001).

Segundo a OMS, numa série de investigações em escolas públicas de várias regiões de Portugal, entre 1987 e 1993, a prevalência do consumo de álcool ao longo da vida dos alunos entre os 12 e os 18 anos, foi estimada em cerca de 60%. Uma investigação de 1990 mostrou que 7% dos rapazes e 3% das raparigas, com 11-12 anos, bebem todas as semanas, e esses valores sobem respectivamente para 19% e 7%, entre os 13 e os 15 anos (Jernigan, 2001).

Os resultados do estudo realizado em Portugal pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, integrado numa investigação mais vasta da OMS, apontam que 71% dos jovens inquiridos já tinham experimentado álcool e 12% desses admitem ser consumidores regulares (de cerveja, vinho, ou bebidas espirituosas uma vez por semana ou mais). Entre os consumidores regulares de bebidas alcoólicas, 40% têm menos de 15 anos e 13,5% têm apenas 13 anos. Concluíram ainda que os adolescentes que já consumiram álcool e os consumidores regulares e abusivos apresentam um perfil de afastamento em relação à família, amigos e meio escolar, e que estes jovens admitem envolver-se com maior facilidade em situações de violência na escola, reconhecem consumir mais tabaco e outras drogas (Micael, 2002a).

Reflectindo sobre o porquê da iniciação do consumo de substâncias ter início na adolescência, Geada (1992), refere que esta é uma fase de desenvolvimento psicológico de rápidas e profundas transformações psicossociais, que se caracteriza por aquilo a que habitualmente se designa por crise de identidade.

Segundo Almeida (1987), os adolescentes de hoje vêem-se confrontados com uma sociedade em constante mudança, onde tudo corre, e onde os valores e os papéis sociais e familiares são cada vez menos nítidos e mais instáveis.

A susceptibilidade do equilíbrio psicológico característica da adolescência, o gosto pelo risco, a excitação de viver novas experiências, a curiosidade, a necessidade de contestação das figuras parentais, torna os jovens mais vulneráveis e atrai-os para experimentarem o uso ilícito de tóxicos.

Investigações em meio escolar têm demonstrado que a percentagem de utilizadores de drogas ilícitas é habitualmente menos comum que a de consumidores de tabaco ou álcool, sendo o cannabis a substância ilícita mais frequentemente utilizada pelos adolescentes (Carvalho, 1997).

A cannabis continua a ser a droga predominante entre os consumidores em geral, começando a emergir com grande relevo nos circuitos das consequências legais do consumo e cada vez mais associada ao consumo de outras drogas.

A cannabis, designadamente o haxixe, continua a ser a substância ilícita mais consumida entre a população portuguesa. Os resultados dos estudos realizados em 2001, a nível nacional, evidenciam que cerca de 8% dos portugueses entre os 15-64 anos afirmaram já ter tido pelo menos uma experiência de consumo de cannabis ao longo das suas vidas, e foi nos grupos etários mais jovens (dos 15-24 e dos 15-34 anos) que se verificaram as mais altas prevalências de consumo (IPDT, 2001a).

A cannabis tem emergido nos últimos anos cada vez mais associada ao consumo de outras drogas, não só às drogas tradicionais destes circuitos como a heroína e cocaína, como também às mais recentes como é o caso do ecstasy.

No âmbito do Programa de estudos em Meio Escolar, da responsabilidade do Núcleo de Investigação do IPDT, foi realizado em 2001, um inquérito nacional em meio escolar sobre o consumo de substâncias psicoactivas.

Os resultados mostram que cerca de 14 % dos alunos do 3.º Ciclo, já tiveram pelo menos uma experiência ao longo da vida, de consumo de substâncias ilícitas. O consumo de Cannabis (10%) continua a ser o mais referido nesta população escolar, tendo 8% mencionado experiências de outras drogas que não cannabis. Comparativamente com outros estudos portugueses constata-se uma subida generalizada dos consumos e em especial da cocaína, apesar de relativamente a outros países da Europa, Portugal ainda continuar a registar valores inferiores à média europeia. (Feijão e Lavado, 2001).

Relativamente ao abuso do álcool e drogas na adolescência, sabe-se que se bem que, por um lado, possa ser indesejado pelo indivíduo, o consumo tem sempre uma forte tónica de prazer, nomeadamente: o prazer do tóxico, o de ser aceite pelo grupo, o prazer do risco, e toda uma série de benefícios secundários.

Dada a vulnerabilidade do adolescente que se encontra num processo de construção da sua identidade pessoal, e de emancipação face à família, com a crescente importância do grupo de pares, não é difícil esperar alguns comportamentos de risco para a saúde, como o consumo de substâncias.

Diversos têm sido os estudos efectuados com vista a identificar os factores de risco e de protecção associados ao consumo de substâncias psicotrópicas em adolescentes (Bauman & Ennett, 1996; Dobkin, Tremblay, Mâsse & Vitaro, 1995; Chilcoat & Anthony, 1996; Clayton, 1992; Dobkin, 1993; Kumpfer, 1989; Newcomb, 1997; Vitaro, Dobkin, Janosz & Pelletier, 1992; citados por Gosselin, Larocque, Vitaro & Gagnon, 2000).

Contudo, não temos conhecimento de estudos que tenham utilizado o modelo das representações sociais na população adolescente. Os estudos realizados em Portugal nesta área das representações sociais referem-se concretamente à temática da toxicodependência.

A relevância de abordar o tema das representações sociais, advém da evidência cada vez mais consistente de que não são só os factores fisiológicos que determinam o consumo, mas também os factores psicossociais.

Segundo Doise e Palmonari (1986, pp.13) "todas as interações humanas, quer sejam entre indivíduos quer entre dois grupos, pressupõem representações. Sempre e em todo o lado, quando nos encontramos, quando entramos em contacto com as pessoas, veiculamos certas expectativas, um certo conteúdo mental correspondente a julgamentos e a um conhecimento dos grupos, pessoas e coisas em presença".

Em cada sociedade podem existir diferentes representações para um mesmo objecto devido a clivagens entre grupos, determinadas por condições sócio-económicas e sistemas de orientação diferentes. (Vala, 1996)

Moscovici (1989) define representações sociais como um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos, aspectos ou dimensões do meio social que permitem não somente o estabelecimento do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, mas que constitui igualmente um instrumento de orientação, de percepção das situações e de elaboração de respostas.

As representações sociais são fenómenos complexos activados e activos na vida social. Na sua riqueza, encontramos diversos elementos que são, por vezes, estudados isoladamente: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, formativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. Mas esses elementos estão sempre organizados como uma espécie de saber que revela algo sobre a realidade (Denise Jodelet, 1989).

Sejam quais forem as categorizações sobre o mundo que nos rodeia, elas resultam de uma interacção entre a informação recolhida no exterior, e os esquemas mentais pré-existentes, ou seja, entre a informação externa e a organização interna, activamente efectuada pelo Ser Humano. Nós somos levados a classificar diferentemente os factos e, os que não correspondem às nossas representações são considerados como menos relevantes (Moscovici e Hewstone, 1983).

Vala (1996) considera as representações como sociais porque são partilhadas por uma variedade de sujeitos, podendo deste modo ter uma função identitária para os grupos que as compartilham, ou seja, permitem definir a sua identidade, proteger a sua especificidade de grupo, situando-as num determinado contexto social.

Assim, como para qualquer outro tema, também se constroem representações sociais sobre o consumo de álcool e drogas.

Tendo em conta a realidade de consumo actual em Portugal no grupo adolescente, torna-se premente averiguar o modo como os adolescentes se relacionam com o tema do Consumo de Álcool e Drogas, ou seja, saber junto deles o que pensam sobre o assunto, os seus conhecimentos, as suas crenças, e o seu posicionamento perante situações concretas, quer tenham ou não iniciado esse consumo.

Partindo destes pressupostos, propusemo-nos investigar a representação social sobre o consumo de álcool e drogas numa população de adolescentes.

O **objectivo principal** deste trabalho consiste em conhecer a representação social do consumo de álcool e drogas em adolescentes.

Neste trabalho optou-se pela designação anglo-saxónica de *teenager* (sujeitos entre os 13 e os 19 anos), dada a dificuldade em definir claramente os limites de idade que balizam o início e principalmente o término da adolescência.

Foram definidos os seguintes **objectivos específicos**:

1 – investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas varia em função da faixa etária.

Adés & Lejoyeux (1997), constaram um considerável aumento do consumo de álcool com a idade para ambos os sexos. Frejaville, Davidson & Choquet (1977), também chamaram a atenção para o facto do consumo de álcool aumentar de forma proporcional à idade. Negreiros de Carvalho (1996) verificou diferenças no consumo de tóxicos consoante a idade, nomeadamente um maior consumo de substâncias voláteis em jovens mais novos. Como tal achamos pertinente que isso possa ter influência sobre a sua representação social.

2 – investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas varia em função do género.

Quanto ao consumo de drogas, verifica-se que apesar do cannabis ser a substância ilícita mais frequentemente utilizada pelos jovens, o consumo é mais elevado nos rapazes que nas raparigas (Carvalho, 1997). Reis (1998) e Trindade e Correia (1999), concluíram que no geral os rapazes bebem mais do que as raparigas. Kagle (1987), defende que essas diferenças entre sexos, estão centradas em torno dos diferentes papéis e expectativas sociais. Contudo estudos mais recentes citados por Negreiros de Carvalho (1996), revelam um esbatimento dessas diferenças, verificando-se um aumento do consumo por parte das mulheres, devido à diminuição do estigma. Dada a controvérsia gerada em torno desta questão suscitou-nos interesse averiguar da possibilidade de diferenças na nossa amostra.

3 – investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas varia em função do ano de escolaridade.

Supomos que quanto maior for o nível de escolaridade, maior será o nível de conhecimentos e de maturidade dos adolescentes em termos cognitivos, o que poderá repercutir-se na construção da representação social acerca do consumo de álcool e drogas.

4 – investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas varia em função de dois grupos etários (adolescentes com < 16 anos vs >= 16 anos)

No que concerne à idade é consensual o princípio de que “o consumo excessivo ocorre predominantemente em jovens de idade igual ou superior a 16 anos” (Negreiros de Carvalho, 1996). Deste modo, achamos pertinente que isso possa ter influência sobre a representação que os adolescentes possam construir sobre o consumo de substâncias.

5 – investigar se existem diferenças ao nível da representação social sobre o consumo de álcool e drogas em dois grupos distintos: grupo com experiência de consumo vs grupo que nunca consumiu.

As expectativas acerca dos efeitos do álcool são diferentes nos “consumidores abusivos” e “não abusivos”, visto os últimos perceberem mais consequências negativas produzidas pelo consumo (Brown, Craemer, Stetson, 1987). Também num estudo realizado por Trindade e Correia (1999), os adolescentes com um consumo importante de álcool esperavam mais consequências positivas do acto de beber que os adolescentes com baixo consumo. Na investigação de Nucci, Guerra e Lee (1991), sobre consumo de drogas em adolescentes do 9º ao 12º ano, os “grandes consumidores” tendiam a ver o consumo de drogas como um assunto de índole pessoal, tinham maior tendência a valorizarem-se a si próprios como a autoridade máxima, desvalorizando o papel da lei e consideravam o comportamento menos perigoso e menos errado que os “pequenos consumidores”.

Pareceu-nos assim pertinente averiguar da possibilidade de existência de diferenças ao nível da representação social do consumo de álcool e drogas entre os adolescentes da nossa amostra que nunca tiveram experiências de consumo e aqueles que já tiveram ou têm experiências de consumo de tabaco, álcool ou drogas ilícitas.

O presente trabalho encontra-se dividido do seguinte modo:

A primeira parte do trabalho, que corresponde à fundamentação teórica, inclui a revisão de literatura realizada sobre o tema e está dividida em vários capítulos.

O capítulo 1 refere as Representações Sociais, fazendo uma breve revisão teórica e infantizando a Teoria do Núcleo Central. É igualmente referida a relação entre as representações sociais e o processo de categorização social. Por fim faz-se referência às funções das representações sociais.

No capítulo 2 abordamos a Adolescência, iniciando com uma breve perspectiva histórica. A temática das transformações físicas e suas implicações psicológicas é também afluada. Aprofunda-se a temática da adolescência enquanto processo de transição, e é dado especial destaque ao desenvolvimento da personalidade segundo a perspectiva de dois teóricos: Blos e Erickson.

No capítulo 3, dedicado ao Consumo de Substâncias na Adolescência, iniciamos com alguns dados de prevalência de consumo na Europa e em Portugal. De seguida procede-se a uma abordagem dos factores de influência interpessoais (familiares e grupo de pares) e intrapessoais (crenças e atitudes) no consumo de álcool e drogas na adolescência.

A 3ª secção, que corresponde à metodologia, compreende o delineamento ou modelo de estudo utilizado; as questões de investigação e as variáveis, os participantes e a caracterização da amostra; o material e o estudo das propriedades psicométricas do instrumento; o procedimento de recolha dos dados e respectivo tratamento estatístico.

Na 4ª secção encontra-se a apresentação dos resultados em termos de estatística descritiva e percentual e, na comparação entre os grupos em estudo, recorreu-se à estatística não-paramétrica.

Por fim, é apresentada a discussão dos resultados a partir da qual surgiram alguns pontos de reflexão, estabelecendo-se um elo de ligação, com a revisão de literatura efectuada, considerada pertinente tendo em conta os objectivos em estudo.



II. REVISÃO DE LITERATURA

1 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

1.1. O Modelo das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais considera a realidade como produto da interação entre os indivíduos, e deste modo uma representação social é sempre a representação de qualquer coisa (o objecto) por alguém (o sujeito).

As características do sujeito e do objecto influem sobre o que é a realidade. A representação está para o seu objecto numa relação de "simbolização" e de "interpretação" que lhe confere significados. Essas significações resultam de uma actividade que faz da representação uma "construção" e uma expressão do sujeito. Esta actividade pode apontar para processos cognitivos ou para mecanismos intra-psíquicos, mas integra a participação social e cultural do sujeito (Jodelet, 1989).

Segundo esta perspectiva, a oposição entre o pensamento científico e o pensamento comum (senso comum) coloca-se não tanto em termos de natureza lógica, mais do ponto de vista social.

No quotidiano, a comunicação entre as pessoas não se faz mediante o discurso científico, uma vez que os sujeitos retém o seu conteúdo, mas modificam-lhe a forma e as regras. O senso-comum comporta imagens e ligações mentais de natureza científica, mas transformadas e arrançadas, para servir o quotidiano (Moscovici & Hewstone, 1984). É um corpo de conhecimentos espontaneamente produzido pelos membros de um grupo e que assenta na tradição e na unanimidade.

Deste modo, o Modelo das Representações Sociais tem como objectivo principal estudar a forma como os sistemas de informação são construídos socialmente, atribuindo menor ênfase à forma como os sujeitos fazem inferências (Moscovici & Hewstone, 1984).

1.1.1. Conceito e Evolução

O conceito de representação social foi proposto, em 1961, por Moscovici para traduzir um sistema de comportamentos e expressões simbólicas que medeiam entre os indivíduos e o seu contexto social.

Foi na sua Tese de Doutoramento "A Psicanálise – sua imagem e seu público", que Serge Moscovici em 1961, apresentou pela primeira vez a noção de representação social. Neste trabalho, o autor analisou a natureza do pensamento social, nomeadamente referente à Psicanálise, o que lhe possibilitou ilustrar a forma de construção e os mecanismos funcionais das representações sociais.

Mediante este estudo Moscovici demonstrou que a representação social não é um conceito uno, pois a um mesmo objecto podem corresponder múltiplas representações, o que significa que existem diferenças entre si, quer nos conteúdos quer nas atitudes dos sujeitos face ao objecto. Essas diferentes representações perante um mesmo objecto estão relacionadas com os valores e pressupostos normativos de cada grupo social.

Passaram-se mais de 10 anos até que a Psicologia Social Europeia se começou a interessar e a reconhecer a importância da obra de Serge Moscovici, e desta forma o conceito de representação social foi retomado em outros trabalhos.

Uma das razões possíveis para este longo hiato na investigação das representações sociais terá ficado a dever-se às tendências teóricas hegemónicas no âmbito da psicologia, que estabeleceram prioridades a outras correntes de pensamento, tendo contribuído para o estagnar do desenvolvimento da teoria das representações sociais.

Nos anos sessenta, o Behaviorismo ainda mantinha grande influência, apesar de estar a entrar numa fase de declínio, e como tal a referência a entidades de tipo mental era dificilmente aceite, e ainda muito mais difícil era aceitar que de um processo colectivo, pudessem resultar essas entidades. Concomitantemente às metodologias de pesquisa de tipo qualitativo, baseadas em entrevistas e na análise de conteúdo, não era reconhecido o rigor científico que era atribuído às experiências laboratoriais.

Por outro lado, a influência do psicologismo privilegiava o estudo dos fenómenos de natureza individual, minimizando a importância dos aspectos sociais perante os mecanismos psicológicos de carácter individual.

A própria Teoria das Representações Sociais fornece uma explicação: segundo o mecanismo de ancoragem, as inovações são assimiladas pelo pensamento social através de um processo de redução aos esquemas que já estão estabelecidos no próprio pensamento. Poderá ter acontecido algo de muito semelhante com o conceito de representação social.

O ponto de partida da Teoria das Representações Sociais é o abandono da distinção clássica entre o sujeito e o objecto, principalmente desenvolvido nos trabalhos behavioristas (Abric, 1994).

Toda a realidade é a apropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, ou seja, é reconstruída no seu sistema cognitivo e integrada no seu sistema de valores de acordo com a história, contexto social e ideológico pelos quais se rege. Esta realidade reestruturada pelo indivíduo ou grupo é que constitui a sua realidade.

"Toda a representação é então uma forma de visão global e unitária do objecto, mas também de um sujeito." (Abric, 1994). A integração simultânea das características do objecto, das experiências anteriores do sujeito e do seu sistema de atitudes e normas constituem a representação, uma vez que permite ao sujeito compreender a realidade de acordo com o seu próprio sistema de referências.

Moscovici (1969 cit. Por Abric, 1994) defende que, a teoria das Representações Sociais baseia-se no facto de que não existe nenhum corte entre o universo exterior e o universo interior do indivíduo ou grupo. O sujeito e o objecto não são necessariamente distintos.

Foi com Durkheim, que em 1898, surgiu pela primeira vez uma noção muito semelhante à de representações sociais no campo da sociologia – representações colectivas. Esta noção caiu em esquecimento durante mais de meio século, tendo sido reavivada e trazida de novo à atenção dos cientistas sociais através das pesquisas sobre o estudo das mentalidades.

Segundo Durkheim, citado por Moscovici (1961), não há margem para dúvida de que as crenças, as práticas religiosas, as regras morais e as manifestações mais características da vida colectiva, têm um carácter de obrigatoriedade e assim sendo, a obrigação é a prova de que estes fenómenos sociais e estas formas de agir e de pensar não são obra do indivíduo, antes sim emanam de um poder moral que ultrapassa o sujeito e que se impõe fora dele.

As representações colectivas são exteriores às consciências individuais, pois não derivam dos indivíduos isoladamente mas da sua interacção.

Para Durkheim, as representações colectivas são o fenómeno social que origina a construção das diferentes representações individuais. Durkheim considera que as representações colectivas se impõem às pessoas como uma força verdadeiramente construtiva, já que parecem possuir, ante os seus olhos, a mesma objectividade que as coisas naturais.

Moscovici recupera e renova este velho conceito de representações colectivas, baseando-se em Durkheim, mas também nos estudos de Kurt Lewin, de Georges Mead e de Wundt, construindo um conceito integrador – *representação social* – que agrega numa mesma perspectiva, a explicação da origem e da natureza do pensamento social.

Segundo Moscovici (1984), "as representações colectivas cedem lugar às representações sociais e vê-se facilmente porquê. Por um lado, era necessário ter em conta uma certa diversidade de origem, tanto nos indivíduos como nos grupos; por outro lado, era necessário deslocar o olhar sobre a comunicação que permite aos indivíduos convergir de tal forma que qualquer coisa individual pode tornar-se social ou vice-versa. Reconhecendo, ao mesmo tempo, que as representações são geradas e adquiridas, retira-se-lhe este lado preestabelecido, estático, que elas tinham na visão clássica. Em suma, a necessidade de fazer da representação uma passagem entre o mundo individual e o mundo social, de a associar em seguida à perspectiva de uma sociedade que se transforma, motiva a modificação em questão. Trata-se de compreender não mais a tradição, mas a inovação, não mais a vida social já feita mas a vida social em vias de se fazer" (p.542).

A Teoria das Representações Sociais atravessa vários domínios das ciências sociais, e tem sofrido um grande desenvolvimento e difusão. O próprio conceito de representação social é complexo e difícil de sintetizar porque é um conceito dinâmico e polifacetado. Moscovici adverte-nos da dificuldade de conceptualização ao afirmar que se é fácil captar a realidade das representações sociais, não é fácil captar o conceito (Moscovici, 1976).

Trata-se de um conceito onde se interligam noções várias de origem sociológica, tais como ideologia, cultura, norma, valor, e noções de origem psicológica como pensamento, opinião e atitude.

Estas noções que podem ser estudadas isoladamente, aqui são organizadas em função de uma estrutura que está relacionada com o conhecimento da realidade.

É a articulação desta totalidade significativa que, em relação com a acção, constitui a representação social e é objecto de investigação científica.

Ao fazermos a revisão de literatura acerca das representações sociais verificamos que a diversidade encontrada traduz a complexidade do próprio conceito de representação social que é apreendida de diversos ângulos.

Moscovici (1976), considera que as representações sociais constituem uma forma de conhecimento específica da sociedade humana e não redutível a outra forma de conhecimento, distinguindo-as de outras formas de pensamento social, como os mitos, as ideologias, a ciência ou as visões do mundo.

As representações sociais nascem e transformam-se em trocas sociais, e contribuem para a criação de modelos de leitura do real, mediados pelas opções ideológicas, valores e códigos culturais e pelas representações pré-existentes nos grupos de pertença.

Para Jodelet (1989), as representações sociais, enquanto sistemas de interpretação, regem a nossa relação com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais.

Segundo a opinião de Jodelet, partilhada por Moscovici, a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma faceta prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Também designada como saber do senso comum ou ainda "saber ingénuo", "natural", esta forma de conhecimento é distinta de outras formas de conhecimento, nomeadamente do conhecimento científico.

Jodelet (1989), afirma que a noção de representação social assume características próprias como a **vitalidade** – em que a noção de representação social remete para interpretações diversas; a **transversalidade** – em que a representação social assume uma importância notável para todas as ciências humanas; e a **complexidade** – que é evidenciada por todos os fenómenos que a representação social permite abordar.

Jodelet (1989) afirma que dada a complexidade e dificuldade em especificar o conceito de representação social, esta deverá ser entendível e estudada articulando diferentes aspectos como: elementos afectivos, mentais, sociais, a linguagem, a comunicação, as relações sociais que afectam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm.

A representação social é segundo Abric (1994), o produto e o processo de uma actividade mental através da qual um indivíduo ou um grupo (re)constroi o real ao qual é atribuído um significado específico.

A representação social é um guia para a acção pois orienta as acções e as relações sociais. É um sistema de pré-descodificação da realidade pois determina os comportamentos, tomadas de decisão, etc..

Di Giacomo (1987) privilegia o carácter estruturado da representação social, definindo como primeiro critério para identificar uma representação social o facto desta se encontrar estruturada. Contudo, refere que um conjunto de opiniões não constitui por si só uma representação social.

Outros autores acentuam a relação entre as representações sociais e certos factores sócio-estruturais, como a posição ou estatuto social.

As representações sociais são fenómenos complexos que se encontram ligadas a sistemas de pensamento mais amplos (ideológicos ou culturais), ao estado dos conhecimentos científicos, à condição social e à experiência privada e afectiva dos indivíduos.

Se por um lado, a representação social é um produto de uma realidade exterior, pensamento que se consubstancia em determinado conteúdo: informações, imagem, opiniões, valores, atitudes, crenças, em relação a um determinado objecto – pois não há representação sem objecto – por outro lado, ela é um processo, uma actividade de apropriação da realidade e de elaboração psicológica e social dessa realidade – é a representação social de um sujeito (indivíduo, grupo, família, classe).

A representação social traduz a marca do sujeito e da sua actividade, com o seu carácter construtivo e criativo. Representar é re-apresentar e corresponde a um acto de pensamento pelo qual um sujeito se relaciona com um objecto, ou seja, se por um lado tem uma parte de reconstrução de interpretação do objecto, por outro é a forma expressiva do sujeito (Jodelet, 1989).

Actualmente, a teoria de Moscovici é reconhecida como uma referência importante para a psicologia social, mas também para outras disciplinas das ciências sociais tais como história, etnologia, sociologia, entre outras.

O interesse pelos fenómenos colectivos e mais especificamente pelas regras sobre as quais se rege o pensamento social vêm determinar o sucesso desta teoria. A forma de "ver o mundo" que os indivíduos ou os grupos têm e utilizam para agir ou tomar posições é reconhecida como indispensável para compreender a dinâmica das interacções sociais e assim esclarecer os determinantes das práticas sociais (Abric, 1994).

Vala (1996) , alerta-nos para o facto deste conceito de representação social se articular com conceitos mais "estritos" e "psicológicos" que lhe estão próximos, como os de imagem, atitude, crenças, estereótipos e, por outro lado, com campos conceptuais mais amplos e "sociológicos" como os de sistema de valores, ideologia e cultura.

Desde a década de sessenta e tendo como pioneiro o estudo da representação social elaborado por Moscovici sobre a psicanálise, foram realizados vários outros sobre diferentes objectos, tais como: a cultura; as auto-representações e os processos grupais; a infância; a doença mental; os comportamentos colectivos; a informática; as profissões psicológicas; a violência; a deficiência mental; a justiça; os psicólogos; os psicólogos clínicos nos centros de saúde; o leite; o alcoolismo e a toxicodependência; o HIV e a SIDA; a sexualidade; a educação sexual; entre muitos outros trabalhos de marcada e prestigiada importância.

De uma maneira geral estes trabalhos vão ao encontro das conclusões de Moscovici, no que diz respeito à variedade de representações sociais encontradas e ao facto de estas se constituírem como um modelo avaliativo da realidade que serve de guia para a acção.

A representação determina os comportamentos e as práticas do sujeito, visto funcionar como um sistema de interpretação da realidade que regista as relações dos indivíduos no seu ambiente psíquico e social. Ela é um sistema de pré-descodificação da realidade, porque é ela quem determina um conjunto de antecipações e expectativas.

1.2. Estrutura Interna e Dinâmica das Representações Sociais

1.2.1. A Teoria do Núcleo Central

Abric (1994; cit. por Guimelli, 1994) diz-nos que a ideia base desta teoria é a de que toda a representação se encontra organizada em torno de um núcleo central. Este núcleo central é o elemento fundamental da representação pois é ele que determina, por sua vez, a sua significação e a sua organização interna. Abric ressalta que a centralidade de um elemento não pode ser remetida exclusivamente para a dimensão quantitativa. Os elementos que vão fazer parte do núcleo central de uma representação, serão aqueles que têm uma relação directa com a sua significação, os outros elementos, mesmo que sejam quantitativamente superiores situar-se-ão na periferia.

Segundo Abric (1987), uma representação é constituída por três sistemas fundamentais: um sistema central, um sistema periférico e um sistema de categorização, funcionando como uma entidade onde cada parte tem um papel específico mas que se complementam um ao outro.

O núcleo central de uma representação social caracteriza-se por duas funções e por uma propriedade essencial: função geradora, função organizadora e estabilidade.

- a **função geradora** define-se pela capacidade do núcleo central em criar ou transformar a significação dos outros elementos constitutivos da representação; é esta função, que associa um sentido ou dá uma valência à representação.

- a **função organizadora** explica-se pelo facto de ser o núcleo central que determina o tipo de ligações entre os vários elementos que a constituem, ou seja, o núcleo é o elemento unificador e estabilizador da representação.

- o facto de possuir os elementos mais estáveis da representação explica a sua propriedade essencial de **estabilidade**, pois são de facto os elementos que mais resistem à mudança.

Na perspectiva do autor, toda a representação social comporta elementos cognitivos estáveis, em torno dos quais se organizam os elementos periféricos, sendo que os primeiros exercem uma grande influência sobre a significação dos segundos.

Os elementos cognitivos exprimem a permanência e a uniformidade, e os elementos periféricos traduzem a variabilidade e a diversidade do social. Os elementos periféricos estão em relação directa com o núcleo e a sua ponderação, valência e funções são determinadas em grande parte pelo núcleo central.

Estes elementos periféricos têm um papel fundamental na dinâmica e funcionamento das representações. De facto, são menos estáveis do que os centrais e permitem aquilo a que o autor refere como “modulações individuais”. Estas modulações vão permitir a cada sujeito posicionar-se face a um objecto de representação, com as suas características pessoais sem pôr em causa, no entanto, a significação central da representação.

Quando um indivíduo ou um grupo é confrontado com informação contraditória em relação à significação da representação que possui, os elementos periféricos têm um papel importante face à gestão dessa informação contraditória. Ou seja, não é a representação em si que vai ser alterada, mas os elementos periféricos da mesma.

Os elementos periféricos, por um lado, permitem a manutenção da significação central da representação e por outro permitem a inclusão de nova informação face à mesma, desempenhando um papel importante na economia cognitiva da representação.

Apresenta-se de seguida um quadro que sistematiza a informação sobre os dois sistemas referidos.

Tabela 1 – “Características do sistema central e do sistema periférico de uma representação social” (Abric, 1994; cit. por Guimelli, 1994, p. 80).

Sistema Central	Sistema Periférico
Ligado à memória colectiva e à história do grupo.	Permite a integração de experiências e histórias individuais.
Consensual: define a homogeneidade do grupo.	Suporta a heterogeneidade do grupo.
Estável/Coerente/Rígida.	Flexível/Suporte das contradições.
Resistente à mudança.	Evolutiva.
Pouco sensível ao contexto imediato.	Sensível ao contexto imediato.
Funções: 1- origem da significação da representação 2- determina a sua organização.	Funções: 1- permite a adaptação à realidade concreta. 2- permite a diferenciação do conteúdo. 3- protege o sistema central.

Abric (1989) enquanto defensor da Teoria do Núcleo Central, considera que o núcleo é o elemento fundamental da representação, uma vez que define a sua significação e a sua organização interna.

O núcleo central da representação é determinado pela natureza do objecto apresentado, pela relação que o sujeito mantém com esse objecto e também pela finalidade da situação na qual é produzida a representação. Assim, o núcleo central é um subconjunto da representação, composto por um ou mais elementos, sendo o elemento mais estável da representação, e o que mais resiste à mudança.

Flament (1989), partilha da opinião de que os elementos ou esquemas periféricos se encontram organizados à volta do núcleo central. Segundo, o mesmo autor, os elementos do sistema periférico estão em relação directa com o núcleo central, caracterizando-se por uma grande flexibilidade, mediando a interface entre o núcleo central e a realidade concreta do objecto.

Os elementos periféricos desempenham um duplo papel e têm uma dupla vantagem: por um lado, permitem manter a significação central, e por outro, permitem a integração de novas informações nas representações.

O núcleo é uma estrutura que organiza os elementos da representação e lhe dá um sentido. As discordâncias sobre a realidade são absorvidas pelos esquemas periféricos, que deste modo, asseguram a estabilidade (relativa) da representação.

Segundo Flament (1989), as representações oferecem uma grande resistência à mudança, contudo são susceptíveis de evoluir e de se transformar superficialmente pela mudança de sentido ou da natureza dos seus elementos periféricos e eventualmente dos elementos do núcleo central.

A respeito das transformações da representação social, Flament (1987) refere que uma transformação ainda que breve do núcleo, prepara-se na periferia, devido à activação dos esquemas periféricos.

As representações são estados organizados, estáveis e relativamente equilibrados, e como tal qualquer transformação de um dos elementos da relação (sujeito ou meio), leva a uma transformação da representação no sentido do restabelecimento do equilíbrio assim comprometido.

Toda a transformação da representação conduzirá prioritariamente à transformação dos elementos periféricos, sem que o núcleo central seja posto em causa, pois se este fosse posto em causa levaria a uma transformação completa de todo o sistema, conduzindo a uma total confusão no universo de opiniões do sujeito (Abric, 1987). Contudo, o factor que mais contribui para a transformação real e efectiva da representação é o questionamento de um elemento do núcleo central.

Em suma, uma representação social comporta esquemas periféricos, estruturalmente organizados por um núcleo central, que é a própria identidade da representação. As discordâncias entre a realidade e a representação modificam primeiramente os esquemas periféricos, e só depois eventualmente o núcleo central, que é o cerne da própria representação.

1.2.2. Formação e Transformação das Representações Sociais

Para Moscovici (1961), as representações sociais são fruto da actividade cognitiva grupal e individual em contextos específicos. O autor defende que não são apenas processos cognitivos que estão em causa, mas também, e em simultâneo, processos sociais.

Segundo Sousa (1991), o sujeito tem sempre em conta a imagem que transmite ao outro sendo que, utiliza os meios de que dispõe para convencer os outros do seu valor no que diz respeito a dimensões socialmente valorizadas.

Ainda, segundo o mesmo autor, as produções linguísticas que o sujeito elabora, não correspondem a uma forma única de ver e interpretar o objecto social em questão, mas estão directamente limitadas pelos condicionamentos da situação em que o sujeito as emite. Quando é pedido a uma pessoa que evoque um determinado objecto social, é necessário assumir prontamente que ela não o faz no vazio, mas sim dentro de um contexto próprio, com um conjunto de informações que resultam da sua experiência directa ou indirecta em relação à estrutura social em que se encontra.

Através das representações sociais, o sujeito estabelece uma relação simbólica, conferindo uma interpretação ao objecto representado, o que dá à representação um carácter construtivo e expressivo por parte do sujeito. Esta actividade reenvia para processos cognitivos e psicológicos.

As representações surgem como uma forma de saber, que é desenvolvida e produzida pelo sujeito, com base na sua experiência e com a influência de uma multiplicidade de factores como a cultura, os valores, as crenças, a linguagem/comunicação e a sociedade – ideologia, história, estatuto e papel social (Jodelet, 1991).

A representação social comporta um carácter construtivo, criativo e autónomo com uma componente de reconstrução e reinterpretação do objecto e de expressão do sujeito, o que a torna mais do que uma simples reprodução passiva dos objectos externos em objectos internos (Jodelet, 1991).

Uma representação social é determinada pela estrutura e condições da sociedade em que emerge, o que pressupõe um tempo e espaço específicos e a existência de determinada conjuntura social, política, económica, etc., que funcionam como a determinação central do seu aparecimento.

Segundo Moscovici (1961), as representações sociais são analisáveis em três dimensões:

1. Informação – é a soma dos conhecimentos possuídos acerca de um objecto social, na sua quantidade e qualidade, mais ou menos estereotipado, banal ou original. Esta primeira dimensão indica a organização dos conhecimentos que um grupo possui em relação a um objecto social.

2. Campo de representação – é a unidade hierárquica dos elementos que exprime a ideia de uma organização de conteúdo e o seu carácter qualitativo. Supõe um mínimo de informação que é integrada a um nível criador de imagens que contribui para a sua organização. Este campo designa uma realidade psicológica que pode ser caracterizada em termos de: a) extensão – grandeza da representação; b) estrutura – os elementos estão organizados uns em relação aos outros, com hierarquias; c) grau de abstracção da representação. O campo da representação, bem como o nível de informação, é variável de um sujeito ou de um grupo para outro, ou ainda no interior dos mesmos segundo critérios específicos.

3. Atitude – é uma dimensão avaliativa que exprime a orientação positiva ou negativa de um sujeito em relação ao objecto. Ela existe sempre, mesmo com informação reduzida ou quando o campo de informação está pouco organizado, exprimindo o aspecto mais afectivo das representações. A atitude é caracterizada a partir de enunciados de valor, em termos de avaliação.

Para Moscovici (1961) cit. por Vala (1996), as condições que afectam a representação social são três:

A **dispersão e desfasamento da informação** reenvia para um desfasamento quantitativo e qualitativo entre aquela que é a informação disponível e a informação necessária para podermos compreender de forma suficientemente sólida o problema ou objecto em questão. A informação a respeito dos objectos não é igual de um grupo social para outro, visto que o acesso à informação não é aleatório, mas antes sim, socialmente regulado.

As **diferenças de focalização** referem-se aos interesses, valores, códigos, posições sociais de indivíduos e grupos. Deste modo, a representação social focaliza-se na particularidade do objecto que é relevante para o grupo social em questão, ou seja, o grupo/indivíduo focalizam de formas diferentes os objectos, consoante o seu grau de interesse ou implicação. A focalização está relacionada com os processos educativos, com as ideologias e com a forma como estes aspectos funcionam como parâmetros para que os sujeitos se focalizem e consigam gerir a pertinência da elaboração de uma representação mais sólida ou mais fluída a respeito de um determinado objecto.

A **pressão à inferência** diz respeito à pressão que o contexto social exerce sobre os indivíduos ou grupos, no sentido destes responderem às suas solicitações, fornecendo opiniões/explicações, tomando decisões, etc.. A pressão do contexto social repercute-se na selecção de informações e reflecte-se no processo de passagem da constatação à inferência. É o ponto que explica o facto de existir, entre a verificação de um fenómeno e a tomada de posição face ao mesmo, um espaço de tempo. A posição a tomar tem em conta os objectivos individuais e grupais e deverá respeitar as estratégias que o indivíduo e o grupo adoptarem como certas, pois este movimento vai posicionar o indivíduo face ao grupo e o grupo face a outros grupos.

Estas três condições revelam que a formação das representações realiza-se na interacção social, serve a interacção e é afectada pelos dinamismos sociais, cujas lógicas regulam a focalização, a difusão de informação e as pressões para a inferência (Vala, 1986).

É o jogo destas três condições que influencia a natureza da organização da representação social, nomeadamente ao nível do seu estilo e qualidades formais, em virtude destas serem o reflexo da situação social na qual se forma a representação e o seu grau de estruturação (Herzlich, 1972).

A formação de representações corresponde a um esforço de adaptação dos indivíduos e grupos, relativamente a informações novas ou abstractas, transformando-as em usuais, familiares e ligadas a aspectos da realidade e da vida quotidiana (Moscovici, 1984)

A função de familiarização com o estranho é assegurada pelos dois principais mecanismos geradores de representações, que coexistem e se completam: a objectivação e a ancoragem.

Objectivação

É o processo através do qual se materializa o conhecimento em objectos concretos, dando corpo aos esquemas conceptuais. Passa-se do objecto à sua imagem e desta à construção da realidade social.

Numa primeira fase da "objectivação", verifica-se uma **retenção selectiva** das características da realidade em causa. As informações são seleccionadas, filtradas e contextualizadas, e deste modo, os elementos retidos são reorganizados pelo sujeito.

A segunda fase do processo diz respeito à construção de um **esquema figurativo do pensamento** e mediante a **naturalização** processa-se uma classificação dos conhecimentos relativos ao objecto, operando-se a passagem da representação abstracta a imagens concretas. Assim, dá-se uma concretização dos elementos figurativos em elementos da realidade, isto é, uma transformação de elementos do pensamento em verdadeiras categorias sociais de linguagem.

Segundo Jodelet (1984), o processo de objectivação tem por base três pressupostos: em primeiro lugar, o pensamento social tende a estruturar-se segundo construções estilizadas, figurativas e significativas; o segundo pressuposto indica-nos que por omissão ou exacerbação de algumas características poderá criar-se uma visão distorcida dos objectos das representações; em terceiro e último lugar, considera-se que a existência de elementos culturais que povoam o universo mental de grupos e indivíduos podem ser mobilizados, condicionando todo o processo de formação de uma representação.

Ancoragem

Segundo Jodelet (1984), o processo de ancoragem e o processo de objectivação estabelecem entre si uma relação dialéctica. Moscovici (1961) afirma a este respeito: "se a objectivação explica como elementos representados de uma teoria se integram em termos da realidade social, a ancoragem permite compreender a maneira como eles contribuem para exprimir e construir as relações sociais" (p.318).

As duas dinâmicas, objectivação e ancoragem são, aparentemente, opostas. Uma, visa criar as "verdades evidentes" para todos e independentemente de todo o determinismo social e psicológico. A outra, designa a intervenção de tais determinismos na sua origem e transformação. Por esta razão, os estudos sobre representações sociais não podem consistir somente nos saberes comuns, eles devem também estudar a sua especificidade num sistema de regulações simbólicas (Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1992).

O processo de ancoragem diz respeito à integração de um objecto desconhecido até então, no sistema de pensamento pré-existente (Moscovici, 1961).

Segundo Doise (1990), consiste na incorporação de novos elementos do saber dentro de uma rede de categorias mais familiares. A construção de uma representação opera-se com referência às crenças, aos valores e aos saberes pré-existentes e que são determinantes no grupo. A ancoragem remete para a necessidade inerente ao tratamento da informação e de existência de pontos de referência. Quando um sujeito pensa num objecto, o seu universo mental é constituído por experiências e esquemas de pensamentos anteriormente estabelecidos, e é com base nestas referências e nestes esquemas que o sujeito vai pensar o objecto.

Jodelet (1984) afirma que no processo de ancoragem podem ser considerados três sistemas:

- **Sistema de interpretação:** a interpretação serve para descodificar aquilo que nos rodeia, permitindo integrá-lo em classificações que servirão de ajuda à compreensão. Deste modo, o sistema de interpretação converte-se num sistema mediador e regulador da relação social, propondo repertórios e tipologias que servem para avaliar os acontecimentos e os comportamentos.
- **Sistema de significação:** a rede de significações mostra a relação que existe entre os diferentes elementos, e como tal reflecte a identidade dos indivíduos e dos grupos através das diversas significações presentes nas suas representações.
- **Sistema de integração:** permite compreender como se opera a relação entre o tipo de representação pré-existente e os novos elementos com o qual o sujeito se vai confrontar. Este aspecto relaciona a ancoragem como uma inserção da representação social nos sistemas cognitivos.

A ancoragem reenvia, assim, para a classificação os objectos sociais por meio de um processo de categorização, na medida em que permite a integração cognitiva do que é novo e estranho e conduz à transformação do sistema categorial. Este processo completa o processo de objectivação conferindo uma significação social ao esquema objectivado. A ancoragem referencia um fenómeno de atribuição de sentido e confere à representação social o seu carácter instrumental.

De acordo com a psicologia social cognitiva, poderemos estabelecer facilmente a relação entre os processos de objectivação e ancoragem, com o processo de categorização. Vala (1996), refere ainda que a ancoragem remete para a função social das representações. As representações sociais fornecem uma série de significados que vão permitir a ancoragem da acção e a atribuição de sentido aos acontecimentos, aos comportamentos, e aos factos sociais. Os fenómenos que são descritos através do processo de ancoragem aproximam-se dos que sustentam o conceito de categorização.

1.3. As Representações Sociais e o Processo de Categorização Social

1.3.1. Categorização e suas Funções

Segundo Tajfel (1972), a categorização é entendida como um processo psicológico que tende a ordenar o meio social em termos de categorias, sendo que a sua principal função é a sistematização do meio. O sistema de categorização deve estar adaptado ao meio, da mesma forma que a informação se deve adaptar às categorias pré-existentes.

Para Tajfel (1972), é através dos processos indutivo e dedutivo que se dá a integração/inclusão dos objectos e das acções nas estruturas que os indivíduos têm à sua disposição.

O processo indutivo consiste em associar um objecto a uma categoria, a partir de certas características desse objecto, que por sua vez são semelhantes a outros já pertencentes a essa mesma categoria. O processo dedutivo consiste em integrar o objecto numa categoria, associando a esse objecto as características dessa mesma categoria.

Henri Tajfel chega mesmo a afirmar que certos aspectos da informação são seleccionados ou mesmo modificados para que se adaptem melhor a uma categoria (Moscovici, 1972).

Segundo Rosch (1976, 1978), na organização hierárquica das categorias, pode distinguir-se um nível superior de categorização (e.g. frutos), um nível de base (maçã, pessego, pêra) e um nível inferior (passas de uva, pêra-rocha). Deste modo, a categoria é definida não apenas pelos atributos comuns aos seus elementos, mas também pela similaridade objectiva e pela possibilidade de identificação das formas do nível de base.

A categoria de base comporta os elementos que possuem o máximo de semelhanças a nível perceptivo/figurativo entre si, permitindo que o sujeito capte o maior número de informações com o mínimo esforço cognitivo.

Segundo Nelson (1974, 1977), as categorias são representações derivadas de *scripts* representando acções que se desenrolam no tempo e no espaço, sendo que a pertença categorial é definida pela posição dos elementos do *script* (e.g. categoria “vestuário”, *script* – “vestir-se para sair”).

Paez (1987) refere que a formação de classes de objectos é um processo básico de processamento de informação, o qual designamos de categorização, que se caracteriza pela acção de reunir os estímulos num grupo ou classe determinados.

O processo de categorização é um processo de “aproximação homogénea de estímulos rotulados como semelhantes e a diferenciação de estímulos rotulados como diferentes, no sentido da formação de categorias.” (Stephan, 1985; cit. por Paez, 1987).

Tajfel (1982), refere que o processo de categorização social pode ser encarado como um sistema de orientação que auxilia na criação e definição do lugar do sujeito na sociedade. O processo de categorização permite-nos a orientação no mundo, uma vez que nos fornece um esquema de reconhecimento e significação, que por sua vez tornam compreensíveis os estímulos que nos rodeiam. (Moscovici, 1972).

Segundo Moscovici (1984), a categorização consiste num “eixo dedutivo” onde se inferem conclusões sobre um objecto social a partir de uma categoria à qual se associou o objecto, e num “eixo indutivo” em que se identifica um objecto como pertencente a uma categoria de dados insuficientes.

Assim sendo, a categorização selecciona e organiza o real fornecendo-lhe uma estrutura que vai facilitar a apreensão e o controlo dos fenómenos.

Segundo Abric (1987) esta sistematização da informação garante a possibilidade de comunicação e a sua eficácia, ou seja, a categorização para além de ser um instrumento de comunicação é simultaneamente um instrumento de orientação da acção.

Este processo permite ao sujeito a possibilidade de classificar acontecimentos sociais, pelo seu reconhecimento como pertencendo a um determinado grupo, e posicionar-se face a esses acontecimentos de acordo com o seu sistema de crenças, valores e ideologias.

Para Leyens e Codol (1988; cit. por Hewstone et. al, 1988), a categorização facilita a apreensão e o processamento da informação, sendo por isso extremamente útil se tivermos em conta que a nossa capacidade de processar informação é muito reduzida quando comparada com a quantidade de informação disponível.

1.3.2. Representações Sociais e Identidade Social

“As categorias sociais não existem enquanto fenómenos objectivos, dotados de propriedades psicofísicas, mas correspondem a constructos sociais.” (Tajfel, 1978-1982; cit. por Marques, 1988, pp. 279-305).

Tajfel (1969; cit. por Marques, 1988), sugeriu que as categorias e as crenças sociais têm uma função de justificação das relações reais que existem na sociedade e, embora o processo de categorização social em si mesmo seja invariante, o conteúdo atribuído à pertença categorial dos indivíduos a esse grupo vai depender desse mesmo consenso.

Ao nível das categorias sociais, Tajfel (1982) sublinha o papel dos valores e da cultura na sua elaboração bem como na atribuição de uma categoria a um indivíduo, grupo ou acontecimento social, explicando o processo de categorização social em três componentes psicológicas:

- 1- Componente Cognitiva:** que se refere ao facto de o indivíduo conhecer a sua pertença a uma categoria social.
- 2- Componente Avaliativa:** referente à organização das categorias sociais em termos das suas posições relativas numa dimensão de valor.
- 3- Componente Emocional:** está ligada às consequências das componentes anteriores para o indivíduo.

Para o autor, estas três componentes estão na base da *identidade social* do sujeito, enquanto reconhecimento de pertença a certos grupos ou categorias sociais, reconhecimento esse que é acompanhado de significações emocionais e avaliativas.

Vala (1981), refere que as representações sociais contribuem para a diferenciação dos grupos sociais e preenchem algumas funções na manutenção da identidade social e no seu equilíbrio.

Sousa (1988), no estudo do papel das identificações sociais nos conteúdos representacionais, considera que aquilo que estrutura os conteúdos evocados pelos indivíduos é a componente emocional ou a identificação a um grupo.

As situações sociais que obrigam os indivíduos a agir de acordo com a sua vinculação (identificação) a um grupo de pertença, acentuam neles certas identificações que anteriormente pouco significado tinham para eles e que, por sua vez, vão potenciar as “afiliações grupais”, que até aí não passavam de hipóteses (Tajfel, 1981; cit. por Ventura & Sousa, 1992). Os interesses grupais e as dinâmicas intra e intergrupais direccionam a construção das representações sociais (Breakwell e Canter, 1993).

1.3.3. Representações Sociais e Atitudes

Ao representar o indivíduo faz apelo às informações relativas ao objecto e às suas crenças e atitudes, criando uma nova imagem do objecto. A representação permite compreender a realidade através do seu próprio sistema de referência e desenvolver uma actividade de assimilação e apropriação da realidade (Aebischer et col., 1990).

Segundo Doise (1990), as “representações sociais são sempre tomadas de posição simbólicas, organizadas de forma distinta, sendo influenciadas pelas relações e dinâmicas sociais, e constituindo o princípio organizador das relações que se estabelecem entre os actores sociais” (op. cit. p.152).

As atitudes são um mecanismo psicológico, estudado por relação ao mundo social e em conjugação com os valores sociais e crenças. São consideradas como uma das componentes da representação social, pois elaboram-se através das relações de comunicação estabelecidas entre os indivíduos, reflectindo uma diversidade de factores, como por exemplo as crenças, os sentimentos ou as percepções.

Doise (1990), relaciona as atitudes psicológicas com os valores sociais. Estes últimos são considerados como elementos próprios de um modo de vida colectiva, enquanto as atitudes são vistas como tendências para agir objectivas e observáveis, ou seja, as atitudes surgem como a vertente psicológica de uma realidade, na qual a vertente social é constituída pelos valores e crenças.

Segundo Socza (1988), o estudo das atitudes remete para vários factores, nomeadamente:

- sujeito: o actor específico que exhibe um comportamento específico;;
- objecto: o alvo da atitude;
- contexto: remete para vários aspectos que influenciam a atitude e o comportamento exibido pelo sujeito face ao objecto (e.g. a existência ou não de contacto com o objecto de atitude e a disponibilidade de informação);
- influências: remete para vários itens que influenciam o tipo de atitude exibida pelo sujeito face ao objecto – quais os determinantes das atitudes (e.g. a experiência com o objecto de representação, atitude face ao objecto, características psicossociais do próprio sujeito);
- consequências: assumindo que este quinto factor se refere aos efeitos da atitude, atitudes mais favoráveis e positivas face ao objecto de representação, conduzem a comportamentos mais adequados e desejáveis.

1.4. Funções das Representações Sociais

1.4.1. Representações Sociais e Organização Significante do Real

Moscovici (1984) refere que as representações sociais tornam em algo familiar aquilo que é estranho.

A função de significação do real atribuída às representações, coincide com as funções atribuídas à categorização e às atitudes (Vala, 1996).

Contudo, no âmbito das representações sociais, as atitudes são uma das suas dimensões (dimensão avaliativa), bem como a categorização (processo cognitivo).

A atribuição de sentido que as representações sociais fornecem aos objectos está intrinsecamente ligada ao facto das mesmas constituírem um sistema de interpretação, no interior do qual o meio envolvente se torna coerente e assimilável pelo indivíduo e pela estrutura social.

Segundo Vala (1996), as representações sociais ganham sentido no meio em que se encontram – dimensão avaliativa – e são elas próprias que fornecem o sistema de significações no qual uma estrutura de categorias ganha sentido – processo cognitivo.

Em suma, e citando Ibanez (1988, p. 37; cit. por Vala, 1996), “as representações sociais contribuem para constituir o objecto do qual são uma representação”.

1.4.2. Representações Sociais e Comunicação

Segundo Rimé (1984; cit. por Vala, 1996), as representações sociais são um alicerce para a comunicação. Por outro lado, a existência de um sistema de categorização e interpretação comuns bem como a partilha de uma mesma linguagem, são factores imprescindíveis à comunicação.

Para Moscovici & Hewstone (1984; cit. por Vala, 1996), o que caracteriza a forma de funcionamento de uma representação social é a sua capacidade de transformar a avaliação em descrição e também a capacidade de transformar a descrição em explicação.

Seguindo esta mesma linha de pensamento e situando a função da representação social na comunicação, verificamos que as representações sociais estão centradas na orientação das actividades avaliativas e explicativas.

Quando a respeito de um qualquer tema não existe consenso entre dois indivíduos ou grupos nas diferentes posições tomadas face à problemática em questão, não significa que não haja comunicação, mas sim activa-se e discute-se as representações sociais através da argumentação e do debate (Vala, 1996).

Da mesma forma se pode dizer que podemos situar a gestão das representações no contexto da comunicação, bem como a comunicação e a linguagem na origem e dinâmica das representações (Billig et al., 1988; cit. por Vala, 1996).

1.4.3. Representações Sociais e Comportamentos

Vala (1996), faz referência a alguns estudos experimentais sobre representações e comportamentos, no início dos anos 70, nomeadamente os estudos de Abric e Codol. Nesses estudos os próprios indivíduos controlavam as representações e com base nelas escolhiam as tomadas de posição face ao objecto da representação que consideravam mais adequadas.

Segundo Abric (1987), os estilos de comportamentos não fazem mais do que generalizar e suscitar novas imagens, ou seja, os estilos comportamentais mobilizam representações sociais organizadas e convencionalizadas que servem de ancoragem para elaborar os significados dos comportamentos. Os sujeitos são possuidores de diversas representações a respeito dos diferentes significados que pode ter um determinado tipo de comportamento.

Para Vala (1996), quando falamos da funcionalidade das representações enquanto elementos que nos orientam os comportamentos, referimo-nos aos comportamentos representacionais. Mais concretamente refere-se ao facto das representações conterem entre si os modos desejáveis de acção, o facto de proporcionarem a constituição de significado do objecto da representação e do meio que o envolve e ainda, o facto de permitir dar um sentido próprio ao comportamento. De forma mais ou menos consciente, os nossos comportamentos estão condicionados pelas representações que possuímos.

Segundo Moscovici (1976), as representações sociais constituem uma orientação para a acção, pois a acção envolve um sistema representacional, uma rede de representações que ligam o objecto e o seu contexto.

1.4.4. Representações Sociais e Diferenciação Social

Doise (1973; cit. por Vala, 1996) realçou que a dinâmica das relações inter-grupais conduzem a modificações adaptativas nas representações, atribuindo ao outro grupo certas características que promovem a discriminação e justificam os comportamentos discriminatórios.

Posteriormente, Doise (1983; cit. por Vala, 1996), na sua teorização sobre a diferenciação categorial distinguiu três níveis de relações inter-grupais:

- nível comportamental;
- nível avaliativo;
- nível das representações.

Ao formular a sua teoria Doise (1990), propôs a hipótese de que as representações se estruturariam de acordo com as estratégias grupais, partindo do pressuposto de que se alguma alteração ocorresse em algum destes níveis, então todos os outros sofreriam também alterações.

Para Abric (1987), a representação é informativa e explicativa da natureza das ligações sociais intra e inter-grupais, destacando assim o seu papel fundamental na compreensão dos comportamentos e dos seus determinantes, bem como das práticas sociais.

Abric (1994), define as quatro funções das representações sociais de uma forma bastante sistematizada:

1. Função de Saber: As representações como saber prático do senso comum permitem compreender e explicar a realidade, possibilitando aos indivíduos adquirir conhecimentos e integrá-los num quadro assimilável e compreensível, quadro este coerente com os valores aos quais os indivíduos aderiram. As representações sociais determinam um quadro de referência comum que permite trocas sociais, transmissão e difusão do saber, facilitando, deste modo, a comunicação social.

2. Funções Identitárias: as representações sociais definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos. Deste modo, as representações permitem aos indivíduos e grupos situarem-se no campo social, elaborando uma identidade social e pessoal gratificante.

Segundo Vala (1986), se a especificidade da situação de cada grupo social contribui para a especificidade das suas representações, a especificidade das representações contribui, por sua vez, para a diferenciação dos grupos e corresponde à procura de uma identidade positiva.

3. Funções de Orientação: as representações guiam os comportamentos e práticas, e o processo de orientação de conduta das representações resulta de três factores essenciais:

a) a representação intervém directamente na definição e finalidade da situação, determinando à priori o tipo de relação pertinente para o sujeito;

b) a representação produz um sistema de antecipação e expectativas, precede e determina uma interacção;

c) a representação prescreve comportamentos, define o que é lícito, tolerável ou inaceitável num determinado contexto social (Abric, 1994).

4. Função Justificativa: as representações permitem justificar à posteriori as tomadas de posição e comportamentos. Ao justificar ou explicar as acções de um indivíduo ou grupo numa determinada situação, as representações mantêm ou reforçam a posição social do indivíduo ou grupo.

As representações sociais são um elemento essencial na compreensão das interacções e práticas sociais. Por outro lado, a representação social é induzida e modulada pelas interacções sociais devido às suas funções justificativas, adaptativas e de diferenciação social. As representações sociais e as interacções sociais constituem assim um duplo sistema, onde umas determinam as outras (Abric, 1994).

Deste modo, pode constar-se o papel essencial que as representações têm no executar de determinada acção, bem como o papel que desempenham na avaliação da acção, permitindo assim aos actores explicar e justificar as suas condutas e as dos seus companheiros, como ocorre nas relações entre grupos.

Desta concepção resulta um novo papel para as representações sociais, o da manutenção ou do reforço da posição social do grupo em causa.

Considerando as representações sociais, enquanto sistemas de representação, estas regem a relação do indivíduo com o mundo e com os outros, organizando e moldando os padrões de conduta e os padrões de comunicação social. Intervém ainda de forma importante nos processos de difusão e assimilação de conhecimentos, na definição da identidade social e profissional, no desenvolvimento sócio-cognitivo, na comunicação entre grupos e na dinâmica das transformações sociais (Jodelet, 1989).

2 - ADOLESCÊNCIA

2.1. Breve Perspectiva Histórica da Adolescência

A descrição da adolescência como etapa particular do desenvolvimento humano é uma descoberta recente, pois a cultura adolescente tal como hoje a conhecemos só teve a sua origem com a revolução industrial.

Até aos finais do século XIX, a escola era frequentada por uma minoria e poucos eram os que a frequentavam para além dos 10-12 anos, uma vez que era comum as crianças entrarem no mundo do trabalho a partir dos 7 anos. Foi com a industrialização que aumentou a necessidade de formação, e por consequência diminuiu a independência dos adolescentes e aumentou o controlo parental. Nesta época surge, então, o nascimento da família moderna, constituída pela célula restrita do pai, da mãe e dos filhos. O nascimento da família contemporânea coincide com o aparecimento da adolescência : entre a puberdade e o casamento instala-se um longo período, no qual o jovem vive sob a tutela dos pais.

A adolescência tornou-se numa fase longa do ciclo de vida e a importância que passou a ser dada a este período está também relacionada com os interesses económicos e comerciais que a cultura adolescente veio despertar (Teixeira, 1995).

Nas sociedades mais primitivas a adolescência era vista como uma etapa curta e como palco de rituais de separação da família de origem e de aquisição rápida do novo *status* de adulto, mas hoje por diversas causas a puberdade acontece mais cedo mas a independência vem cada vez mais tarde, devido ao prolongamento dos estudos e às dificuldades de obtenção de emprego e casa própria (Almeida, 1987).

Num estudo feito em Samoa na Oceania, a antropóloga Margaret Mead, observou que os rapazes e as raparigas que atravessavam as mudanças fisiológicas próprias da puberdade não apresentavam nenhum sinal de tensão especial, ou de dificuldades. Estes adolescentes eram introduzidos na vida dos adultos e nas suas responsabilidades de forma gradual e adequada às suas possibilidades, os conflitos discutiam-se e resolviam-se abertamente e isso fazia com que a adolescência fosse uma agradável época de vida (Mead, 1961).

Já na nossa sociedade, os números referentes ao abandono escolar, das tentativas de suicídio, de suicídios, de abuso de álcool e substâncias ilícitas, de gravidezes não planeadas, entre outros aspectos, reflectem o desajuste familiar e social que ocorre nesta etapa.

Segundo Almeida (1987), os adolescentes de hoje vêm-se confrontados com uma sociedade em constante mudança, onde tudo corre, e onde os valores e os papéis sociais e familiares são cada vez menos nítidos e mais instáveis.

Para Lourenço (1998), sendo a família a mais importante e antiga das instituições sociais humanas, é nela que todos realizamos o processo de socialização, e onde aprendemos as dimensões mais significativas da interacção e satisfazemos as nossas necessidades fundamentais. Deste modo, a forma como se deu o desenvolvimento durante a infância revela-se como um factor extremamente importante e que explica muitas das dificuldades da adolescência.

2.2. Da Puberdade à Adolescência

2.2.1. Transformações Físicas e Implicações Psicológicas da Puberdade

O acontecimento biológico universal que marca o fim da infância e o início da adolescência é a puberdade fisiológica.

Num período que em média se desenrola de três a quatro anos, o corpo da criança vai sofrer um conjunto de transformações morfológicas e fisiológicas fundamentais. Esse desenvolvimento do sistema de reprodução e o aparecimento das características sexuais secundárias trazem uma profunda modificação na imagem corporal, até porque as mudanças biológicas da puberdade são relativamente rápidas.

As datas de início e do fim da puberdade apresentam importantes variações individuais, apesar de geralmente se admitir que a puberdade tem o seu início aos 9-12 anos para as raparigas e aos 11-14 anos para os rapazes.

O ciclo do desenvolvimento pubertário desenrola-se segundo um plano determinado, mas a idade do aparecimento, assim como o ritmo de desenvolvimento, diferenciam-se notavelmente. As causas da variabilidade estão ligadas a factores de ordem étnica e climática, e ainda, às condições de nutrição, que parecem ter um papel preponderante. (Blos, 1985). O atraso no aparecimento da puberdade está associado, por exemplo à existência de doenças crónicas ou a carências alimentares (Marcelli & Braconnier, 2000).

As transformações físicas constituem-se como um factor central na construção da personalidade adolescente, e a rapidez das modificações somáticas ataca a consistência da imagem corporal adquirida na infância, precipitando o adolescente para a maturidade física e a conseqüente transição psicológica. Através da nova imagem corporal, o adolescente tem de instaurar a sua identidade: masculina ou feminina.

Desta forma, é natural que em torno da representação da imagem física se crie um elevado nível de preocupações, ansiedades e insatisfações e rapazes e raparigas desenvolvem preocupações específicas. A imagem corporal, relativamente estável entre os 8 e os 11 anos, sofre uma série de perturbações, que atingem o seu máximo por volta dos 14 anos, para se restabelecer progressivamente pelos 18 anos.

No processo de crescimento, que se inicia com a puberdade entram em jogo diversos factores, e à mudança física associam-se experiências emocionais muito intensas. As alterações corporais e de ordem pulsional impõem a procura de novos equilíbrios nas relações com o mundo e com o self, quer pela precocidade das alterações, quer pelo seu atraso, relativamente aos seus pares, que provocam nos adolescentes ansiedade e incerteza.

As manifestações físicas da maturação sexual, são a principal referência do fim da infância e do início da adolescência, e dão a esta fase de crescimento uma importância notável.

2.3. A Adolescência como Processo de Transição

O termo “adolescência” deriva da palavra latina *adolescere*, que significa tornar-se maturo, amadurecer.

Para definir a adolescência é preciso encará-las como um período do desenvolvimento humano, que tal como todos os outros períodos de desenvolvimento, se sedimenta em transformações psicológicas de adaptação à mudança.

A adolescência é uma época da vida marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afectivas, intelectuais e sociais; mais do que uma fase, é um processo dinâmico de passagem entre a infância e a idade adulta, processo este que não é tarefa fácil para o adolescente.

Segundo Daniel Sampaio (1995) a adolescência é “uma etapa do desenvolvimento, ocorrendo desde a puberdade à idade adulta, ou seja, desde a altura em que as alterações psicobiológicas iniciam a maturação até à idade em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida” (pp. 61).

Segundo Coleman (1985), a adolescência é reconhecida como uma passagem crítica, pois corresponde a uma fase do desenvolvimento psicosexual do indivíduo.

De acordo com Laufer em 1972, citado por Sampaio (1993, 1995) podemos destacar três núcleos principais nas tarefas adolescentes:

1. Modificação na relação com os pais

O processo de autonomia do adolescente a caminho de uma identidade, traduz-se pela separação em relação à família. O adolescente terá que abandonar progressivamente a relação de dependência narcísica infantil face aos pais e caminhar para uma progressiva autonomia face à família. Esta luta pela autonomia, que corresponde a um desejo fundamental, não está livre de instabilidades e de alguns choques com a família.

A emergência da maturidade sexual e o novo sentimento de identidade traz consigo movimentos afectivos intensos e contraditórios em relação aos pais e isso cria um novo estilo de relação com os pais. Segundo Blos (1985), a tarefa de desidealização dos pais é a parte mais difícil da separação adolescente.

Este abandono dos objectos infantis faz com que o adolescente sinta um vazio que tenta preencher com comportamentos, que geralmente chamam a atenção dos pais.

A rejeição da autoridade paterna é fruto da sua necessidade de independência e as relações do adolescente deixam de ter a espontaneidade e naturalidade que tinham, surgindo no adolescente um misto de timidez, agressividade e revolta (Almeida, 1987).

A questão da **autonomia** adolescente vai exigir por parte da família novas adaptações, o que implica um grande stress familiar. A dinâmica familiar desta fase, considerada como a 4ª etapa do ciclo vital da família, traduz-se sobretudo por uma grande ambivalência por parte do adolescente, que quer crescer, quer separar-se mas tem algum receio desse movimento, e pelo sofrimento dos pais que antecipam a fase do “ninho vazio” e o voltar a viver como um casal (Lourenço, 1998).

Daqui se conclui que é preciso encontrar um novo equilíbrio no sistema familiar, pois não só o adolescente tem que mudar a relação com os pais, como estes também terão que abandonar a relação infantil com os seus filhos e deixá-los partir.

2. Modificação na relação com os amigos

Com a diminuição da dependência afectiva face aos pais, característica do período infantil, o adolescente vai também começar a alterar a relação com os seus companheiros e o grupo reveste-se da maior importância, porque para o adolescente os amigos são fundamentais.

A integração do adolescente na cultura dos pares é o primeiro e maior passo em direcção a uma vida autónoma. O grupo permite as identificações e a partilha de segredos, e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade do futuro jovem.

«Na adolescência os amigos são sobretudo companheiros de saídas à noite, parceiros de jogos nem sempre lícitos, confidentes de aventuras amorosas, espelhos de dúvidas pessoais, iniciadores conjuntos que levam à idade adulta.» (Sampaio, 1993, pp. 105).

O adolescente passa por uma fase grupal na qual podemos distinguir três fases: grupos predominantemente de um só sexo; grupos com a entrada de elementos do outro sexo; e finalmente quando o envolvimento afectivo-sexual se torna mais marcado, o grupo pode fragmentar-se, com a constituição de vários sub-grupos de namorados. O grupo começa normalmente a perder importância e o seu abandono corresponde a um marco decisivo para a entrada na vida adulta; é a construção da identidade pessoal que está em causa.

3. Modificação da relação com o corpo - a definição de Identidade Sexual

A construção da identidade pessoal é da maior importância na adolescência e o corpo é essencial para a sua construção assim como as novas experiências de envolvimento afectivo-sexual. As alterações bruscas que sofrem as proporções do corpo e os caracteres primários e secundários atacam a consistência da imagem corporal da infância e surge a necessidade de reconstruir a representação do corpo. Para que a **identidade sexual** se desenvolva, é necessário que o adolescente reconheça e aceite a sua nova imagem.

A imagem do corpo deixará de existir só para si, mas também para os outros e isso faz da família e dos amigos, elementos fundamentais nesse processo (Marcelli & Braconnier, 2000).

A capacidade de atingir uma sexualidade satisfatória depende em certa forma da maneira como foi vivenciada a sexualidade infantil. Sem o abandono das fixações afectivas na família original, não será possível resolver o problema do amor na adolescência.

A formação da identidade sexual e a formação do carácter e de um sistema de valores, decorrem com avanços e recuos, e marca o fim das tarefas da adolescência ocorrendo em média na nossa cultura entre os dezoito e os vinte e um anos.

Segundo Sprinthall & Collins (1994), o sujeito é consciente da alteração e desenvolvimento por que está a passar, sentindo-se simultaneamente assustado e satisfeito. No entanto, muitas das vezes, o adolescente não sabe como satisfazer as expectativas dos "outros" (pais, professores, etc.), como orientar os próprios esforços, como organizar as suas próprias qualidades e capacidades para assumir o comportamento apropriado a cada situação.

Numa fase em que as vivências são tão intensas e em que se tem sempre a perspectiva "omnipotente" de que tudo vai correr bem, a gestão de todos estes riscos torna-se difícil para os adolescentes e por isso é necessário ajudá-los a criar um espaço onde possam discutir as suas angústias e vivências, de forma a avaliarem mais correctamente as vantagens e desvantagens de determinados comportamentos que podem ser de risco para a saúde.

Deste modo, se definir o início da adolescência não é tarefa fácil, na medida em que a maturação sexual varia consideravelmente de indivíduo para indivíduo, definir o seu final é ainda mais difícil, não existindo nenhum marco biológico que nos indique a passagem à adultícia. Parece-nos pois legítimo afirmar que a adolescência é marcada por um início biológico e por um fim definido em termos de maturação psicológica, e fundamentalmente em termos culturais.

2.4. Desenvolvimento da Personalidade na Adolescência

Blos (1962) e Erikson (1968) podem ser considerados como os dois teóricos que mais se preocuparam com o desenvolvimento da personalidade na adolescência.

A teoria de Blos segue o referencial da psicanálise clássica, recorrendo aos conceitos de pulsões e fixações. Blos, tal como os autores freudianos, considera que o ambiente exerce um papel secundário no desenvolvimento adolescente, sendo este fundamentalmente um processo intrapsíquico.

Erikson conceptualizou o desenvolvimento psicossocial da personalidade ao longo de todo o ciclo vital. Delimitou várias fases ao longo do ciclo de vida, a cada uma das quais corresponde uma tarefa psicossocial específica a realizar.

2.4.1. A Adolescência segundo Blos

A teoria de Blos contribuiu de forma marcante para a compreensão do desenvolvimento na adolescência, conceptualizando este período como um segundo processo de separação-indivuação que permite ao adolescente uma independência em relação aos objectos infantis internalizados. A conceptualização da reorganização da personalidade na adolescência através deste processo foi o seu maior contributo teórico.

O segundo processo de separação indivuação

O primeiro processo de separação-indivuação foi descrito por Mahler e dá-se cerca dos 3 anos de idade com a aquisição da constância do self e do objecto, e corresponde ao desenvolvimento do bebé desde uma fase simbiótica e de não diferenciação com a mãe, até à fase em que a criança se sente um ser individualizado.

O segundo processo de separação ocorre na adolescência e manifesta-se pela progressiva libertação da dependência familiar. A separação das dependências revela-se muitas das vezes como uma ruptura, em que o adolescente revela comportamentos e valores opostos aos da família, por exemplos através de passagens ao acto (Blos, 1979).

No desenvolvimento normal do processo de individualização, a desidealização dos objectos relacionais infantis é necessária, sendo que a oposição aos pais se trata de uma fase transitória.

Segundo Blos (1979), a reestruturação psíquica na adolescência é caracterizada por uma *regressão normativa*, que permite que os conflitos e fixações anteriores sejam modificados e tenham uma segunda oportunidade de resolução

A ambivalência característica desta fase manifesta-se na instabilidade emocional nas relações, e nas aparentes contradições entre pensamentos e sentimentos, que mais não são do que o resultado dos movimentos de oscilação independência-dependência.

No decorrer deste processo de separação surgem conflitos considerados fundamentais à aquisição da maturidade e que são acompanhados de estados afectivos, como o *afecto depressivo*, devido à perda dos objectos internos infantis e à desidealização do self. Nesta fase o *grupo de pares*, desempenha um papel fundamental substituindo em parte a família, facilitando assim o processo de individualização e o movimento de separação.

Contudo, para certos jovens estas tarefas ultrapassam os seus recursos psicológicos, surgindo o sofrimento psicológico, um desenvolvimento desadequado do Ego, ou até mesmo o adoecer mental.

Formação do Caracter na Adolescência

Segundo Blos (1962), a reestruturação psíquica do processo adolescente dá origem à formação do carácter, passando a existir uma maior previsibilidade e estabilidade ao nível de comportamentos, atitudes e relações.

Para o autor, existem pré-condições para a formação do carácter que são constituídas por quatro tipo de competências que correspondem a tarefas desenvolvimentais específicas da adolescência:

- 1- A primeira condição é a resolução do *segundo processo de individualização*.
- 2- A segunda condição é a *assimilação dos traumas residuais*, de modo a que se tornem parte integrante do ego, pois os “traumas residuais” que são as falhas do desenvolvimento anterior são um organizador que promove a consolidação do processo adolescente.
- 3- A terceira condição consiste na capacidade do jovem para estabelecer uma *continuidade histórica* de si próprio, pois a capacidade de se ver no passado, presente e futuro tem um efeito integrador e promotor do desenvolvimento.
- 4- A última condição consiste no estabelecimento da *identidade sexual*, que só é atingida após a desidealização dos objectos, e a resolução do Complexo de Édipo.

Depressão, Separação e Processo de Luto

A presença de momentos depressivos na adolescência é partilhada por diversos autores psicanalíticos (Cordeiro, 1988; Dias & Vicente, 1984; Laufer, 1984), existindo no entanto divergências quanto às causas subjacentes a esse afecto depressivo.

Alguns autores consideram que o processo adolescente se assemelha a um processo de luto, inevitavelmente acompanhado de depressão.

Dias (1984, citado por Sampaio, 1995) descreve cinco lutos obrigatórios, que correspondem aos **momentos depressivos normais no desenvolvimento adolescente**:

- *luto pela fonte de segurança* - corresponde ao luto da mãe refúgio;
- *luto renovado pelo objecto edipiano* - relacionado com o desinvestimento dos aspectos edipianos dos pais;
- *luto pelo ideal do Eu* - devido à perda da principal fonte do Ideal do Eu, ou seja, a imagem dos pais idealizados, no confronto com a realidade exterior;
- *luto pela bissexualidade* - com a escolha do objecto heterossexual;
- *luto pelo grupo* - o adolescente deverá a pouco e pouco afastar-se do grupo e ser capaz de viver independente, e aprender a estar só.

Outros como Marcelli e Braconnier (2000) negam a existência de perdas objectais e de um conseqüente processo de luto na adolescência e consideram que a depressão não se relaciona com a simples existência de um processo de separação-individação e suas perdas, mas sim com dificuldades na vivência desse processo e na reorganização das relações objectais que permitirão ao adolescente ser verdadeiramente autónomo.

As Fases da Adolescência

As várias fases do período adolescente são qualitativamente heterogêneas, e a duração de qualquer uma das fases não se fixa a nenhuma referência etária.

Blos (1996), apesar de considerar a divisão em fases uma abstracção, sendo que no desenvolvimento real não existe uma divisão clara e nítida, identifica na adolescência cinco fases internas à etapa adolescente, sendo que as tarefas específicas da adolescência assentam na resolução suficiente das fases anteriores:

1ª fase: pré-adolescência.

Coloca fim ao período de latência, caracterizando-se fundamentalmente por um aumento quantitativo da pulsão e as ansiedades típicas da fase edípica reaparecem com o início da puberdade no rapaz e na rapariga.

2ª fase: adolescência inicial.

Caracteriza-se pelo facto do adolescente se voltar para o Amigo. Nesta fase o problema das relações objectais passa para primeiro plano. A pré-genitalidade perde progressivamente a sua função saciadora, passando a uma actividade que dá origem a um novo componente pulsional, o prazer preliminar.

Nesta fase, rapaz e rapariga voltam-se para objectos exteriores, dando-se início à separação dos laços objectais antigos. O adolescente volta-se para o Amigo, e o Ideal do Ego passa a ser representado por este, uma vez que esse amigo possui as qualidades que o adolescente admira e que gostaria de possuir. Nesta fase formam-se amizades íntimas e idealizadas com pares do mesmo sexo.

3ª fase: a adolescência propriamente dita.

É caracterizada pelo encontro do objecto heterossexual, isto é, o adolescente volta-se progressivamente para o amor heterossexual.

Segundo Blos (1962), nesta fase intensa em termos emocionais, o adolescente afasta-se definitivamente dos objectos de amor infantis, sendo o objecto de amor, por um lado extremamente idealizado, e por outro lado marcado por uma semelhança ou diferença, em relação aos pais. Estas “paixões” são muitas vezes vividas na fantasia.

Para Blos (1962), na adolescência propriamente dita ocorre um renascimento do Complexo de Édipo e o amor maduro só progride à medida que se for resolvendo o Complexo de Édipo e ocorrer um desligamento dos objectos de amor iniciais.

Para o autor o desenvolvimento do ego nesta fase corresponde ao desenvolvimento dos processos cognitivos, nomeadamente ao desenvolvimento do pensamento formal, passando o adolescente a ser capaz de desenvolver um pensamento crítico, de se projectar no futuro, de pensar em termos de probabilidades e de construir teorias, verificando-se uma intensificação da introspecção – que denomina de “narcisismo adolescente”.

4ª fase: o final da adolescência.

Caracteriza-se pelo facto dos processos anteriores assumirem uma estrutura definitiva, consolidando-se a consciência do Eu.

O autor define o *Eu* ou *self*, como referindo-se à pessoa total do indivíduo, e *representações do self* como englobando a percepção imediata de experiências interiores, de sensações, de processo emocionais, intelectuais e de actividades funcionais, e a percepção indirecta do self mental e corporal.

Nesta fase da adolescência existe um *sentimento de unidade do self*, com o reconhecimento do seu self emocional, intelectual, social e sexual.

O estabelecimento de relações adultas estáveis e a consolidação da identidade sexual, exige como pré-condição o abandono das idealizações e dos objectos infantis.

No final da adolescência a identidade sexual assume a sua forma final e com o abandono das idealizações infantis e dos objectos, ocorre a emergência do *ideal do ego adulto*, que compreende um sistema pessoal de valores e ideais.

5ª fase: a pós-adolescência.

Blos considera que na 5ª fase existe uma harmonização dos constituintes da personalidade, pois nesta fase ocorre uma integração gradual com a preparação da escolha profissional, o namoro, o casamento, a paternidade, isto é, com o aparecimento dos papéis manifestos de jovem adulto.

A auto-estima sob o controlo do ideal do ego, torna-se mais estável e menos vulnerável a alterações externas, o que permite ao jovem desenvolver um modo de vida próprio. Esta fase corresponde ao período que Erikson denominou de moratória psicossocial.

2.4.2. A Adolescência segundo Erikson

Na década de 50, Erikson preocupado com os aspectos intelectuais e sociais da personalidade, desenvolveu uma teoria psicossocial do desenvolvimento normal da personalidade, compreendendo oito estádios.

Neste trabalho iremo-nos debruçar apenas sobre a quinta fase da sua teoria – *Identidade versus Confusão de Identidade*, tendo em conta que os participantes da nossa amostra são adolescentes.

Segundo Erikson na adolescência (12-18 anos) surge uma nova dimensão interpessoal, em que o sujeito pode pensar sobre as ideias de outras pessoa e imaginar o que os outros pensam sobre ele.

Se o adolescente puder integrar todas as imagens de si próprio (enquanto filho, estudante, amigo, etc.) num todo que faça sentido e que tenha continuidade histórica, entre o passado e o futuro, o adolescente pode desenvolver o sentido de quem é – o *sentido de identidade*.

A *crise de identidade* é o resultado, por um lado, do crescimento físico e da puberdade, e do desenvolvimento intelectual, e por outro, das novas pressões e solicitações culturais e sociais.

A crise de identidade é considerada por Erikson como uma crise normativa da idade adolescente e início da idade adulta, a qual se desenvolve inconscientemente, e que só é ultrapassada através de novas identificações com figuras fora do núcleo familiar (Erikson, 1968).

O *sentimento de confusão de identidade* surge quando a resolução da crise de identidade se torna demasiado difícil, por motivos pessoais, ou seja, a *confusão de identidade* é despoletada quando o adolescente se confronta com solicitações psicossociais às quais não é capaz de dar resposta, como por exemplo a competição, a intimidade física, e a definição vocacional.

Segundo Erikson, o período de latência é na teoria psicanalítica uma espécie de moratória psicosexual no desenvolvimento humano – período de espera que permite ao indivíduo um contexto de aprendizagem com uma calma das pulsões sexuais.

Contudo, esta teoria não fornece uma explicação para um segundo período que Erikson denominou de *moratória psicossocial*, que ocorre no final da adolescência, e no qual o jovem, já sexualmente maduro, é retardado na sua experiência psicosexual de intimidade e na aquisição do estatuto parental. Este tempo de espera é condicionado pelas condições psicossociais e culturais da sociedade ocidental, nomeadamente pelo prolongamento dos estudos.

Deste modo, a *moratória psicossocial* não é apenas um tempo de espera, pois é um período que vai permitir ao jovem encontrar o seu lugar na sociedade e que se caracteriza por diversas opções que são colocadas ao jovem e que este pode experimentar de forma lúdica, sem ter ainda assumido os compromissos de adulto.

No final da adolescência a identidade construída inclui as identificações significativas da infância e as novas identificações integradas num todo coerente.

Para o autor, o sentimento óptimo de identidade é inconsciente, sendo simplesmente vivido como um sentimento de reconhecimento por parte dos outros significativos que nos confere segurança interior, ou seja, um sentimento de bem-estar psicossocial.

Apesar da importância central da formação da identidade na adolescência, Erikson considera que a identidade é um processo dinâmico e que se desenvolve ao longo da vida, de forma inconsciente para o sujeito e a sociedade.

A intimidade e a Identidade

Segundo Erikson, a intimidade psicossocial com outra pessoa só é possível quando o jovem está suficientemente seguro da sua identidade, e essa intimidade pode manifestar-se quer nas relações de amizade, quer nas relações de intimidade sexual.

Segundo Erikson (1968), no estágio da formação da identidade, há aspectos que antecipam o desenvolvimento do estágio da intimidade, sendo que o primeiro é o da *polarização das diferenças sexuais*, que corresponde ao adoptar de uma proporção de masculinidade e feminilidade relacionadas com o desenvolvimento da identidade. De início o jovem não se sente pertencer claramente a um ou outro sexo, manifestando-se uma confusão bissexual, e como tal as “paixões” próprias da adolescência contribuem para a consolidação da identidade sexual através do feed-back que recebem dos parceiros.

Erikson realça o facto de muitas pessoas só adoecerem psicologicamente numa idade pré-adulta, uma vez que nessa idade ao verificar-se um comprometimento numa relação mais íntima, revela-se a fraqueza latente existente na identidade, pois só uma relação autêntica com os outros é a prova de que a personalidade está delineada de forma consistente.

Erikson e Blois são os teóricos que talvez mais se tenham debruçado sobre o desenvolvimento da personalidade na adolescência. Apesar do maior ênfase dado por Blois nos aspectos psicopatológicos, e de Erikson no desenvolvimento normal, há semelhanças importantes entre as duas abordagens. O período do fim e da pós-adolescência descrito por Blois, é o que Erikson denominou de moratória psicossocial, sendo a tarefa de maturação desta fase a formação do carácter, à qual corresponde, do ponto de vista psicossocial de Erikson, o estabelecimento da identidade do ego.

3 - CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS NA ADOLESCÊNCIA

3.1. Alguns Estudos de Prevalência do Consumo de Substâncias na Europa e em Portugal

- **Álcool**

No que diz respeito ao consumo de álcool, Portugal, está entre os primeiros na escala europeia, e logo a seguir à França, Portugal está no topo da União Europeia, sendo a Europa no seu todo o maior consumidor mundial. Um em cada dez portugueses tem graves problemas com álcool (Tavares, 2002).

Segundo a WHO, tem existido uma confluência de esforços coordenados na investigação acerca do consumo de álcool, nos jovens europeus, mais do que em qualquer outra região. No Projecto Comportamentos de Saúde em crianças e jovens em idade escolar, foram inquiridos alunos de 11, 13 e 15 anos em 22 países europeus, entre os quais Portugal, no período de 1997/98, sobre se esses adolescentes tinham experimentado álcool, se bebiam todas as semanas e se já se tinham embriagado (Jernigan, 2001).

A **Tabela 2** mostra os resultados no inquérito feito a alunos de 15 anos.

Neste grupo etário, as raparigas de cinco países (Inglaterra, Finlândia, Noruega, Suécia, Escócia) mostraram ter tido, tanto ou mais vezes, episódios de embriaguez do que os rapazes. Contudo, em todos os países, os rapazes bebem mais do que as raparigas quando o que está em causa é o comportamento de bebida semanal.

Tabela 2 – Consumo de Álcool aos 15 anos em 25 países europeus no ano de 1997

País	Prevalência ao longo da vida		Prevalência Semanal		Dois ou mais episódios de Embriaguez	
	M %	F %	M %	F %	M %	F %
Austria	94	96	39	23	49	36
Bélgica Flamenga	94	92	38	22	33	22
República Checa	98	97	32	19	36	22
Dinamarca	95	96	46	38	71	63
Inglaterra	96	96	47	36	51	52
Estónia	96	96	21	10	44	23
Finlândia	94	95	11	8	52	58
França	87	85	31	15	29	20
Alemanha	94	94	29	22	36	31
Grécia	96	96	52	31	24	21
Hungria	91	93	29	11	43	22
Irlanda	93	94	27	12	42	29
Israel	78	62	26	10	18	10
Letónia	97	95	28	12	47	23
Lituânia	97	97	16	9	32	20
Irlanda do Norte	94	90	33	20	53	44
Noruega	84	86	16	12	37	41
Polónia	82	81	20	8	39	21
Portugal	88	95	29	9	35	16
Federação Russa	94	95	28	24	32	25
Escócia	98	98	37	33	53	56
República Eslovaca	97	98	32	16	49	31
Suécia	96	95	17	11	40	40
Suíça	87	83	19	9	25	16
País de Gales	98	98	53	36	72	63

Fonte: Gabhainn & François, 2001.

No ESPAD (European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs), em 1999, utilizaram-se instrumentos standardizados e metodologias de investigação consistentes para que permitissem comparar os resultados dos adolescentes consumidores de álcool entre os 15 e os 16 anos, em 26 países e uma capital (Tabela 3).

Tabela 3 – Consumo de Álcool entre os 15 e os 16 anos num conjunto seleccionado de países europeus no ano de 1999

País	Prevalência ao longo da vida (10 ou mais vezes)			Consumo >= 10 vezes nos últimos 30 dias			Episódios de Embriaguez nos últimos 30 dias		
	M %	F %	Total %	M %	F %	Total %	M %	F %	Total %
Bulgária	21	12	16	6	4	5	12	6	11
Croácia	24	10	18	9	3	6	15	7	12
Chipre	32	12	21	14	4	8	18	8	12
República Checa	51	32	41	21	8	14	25	11	17
Dinamarca	66	53	59	23	13	18	37	22	30
Estónia	27	17	21	5	3	4	18	12	14
Ilhas Faroe	29	17	23	3	2	4	21	8	15
Finlândia	21	19	20	2	1	1	21	15	18
França	28	13	20	12	5	8	16	7	12
Antiga República Yugoslava da Macedónia	14	5	9	6	1	3	14	4	9
Grécia	54	33	42	19	11	13	13	5	9
Hungria	17	9	13	6	2	5	18	8	12
Islândia	15	14	14	1	1	1	18	15	17
Irlanda	41	39	40	18	16	16	32	32	31
Itália	23	13	17	12	4	7	-	9	-
Latvia	24	17	20	4	2	2	19	5	14
Lituânia	29	17	23	9	6	8	12	8	9
Malta	44	29	36	25	16	20	25	23	22
Noruega	18	13	16	3	1	3	26	23	24
Polónia	35	18	26	12	5	8	41	23	31
Portugal	21	16	15	9	4	6	10	4	6
Roménia	27	12	18	7	2	4	9	2	5
Federação Russa (Moscou)	34	26	30	11	5	8	20	12	16
República Eslovaca	31	23	27	9	5	7	12	7	8
Eslovénia	29	16	23	10	5	8	29	19	25
Suécia	23	15	19	2	1	2	22	13	17
Ucrânia	18	18	18	5	4	5	12	8	10
Reino Unido	51	43	47	17	13	16	33	27	30

Fonte: Conselho Sueco para a Informação acerca de Álcool e outras Drogas.

A Tabela 3 revela, que os rapazes apresentam uma prevalência de uso de álcool 40 ou mais vezes ao longo da vida, do que as raparigas, com exceção para a Ucrânia. Os rapazes afirmaram terem tomado bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias em 10 ou mais ocasiões, o que se revela superior às raparigas.

Conclui-se que o uso do álcool aumenta com a idade para todos os países e que no grupo etário de 15/16 anos, para quase todos os países, os rapazes apresentam uma maior prevalência de uso de álcool ao longo da vida e episódios de embriaguez mais frequentes (Jernigan, 2001)

Numa série de investigações em escolas públicas de várias regiões de Portugal, entre 1987 e 1993, a prevalência do consumo de álcool ao longo da vida dos alunos entre os 12 e os 18 anos, foi estimada em cerca de 60%. Quanto à prevalência do uso de álcool nos últimos 30 dias variou entre 27% e 42%, tendo em conta a faixa etária. Uma investigação de 1990 mostrou que 7% dos rapazes e 3% das raparigas, entre os 11 e os 12 anos, bebem todas as semanas, e esses valores sobem para 19% nos rapazes e 7% nas raparigas, entre os 13 e os 15 anos (idem).

Um dos resultados do estudo realizado pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, integrado numa investigação mais vasta da Organização Mundial de Saúde, refere que 71% dos jovens inquiridos já tinham experimentado álcool e 12% desses admitem ser consumidores regulares (de cerveja, vinho, ou bebidas espirituosas uma vez por semana ou mais). Os rapazes, nomeadamente os mais velhos, parecem ser aqueles que mais dificilmente resistem à tentação de experimentar bebidas alcoólicas. Entre os consumidores regulares de bebidas alcoólicas, 40% têm menos de 15 anos e 13,5% têm apenas 13 anos (Micael, 2002a).

Concluíram ainda que os adolescentes que já consumiram álcool e os consumidores regulares e abusivos apresentam um perfil de afastamento em relação à família, amigos e meio escolar, e que estes jovens admitem envolver-se com maior facilidade em situações de violência na escola, reconhecem consumir mais tabaco e outras drogas (Micael, 2002a).

- **Outras Drogas**

Investigações em meio escolar têm demonstrado que a percentagem de utilizadores de drogas ilícitas é habitualmente menos comum que a de consumidores de tabaco ou álcool, sendo o cannabis a substância ilícita mais frequentemente utilizada pelos adolescentes (Carvalho, 1997).

A cannabis, designadamente o haxixe, continúa a ser a substância ilícita mais consumida entre a população portuguesa. Cerca de 8% dos portugueses entre os 15-64 anos afirmaram já ter tido pelo menos uma experiência de consumo de cannabis ao longo das suas vidas, 10% da população escolar afirma o mesmo. Os resultados do inquérito à população portuguesa evidenciaram que a cannabis era a droga com mais referências de consumo em todos os grupos etários e independentemente do sexo. Apesar dos consumos de cannabis serem mais elevados no grupo masculino, foi a droga onde se registaram os consumos mais semelhantes entre homens e mulheres. Foram também os grupos etários mais jovens (dos 15-24 e dos 15-34 anos) que apresentaram as mais altas prevalências de consumo (IPDT, 2001a).

O estudo sobre as estimativas da prevalência e padrões de consumo problemáticos de drogas em Portugal, mostrou que a maioria dos consumidores problemáticos, tinha iniciado o consumo de drogas com o haxixe. A cannabis tem emergido nos últimos anos cada vez mais associada ao consumo de outras drogas, não só às drogas tradicionais destes circuitos como a heroína e cocaína, como também às mais recentes como é o caso do ecstasy (IPDT, 2001a).

Os resultados dos estudos realizados em 2001, a nível nacional, seja entre a população dos 15-64 anos, seja na população escolar do 3.º Ciclo do Ensino Básico, seja ainda entre a população reclusa, evidenciam que o haxixe é, indiscutivelmente a droga preferencialmente consumida pelos portugueses.

No âmbito do Programa de estudos em Meio Escolar, da responsabilidade do Núcleo de Investigação do IPDT, foi realizado em 2001, um inquérito nacional em meio escolar sobre o consumo de substâncias psicoactivas. Foram abrangidos os alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico e os alunos do Secundário, estando de momento apenas disponíveis os resultados relativos aos 25000 alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico (Feijão e Lavado, 2001).

Os resultados mostram que cerca de 14% dos alunos do 3.º Ciclo em Portugal, já tiveram pelo menos uma experiência ao longo da vida de consumo de substâncias ilícitas. O consumo de Cannabis (10%) continua a ser o mais referido nesta população escolar, tendo 8% mencionado experiências de outras drogas que não cannabis. Entre estas destacaram-se as prevalências ao longo da vida do consumo de ecstasy (4%) e de cocaína (4%), sendo idênticas as de heroína, anfetaminas, LSD e cogumelos mágicos (3%). As prevalências de consumo no último ano e último mês à data da inquirição, são como seria de esperar inferiores às reportadas para o longo da vida (Tabela 4).

Tabela 4 – Prevalência de Consumo* ao longo da vida, nos últimos 12 meses e últimos 30 dias , em alunos portugueses do 3º Ciclo, por tipo de droga (%)

Tipo de Droga	2001		
	Ao longo da vida	Últimos 12 meses	Últimos 30 dias
Qualquer droga	14	10	6
Cannabis	10	8	5
Qualquer drogas/ cannabis	8	5	3
Cocaína	4	2	2
Ecstasy	4	3	2
Heroína	3	2	1
Anfetaminas	3	3	1
LSD	3	2	1
Cogumelos Mágicos	3	2	1

*Pelo menos uma experiência , no período considerado.

Fonte: Feijão, Fernanda (coord.), Lavado, Elsa (2001), Inquérito Nacional em Meio Escolar, 3º Ciclo do Ensino Básico. Consumo de drogas e outras substâncias psicoactivas, Lisboa, NI, IPDT.

Comparativamente com outros estudos portugueses constata-se uma subida generalizada dos consumos e em especial da cocaína, apesar de relativamente a outros países da Europa, Portugal ainda continuar a registar valores inferiores à média europeia.

Na generalidade, tendo em conta os padrões regionais, constata-se que os consumos já não se localizam prioritariamente nas grandes regiões de Lisboa e Porto, mas que se dispersam por todo o país. Os resultados do Inquérito Nacional em Meio Escolar (IPDT, 2001b) apontam para as seguintes conclusões:

- os locais com maior prevalência de consumo de drogas ao longo da vida são os distritos de Vila Real, Castelo Branco e Santarém, bem como alguns concelhos como Cascais, Lisboa, Almada, Aveiro, Matosinhos, Porto, Feira e ainda os Açores.

- os locais de maior prevalência de consumo de cannabis ao longo da vida, são os Distritos de Castelo Branco, Santarém, Évora, Faro, e Ponta Delgada. Na região da Grande Lisboa, os concelhos de Cascais e Lisboa, e no Porto, os concelhos de Gaia, Feira e Aveiro.

Da iniciativa do IPDT e da responsabilidade científica do CEOS, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, foi realizado em 2001, o primeiro inquérito nacional sobre o consumo de substâncias psicoactivas a nível da população portuguesa. O inquérito foi aplicado a uma amostra de 15000 indivíduos, representativos da população entre os 15 e os 64 anos, ao nível de Portugal continental e ilhas (Balsa, C. et. al, 2001).

Tabela 5 - Prevalência de Consumo* ao longo da vida, nos últimos 12 meses e últimos 30 dias , em portugueses dos 15 aos 64 anos, por tipo de droga (%)

Tipo de Droga	2001		
	Ao longo da vida	Últimos 12 meses	Últimos 30 dias
Qualquer droga	7.8	3.4	2.5
Cannabis	7.6	3.3	2.4
Heroína	0.7	0.2	0.1
Cocaína	0.9	0.3	0.1
Anfetaminas	0.5	0.1	0.1
Ecstasy	0.7	0.4	0.2
LSD	0.4	0.1	0.0

*Pelo menos uma experiência , no período considerado.

Fonte: Balsa, Casimiro (coord.), et. Al (2001), Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa. 2001, Lisboa, CEOS/FCSH(UNL, (versão corrigida, 30/09/2002)

Os resultados da Tabela 5, mostram que cerca de 7.8% dos portugueses entre os 15 e os 64 anos, já tiveram pelo menos uma experiência ao longo da vida, de consumo de substâncias ilícitas. A substância mais referida foi maioritariamente a cannabis (7.6%). No caso das outras drogas, as prevalências de consumo foram inferiores a 1%, registando a cocaína uma prevalência de 0.9%, a heroína de 0.7%, o ecstasy 0.7%, as anfetaminas de 0.5% e o LSD de 0.4%. As prevalências de consumo no último ano e último mês à data da inquirição, são como seria de esperar inferiores às reportadas para o longo da vida.

Tabela 6 – Prevalência de Consumo* ao longo da vida, em portugueses dos 15 aos 64 anos, segundo o sexo e por tipo de droga (%)

Tipo de Droga	Prevalência de Consumo ao longo da vida		
	H	Total	M
Qualquer droga	11.7	7.8	4.0
Cannabis	11.5	7.6	3.9
Heroína	1.2	0.7	0.2
Cocaína	1.5	0.9	0.3
Anfetaminas	0.7	0.5	0.3
Ecstasy	1.1	0.7	0.3
LSD	0.7	0.4	0.1

*Pelo menos uma experiência, no período considerado.

Fonte: Balsa, Casimiro (coord.), et. Al (2001), Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa. 2001, Lisboa, CEOS/FCSH(UNL, (versão corrigida, 30/09/2002)

Tal como se pode observar na Tabela 6, as prevalências de consumo foram mais elevadas nos grupos masculinos ao nível de todas as substâncias e períodos considerados.

No que diz respeito às substâncias preferencialmente consumidas nos grupos masculino e feminino, as prevalências de consumo ao longo da vida, mostram no caso feminino, valores idênticos para o ecstasy e a cocaína, e enquanto a heroína é das menos mencionadas para o grupo em causa, no caso masculino foi dos mais referidos, só ultrapassado pelo consumo de cannabis e cocaína. Foi ao nível do consumo de heroína e cocaína que se verificaram as maiores diferenças em função do género. Por outro lado, no consumo de cannabis, anfetaminas e ecstsy foi onde se verificaram prevalências de consumo mais semelhantes entre o grupo feminino e masculino (Balsa, C. et. al, 2001).

3.2. Consumo de Álcool na Adolescência

A temática do consumo de álcool na adolescência, é uma área de investigação relativamente recente, sobretudo no nosso país (Reis, 1998), onde os estudos são ainda relativamente incipientes (Negreiros de Carvalho, 1996), comparativamente com outros países onde as investigações nesta área estão mais desenvolvidas.

Começamos por fazer uma abordagem à temática do consumo de álcool na adolescência, sob a perspectiva de diversos autores, mencionando estudos levados a cabo em outros países e em seguida fazemos referência às investigações levadas a cabo em Portugal.

Segundo Lowe, Foxcroft & Sibley (1993), a adolescência é muitas vezes indicadora de um espírito de transgressão dos limites, em que o adolescente desafia a autoridade adulta, adoptando um comportamento irreverente, transgressor, onde o consumo de álcool e drogas se tornam uma opção.

Muler (1987) defende que o consumo de álcool pelos adolescentes, surge muitas vezes como uma forma destes se afirmarem.

Um estudo levado a cabo por Davidson (citado por Muller, 1987), sobre o consumo de álcool e drogas, revelou que o álcool é a substância mais consumida pelos adolescentes, onde 13 em 100 estudantes do Ensino Secundário consomem pelo menos 3 bebidas (vinho e/ou cerveja) por dia, ou então consomem bebidas alcoólicas mais fortes (destiladas).

Braconnier e Marcelli (1989) realizaram um estudo epidemiológico onde estimaram que 3,3 milhões de adolescentes bebem excessivamente entre os 14-20 anos.

O consumo diário de vinho, cerveja e/ou bebidas fortes (destiladas), abrange cerca de 31% dos rapazes e 15% das raparigas.

A frequência com que os adolescentes bebem vinho e cerveja é de cerca de 3 copos por dia, enquanto que as bebidas fortes (destiladas) são consumidas várias vezes por semana.

Regista-se ainda, uma associação forte entre tabaco e álcool para os rapazes, enquanto que para as raparigas a associação é preferencialmente entre tabaco e medicamentos.

Adés & Lejoyeux (1997) efectuaram um vasto inquérito sobre o consumo de álcool na adolescência, onde constataram um aumento nítido e proporcional do consumo com a idade, onde 15% dos rapazes e 3% das raparigas, entre os 16/17 anos consumiam álcool, e para a faixa etária de 18 anos ou mais, o consumo aumentava ainda mais, abrangendo 22% dos rapazes e 5% das raparigas. No que respeita ao consumo excessivo, 17% dos rapazes e 10% das raparigas entre os 16/17 anos consumiam álcool em excesso.

Os autores concluíram que no geral os rapazes bebem mais que as raparigas, e verificaram uma forte associação entre substâncias lícitas (álcool, tabaco) e ilícitas (haxixe, heroína).

Sarafino (1990) levou a cabo um estudo nos E.U.A., onde estimou que 44% dos estudantes do Ensino Secundário referiam ter consumido álcool pelo menos 40 vezes no ano precedente, e destes 12% afirmavam consumir álcool diariamente. A proporção de rapazes e raparigas foi respectivamente de 29% e 15%.

Frejaille, Davidson & Choquet (1997) chamam a atenção para o facto do consumo de álcool aumentar de forma proporcional à idade, ou seja, os adolescentes bebem quatro vezes mais aos 18 anos que aos 15 anos.

Outros trabalhos, para além de evidenciarem que o consumo aumenta em função da idade, salientam que a variável sexo também faz variar o nível de consumo, o que é coincidente com o estudo de Jessor (1986), Menke e Choquet (1990), Lowe, Foxcroft & Sibley (1993), que constataram que os rapazes bebem mais que as raparigas.

Kagle (1987), defende que as diferenças em relação ao consumo de álcool entre os dois sexos, centram-se em torno dos diferentes papéis e expectativas. De acordo com esta perspectiva, as normas sócio-culturais vigentes na sociedade ocidental tornam o consumo melhor aceite nos homens do que nas mulheres, e por outro lado a opinião pública percebe de um modo bem mais negativo as mulheres que consomem álcool excessivamente, do que os homens.

Contudo, estudos recentes revelam cada vez mais o esbatimento das diferenças entre os sexos no consumo de álcool. O aumento do consumo de álcool pelas mulheres tem sido atribuído à progressiva diluição dos constrangimentos sobre o consumo de álcool nas mulheres e a diminuição do estigma social, bem como por uma maior liberdade de acesso a esta substância (Eliany et al, 1992 citado por Negreiros de Carvalho, 1996).

Segundo Beck & Sommons (1987), os rapazes bebem mais frequentemente e em maiores quantidades cerveja, licor e vinho, do que as raparigas.

Menke & Choquet (1990) verificaram que a maior parte dos sujeitos que declaravam ter consumido quantidades moderadas de álcool, tinham um hábito adquirido e persistente de bebida. As autoras propõem uma distinção entre consumo socializado e toxicomaniaco.

O **consumo toxicomaniaco**, diz respeito à procura da embriaguez pelo uso de álcool e drogas, ou seja, os adolescentes encontram-se para consumir álcool e outras substâncias psicotrópicas; enquanto que no **consumo socializado** os adolescentes consomem álcool quando se encontram em "saídas nocturnas".

Contudo as autoras chamam a atenção para o facto desta distinção ser uma abstracção, pois na realidade o que existe é um continuum, pois um grande número de adolescentes transformam o seu consumo socializado numa conduta excessiva.

Lopez, Antolin, Barecelo, Perez, Ballesteros & Garcia (2001) realizaram uma investigação que tinha por objectivo principal avaliar os comportamentos, hábitos e crenças associados ao consumo de álcool em estudantes, cuja média de idades se situava em torno dos 15 anos. 83,4% já tinham consumido álcool, tendo iniciado o consumo entre os 13 e os 14 anos. 48,5% iniciou o consumo em bares ou discotecas e 19% em casa. 47,5% já teve um episódio de embriaguez, 88,2% tem o hábito de beber álcool misturado com outras bebidas, 51,8% bebe aos fins-de-semana. 63,3% considerava fácil a aquisição de bebidas alcoólicas, dos quais 48,9% em supermercados e 26,4% em postos de abastecimento de gasolina. 71% dos consumidores concorda com a afirmação de que "o álcool é uma droga", mas 13% considera que não causa dependência.

Como factores associados ao consumo socializado temos:

- a relação positiva entre a idade e o aumento do consumo;
- o sexo: os rapazes consomem mais bebidas alcoólicas (vinho, cerveja, bebidas destiladas) que as raparigas; a disparidade entre os sexos tende a aumentar com a idade, uma vez que as raparigas têm maior tendência para abandonar voluntariamente o consumo.

Em Portugal existe uma cultura permissiva relativamente ao consumo de álcool, onde este não só é aceite como incentivado.

A investigação psicológica sobre a temática do álcool só começou a expandir-se nos últimos 50 anos, e embora ainda esteja numa fase inicial de desenvolvimento, recentemente surgiu o interesse de estudar o consumo desta substância na adolescência, o que vem de encontro ao facto de se ter registado um nítido aumento de consumo nesta faixa etária num grande número de países (Reis, 1998).

No que respeita ao consumo de álcool em Portugal, Negreiros de Carvalho (1996) refere que o uso do álcool representa, mais do que qualquer outra substância psicoactiva, a ameaça mais séria à saúde dos adolescentes, pois é a substância mais consumida pelos adolescentes, e muitas vezes em excesso.

Encontram-se ainda semelhanças entre as investigações nacionais e as levadas a cabo em outros países, no respeitante à variável sexo. Os alunos do sexo masculino consomem álcool mais frequentemente e em maiores quantidades por ocasião, do que as raparigas (Reis, 1998; Trindade & Correia, 1999).

No que concerne à idade, é consensual o princípio de que "o consumo excessivo ocorre predominantemente em jovens de idade igual ou superior a 16 anos" (Negreiros de Carvalho, 1996). A investigação de Trindade & Correia (1999) converge no mesmo sentido, pois foram encontradas diferenças no consumo de álcool consoante os grupos etários, revelando-se um aumento considerável aos 16, e atingindo o ponto mais elevado aos 18 anos.

Em suma, os autores referenciados, são unânimes em considerar que:

- o consumo de álcool varia em função do sexo, verificando-se que os rapazes consomem mais e com mais frequência bebidas alcoólicas que as raparigas.
- o consumo de álcool varia em função da idade, observando-se que à medida que aumenta a idade, aumenta o consumo.

3.3. Consumo de Tabaco na Adolescência

A adolescência constitui o período do ciclo vital, no qual é maior a probabilidade de os indivíduos experimentarem o seu primeiro cigarro e em que é maior o risco de se iniciarem em hábitos tabágicos (White, 1998; Charlton, Melia & Moyer, 1990; citados por Lima, L. M., 1999). Por outro lado, devido ao enorme poder da nicotina em conduzir a situações de dependência psicofisiológica, a probabilidade de progressão de um consumo ocasional para regular é consideravelmente maior para o tabaco do que para outras drogas.

Rooney & Gonzalez (1994) estimaram que o consumo de tabaco na Europa atinge uma grande percentagem da população adolescente, sendo que os sujeitos com mais de 15 anos, que fumavam diariamente, abrangiam cerca de 37% da população total. Segundo os autores, no final dos anos oitenta a diferença entre sexos era considerável, pois a percentagem de homens que fumavam diariamente era de 59,65 para 24,3% no caso das mulheres.

Até então, fumar era socialmente encarado como uma actividade tipicamente masculina, contudo este padrão parece ter-se modificado e hoje em dia nos países industrializados parece existir uma tendência para as raparigas fumarem mais do que os rapazes (Lima, L.G., 1999).

Para Negreiros de Carvalho (1996), a diferença em termos de sexos tem vindo a esbater-se, pois na década de 90 a proporção de consumo é similar nos dois sexos, e actualmente são equivalentes.

Tschann, Adler, Irwin, Milstein, Turner & Kegeles (1994) consideram que os rapazes têm mais comportamentos de consumo de tabaco, comparativamente com as raparigas; no que se refere à idade de iniciação do consumo, esta ocorre mais precocemente nos rapazes que nas raparigas, pois 10% dos rapazes admitem ter começado a fumar com uma idade igual ou inferior a 11 anos, contra apenas 4% das raparigas.

Para Machado, Vincente & Barros (1995) citados por Lima, L. M. (1999), em Portugal, o consumo regular em geral só se desenvolve por volta dos 14 anos, sendo a idade média um pouco mais baixa para os rapazes (14,1%) do que para as raparigas (14,2%), segundo um estudo transversal realizado em 1993.

Para Rooney e col. (1994) as idades de iniciação são cada vez mais cedo (10-11 anos), e a grande diferença que contribui para o consumo/não-consumo de tabaco reside no tipo de grupo em que o sujeito se insere.

No grupo em que os amigos fumam, fumar torna-se uma norma por forma a que o sujeito se sinta integrado e reforce o sentimento de pertença ao grupo.

Segundo Lima, L. M. (1999), diversos estudos têm demonstrado que a influência do grupo de pares é um dos factores mais determinantes do tabagismo durante a adolescência.

Negreiros de Carvalho (1996) também valoriza a importância do círculo de amigos no contexto de iniciação ao uso de tabaco, pois a percentagem de consumidores que refere ter iniciado o uso de tabaco com o grupo de amigos atinge quase 73%, enquanto que só cerca de 6% refere a família como contexto de iniciação.

Contudo para Ronney e col. (1994), é preciso ter em atenção a influência dos pais no consumo de tabaco, pois de acordo com as respostas dos próprios jovens fumadores, os pais também fumam (62.5%), e tendo em conta as idades precoces de iniciação, ressalta o facto de nessas idades a influência dos grupos ainda ser reduzida.

De acordo com os resultados de um inquérito conduzido por Michel (1990), citado por Lima, L. M. (1999), no Reino Unido, o facto de um jovem viver numa família com atitudes permissivas face ao tabagismo parece determinar atitudes favoráveis em relação ao comportamento de fumar.

Observando-se o nível sócio-económico, verifica-se que os alunos pertencentes ao nível sócio-económico elevado que referem consumir onze ou mais cigarros por dia são cerca de 36%, contra 13% dos jovens de nível sócio-económico baixo (Negreiros de Carvalho, 1996). O autor salienta o facto dos consumidores de tabaco apresentarem uma tendência mais acentuada para consumir álcool, do que os indivíduos que nunca usaram esta substância, e ainda que aqueles que consomem tabaco em doses mais elevadas têm maior tendência a consumir maior quantidade de bebidas alcoólicas.

Vários factores têm sido associados ao consumo de tabaco na adolescência.

As atitudes e as crenças são variáveis que parecem ser muito influentes na iniciação e manutenção do comportamento de fumar nos adolescentes.

Segundo Murray (1985) citado por Lima, L. M. (1999), a investigação tem evidenciado que os jovens que fumam possuem um maior número de crenças e atitudes positivas acerca de fumar, quando comparados com os jovens não-fumadores. Por outro lado, os jovens não fumadores têm maior tendência para expressarem crenças negativas acerca de fumar, quando comparados com os seus pares fumadores (Lima, L. M., 1999).

No que diz respeito às atitudes, os adolescentes que fumam frequentemente possuem atitudes mais positivas em relação a fumar quando comparados com os seus pares não fumadores, e o mesmo parece acontecer em relação à imagem que constroem acerca das pessoas que fumam, contariamente aos não fumadores que tendem a desenvolver imagens mais negativas (Lima, L. M., 1999).

O objectivo da investigação de Piko, B. (2001), consistiu na identificação das dimensões das atitudes face ao consumo de tabaco em adolescentes do 7º ao 12º ano na Hungria. O questionário utilizado avaliava dimensões sócio-demográficas, comportamento de consumo de tabaco, crenças e atitudes face ao uso do tabaco.

A atitude anti-tabaco mostrou ser o factor de influência mais importante no que se refere ao consumo de tabaco, que mostrou ser independente do número de amigos fumadores, no caso dos rapazes e dos adolescentes mais velhos. Contudo a influência dos pares fumadores tem um papel moderador da atitude face ao uso de tabaco, no caso dos adolescentes mais novos e das raparigas (Piko, 2001).

Ashley, Cohen, Bull, Ferrence, Poland, Pederson & Gao (2000), compararam canadianos fumadores e não fumadores no que diz respeito a conhecimentos acerca dos feitos do uso do tabaco na saúde e atitudes face às restrições em fumar. Os fumadores revelaram-se menos informados que os não-fumadores. Os fumadores mostraram-se menos tolerantes face às restrições de fumar em locais específicos, mas ambos os grupos referem respeitar as restrições na maioria dos settings.

3.4. Consumo de Drogas na Adolescência

O consumo de drogas é um problema alarmante na sociedade portuguesa (Geda, 1992). Vários são os factores que têm sido referenciados como predisponentes ao uso de droga, nomeadamente: falta de trabalho e ocupação, falta de motivação, fracassos escolares ou profissionais, sentimento de isolamento, entre outros.

A confluência de mais do que uma destas situações pode levar à criação de grupos cujos interesses comuns são a partilha de experiências alienantes, entre as quais se inclui o uso de drogas. O grupo surge então para o adolescente como o único ambiente de referência donde pode obter gratificações que venham colmatar as frustrações existentes seio da família e sociedade em geral e de se evadirem da angústia e solidão.

A droga representa uma necessidade de obtenção de prazer imediato, bem como de negar a realidade social, estando muitas vezes associada a experiências místicas e artísticas através do uso de alucinógenos e haxixe.

Segundo Geda (1992) a iniciação do consumo dá-se habitualmente com drogas leves como a liamba ou haxixe, que muitas vezes podem ser o início para uma escalada às drogas duras como a heroína e a cocaína.

Segundo Negreiros de Carvalho (1996), é de extrema importância fazer-se a diferenciação entre as drogas lícitas e ilícitas; nas drogas ilícitas inserem-se o haxixe (cannabis ou Marijuana), cocaína e heroína, das lícitas fazem parte os tranquilizantes e estimulantes.

Em estudos efectuados em meio escolar sobre o uso de drogas, o consumo de drogas ilícitas é habitualmente menos frequente que o consumo de álcool e tabaco e tem-se verificado uma percentagem de utilizadores de droga reduzido, atingindo valores baixos (Carvalho, 1997).

Do estudo levado a cabo pelo autor, verifica-se que o Cannabis (Marijuana ou haxixe) surge como a substância ilícita utilizada mais frequentemente pelos sujeitos, ainda que de forma reduzida. Este consumo é relativamente mais elevado nos rapazes que nas raparigas e o contexto predominante de iniciação foi o grupo de colegas/amigos.

O consumo de heroína e cocaína foi praticamente inexistente.

Em relação às substâncias voláteis, isto é, o hábito de inalar substâncias diversas de origem industrial ou farmacêutica (colas, gasolina, etc.) tem tido grande expansão nos últimos anos. Na investigação de Negreiros de Carvalho (1996), não se verificaram diferenças significativas relativamente ao sexo, no consumo destas substâncias. Mas no que diz respeito à idade, o consumo destas substâncias é superior em jovens mais novos.

Em relação ao consumo de tranquilizantes e estimulantes, o autor, verificou que o uso de drogas tranquilizantes é mais frequente nas raparigas, enquanto que nos rapazes se constata o contrário, com maior incidência para os estimulantes.

Diversos estudos foram efectuados com vista a identificar os factores de risco e de protecção associados ao consumo de substâncias psicotrópicas em adolescentes (Bauman & Ennett, 1996; Dobkin, Tremblay, Mâsse & Vitaro, 1995; Chilcoat & Anthony, 1996; Clayton, 1992; Dobkin, 1993; Kumpfer, 1989; Newcomb, 1997; Vitaro, Dobkin, Janosz & Pelletier, 1992; citados por Gosselin, Larocque, Vitaro & Gagnon, 2000).

A literatura faz referência a quatro categorias de factores de risco e de protecção: características pessoais, sociais, familiares e escolares. Mas poucos foram os estudos que tiveram em consideração este conjunto completo de quatro factores.

Os factores de risco de ordem *pessoal* e *familiar* referem-se habitualmente ao consumo precoce de substâncias psicotrópicas, atitudes face às substâncias, problemas de comportamento, défices no plano dos comportamentos sociais, auto-estima, aspirações escolares e sentimentos depressivos.

No que respeita às *variáveis escolares*, o absentismo e a propensão para a ruptura escolar estão associadas ao consumo de substâncias na adolescência (DeWitt, Silverman, Goodstadt & Stoduto, 1995; citados por Gosselin, Larocque, Vitaro & Gagnon, 2000).

Menares, Thiriot & Aguilera-Torres (1997) identificaram três factores de risco na iniciação ao consumo de drogas em estudantes parisienses:

- drogas lícitas: embriaguez e auto-medicação com tranquilizantes na presença de desconforto;
- modelação entre pares: a presença de um amigo ou colega que usa marijuana;
- noção de risco: fraca noção de risco a respeito do consumo de haxixe e a crença de que o consumo de drogas leves e duras não tem qualquer relação, são independentes.

Wright & Pearl (2000), pretenderam investigar a evolução da experiência e do conhecimento dos jovens a respeito do uso de drogas ilícitas de 1969 a 1999. A proporção de estudantes que conhecem alguém que usa drogas quadruplicou de 15% em 1969 para 65% em 1999 e a proporção que mencionou o uso de ecstasy, LSD, e anfetaminas aumentou consideravelmente. A experiência com drogas ilícitas aumentou drasticamente até atingir um pico em 1994, tendo estabilizado em 1999.

Embora, o conhecimento acerca dos nomes de drogas tenha aumentado consideravelmente, o conhecimento a respeito dos efeitos manteve-se estacionário. A televisão revelou ser a principal fonte de informação, seguida dos amigos e debates nas escolas. A pressão social e de grupo constitui-se como a principal razão percebida face ao consumo de drogas ("Para me sentir adulto, mais velho"), e muitos jovens vêm o uso de drogas como uma estratégia para lidar com o stress ("Para fugir aos problemas").

Carrilho, L. (1992), na sua tese de Mestrado, que versou sobre as representações de jovens e progenitores acerca da toxicod dependência, concluiu que as representações que os jovens toxicod dependentes e seus progenitores têm da toxicod dependência diferem das representações dos jovens não-toxicod dependentes e seus respectivos pais, independentemente do contexto residencial. Constatou ainda que as representações que os jovens e os seus progenitores têm sobre a motivação para o consumo de substâncias parece diferir, embora no grupo de jovens toxicod dependentes se verifique uma maior incidência de representações idênticas às dos progenitores.

3.5. Consumo de Substâncias na Adolescência: Factores de Influência

A família e o grupo de pares têm sido considerados factores decisivos no consumo de álcool e drogas pelos adolescentes (Farrel & Danish, 1993).

Diversos autores têm-se debruçado sobre o estudo destes dois agentes de socialização (família e pares), no comportamento do adolescente (Kandel, 1983; Muller, 1987). Para os autores a família é a força de socialização predominante até ao início da adolescência, dando depois lugar a outras forças de socialização como, a escola e o grupo de pares, sendo este último a força mais significativa.

Segundo Muller (1987) o beber é uma conduta não apenas culturalmente definida como socialmente aprendida no seio de grupos como a família e os pares

Kandel (1983) defende que muito embora o consumo na adolescência seja sobretudo por influência dos pares e não dos pais, é o próprio adolescente que constrói os seus projectos existenciais, e neste caso mais por influências familiares do que dos amigos; ou seja, enquanto que o domínio familiar marcaria sobretudo a escolha dos papéis sociais na vida adulta por parte dos adolescentes, o grupo de pares influenciaria o seu modo de vida actual.

Contudo, no consumo é importante fazer a distinção entre factores de iniciação ao consumo e factores que contribuem para a manutenção do mesmo. Para Negreiros de Carvalho (1983) esta distinção é imprescindível, pois o início do consumo poderá resultar da actuação de factores sócio-culturais, enquanto o consumo excessivo, pode estar relacionado com determinadas características dos sujeitos.

3.5.1. Factores Interpessoais no Uso de Álcool e Drogas pelos Adolescentes

Influências Familiares no Consumo de Álcool

Para Jessor (1986) os comportamentos de bebida na adolescência significam essencialmente um movimento em direcção aos padrões de comportamento adultos, daí que o adolescente começando a ver-se como um adulto, procure começar a beber.

Vários estudos estabelecem relações entre os padrões de bebida dos pais e os padrões de bebida dos adolescentes.

Roosa, Sandler, Beals & Short (1988) constataram que os jovens cujos pais consumiam álcool tinham tendência a beber excessivamente.

Kandel (1983) menciona que as influências dos pais sobre os filhos exerce-se principalmente através de processo de imitação e reforço social, e enumera três aspectos fundamentais: os pais consumirem; as atitudes dos pais face ao consumo; e a falta de interacção positiva pais-filhos.

Eskilson, Wiley, Muehlbauer & Doder (1986) evidenciam uma relação entre a pressão parental percebida e o uso de álcool. Para os autores, quando o adolescente não acredita estar à altura dos objectivos familiares, sente-se muito pressionado e normalmente vai contra as normas impostas pelos adultos (família).

Sharp & Lowe (1989) referem que o comportamento de bebida dos pais pode ter grande influência nos padrões de consumo nos adolescentes. As atitudes dos pais em relação à bebida, incluindo os seus próprios comportamentos de bebida, parecem ser um bom predictor do uso de álcool pelo adolescente (Lowe, Foxcroft & Sibley, 1993).

Segundo Reis (1998) o consumo de álcool na adolescência é muitas vezes resultante de um processo de imitação em relação ao modelo familiar – modelação. O adolescente que não utiliza álcool provém, na grande maioria das vezes, de famílias cujos pais não consomem habitualmente álcool; o bebedor moderado provém de famílias cujos pais usam habitualmente bebidas alcoólicas moderadamente; e o consumidor excessivo tem frequentemente pais que podem ser considerados de bebedores excessivos.

No estudo de Carvalho (1997) constatou-se que os consumidores de álcool tinham tendência para atribuir aos pais atitudes mais favoráveis em relação ao consumo de álcool, comparativamente aos sujeitos não consumidores.

O consumo de álcool e cannabis surge associado a factores familiares, como a percepção da qualidade da relação com os pais, estilos educativos e percepção das atitudes dos pais em relação ao consumo de álcool e drogas.

O consumo abusivo de álcool na adolescência está relacionado com a percepção filial de estratégias parentais baseadas na reprovação, disciplina, crítica, castigo, bem como com a ausência de canais comunicativos transmissores de afectos entre familiares.

Os resultados indicam que a percepção negativa das relações familiares está relacionada com a maior adesão ao consumo, pois o adolescente procura evadir-se do clima familiar percebido como hostil através do uso de substâncias que facilitam a integração no grupo de pares como compensação para as deficiências afectivas.

Influências Familiares no Consumo de Drogas

A atracção do adolescente para o grupo desviante (consumidor de tóxicos ilícitos) poderá estar associada a uma maior conflitualidade interna na sua organização afectivo-relacional, decorrente de padrões de insegurança na vinculação afectiva e de níveis de ansiedade social e familiares elevados (Geadá, 1992).

Um clima familiar mais deficiente pode vir a reflectir-se no consumo de tóxicos, visto que a conflitualidade interna do adolescente terá repercussões nos padrões de relacionamento sócio-familiares.

Nesta perspectiva, o grau de interiorização das normas sociais e parentais (pois os pais são os primeiros e elementos de socialização) bem como a segurança afectiva, podem ser considerados factores preventivos do movimento atractivo do adolescente para a iniciação ao consumo ilícito de tóxicos.

Para Foxcroft e Lowe (1995) a qualidade da relação do adolescente com os pais poderá ser um importante predictor da taxa de uso de drogas nos jovens.

Needle, Lavee, Su, Brown & Doherty (1988) também importante predictor do uso de álcool e drogas pelos jovens.

Diversas *variáveis de contexto familiar* estão associadas a psicótropicas na adolescência, nomeadamente: consumo de uso parental, distress emocional dos pais, etc. Jackson e seus Gosselin, Larocque, Vitaro & Gagnon, 2000), estabeleceram a associação entre o consumo de substâncias por um dos pais e o consumo por parte do adolescente.

No estudo de Negreiros de Carvalho (1997) o consumo de álcool está associado a factores familiares, como a percepção da qualidade da relação com os pais, estilos educativos e percepção das atitudes dos pais em relação ao consumo de álcool e drogas.

A literatura indica que as atitudes dos pais e o uso de drogas aparecem associadas ao uso de substâncias psicoactivas pelo adolescente. Quando o adolescente percebe as atitudes dos pais face ao uso de drogas como sendo favoráveis, observa-se uma tendência para um consumo mais elevado de drogas por parte do adolescente (Pandina & Jonhson, 1988; Marston et al, 1988; citados por Carvalho, 1997).

Influência do Grupo de Pares no Consumo de Alcool

A influência da família não chega para explicar a variedade de comportamentos perante o álcool por parte dos adolescentes, daí que se tenha procurado avaliar o impacto de outros factores de socialização, nomeadamente o grupo.

A família é a força de socialização que prevalece até à adolescência, havendo depois um declínio da sua influência à medida que o jovem adquire a sua independência.

Reis (1998), afirma que a pressão do grupo é uma realidade que começa a manifestar-se por volta dos 16-17 anos, altura em que se multiplicam as ocasiões de beber fora do contexto familiar.

É também nesta fase que a integração no grupo se torna um dos motivos para o comportamento de bebida, pois o álcool aos olhos dos adolescentes torna-se um "auxiliar" para superar inibições e reforçar a participação no grupo.

Thompson (1989) investigou o uso de álcool no fortalecimento das relações com os amigos, e verificou que o consumo desta substância está relacionado com a necessidade de aprovação social.

Segundo Kandel (1983), a influência do grupo de companheiros enquanto força de pressão sobre o adolescente, depende de 3 factores

- 1- Percepção do número de amigos que consome bebidas alcoólicas
- 2- Nível de consumo actual pelos amigos/colegas
- 3- Atitudes dos melhores amigos face ao consumo de álcool

Negreiros de Carvalho (1996), acrescenta a estes factores o grau de envolvimento do adolescente em actividades de grupo.

Bloom, Greenwald (1984) consideram que à medida que aumenta a importância do grupo para o adolescente, o nível de consumo de álcool e drogas também aumenta.

Tomando em consideração os contextos de iniciação, os resultados de Trindade & Correia (1999) apontam para a importância dos pares na iniciação do consumo de álcool, uma vez que a maioria inicia o consumo na presença dos colegas/amigos e se verifica uma associação entre o prazer de estar em grupo e o consumo de álcool.

Para Negreiros de Carvalho (1983), o grupo de pares, é uma importante variável relacionada com o consumo de álcool nos jovens, pois para além de se constituir como o contexto predominante de iniciação, também influencia os níveis relatados de consumo.

Os consumidores excessivos de álcool percebem um maior número de amigos consumidores quando comparados com os consumidores não excessivos e não consumidores. Os sujeitos consumidores de bebidas alcoólicas tem tendência para perceberem atitudes mais favoráveis face ao álcool por parte dos amigos, do que os sujeitos não consumidores.

Influência do Grupo de Pares no Consumo de Drogas

O afastamento em relação ao espaço escolar é habitualmente traduzido numa rejeição face a valores sociais e um baixo interesse nas actividades escolares, e tem vindo a ser associado a comportamentos desviantes por parte dos jovens, nomeadamente fumar, beber e consumir drogas (Downs & Rose, 1991; citados por Matos & Carvalhosa, 2001).

Segundo Matos & Carvalhosa (2001), este afastamento face à escola favorece a ligação destes jovens com outros adolescentes, também eles com a mesma falta de laços em relação à escola, e este facto foi frequentemente relacionado com o envolvimento em comportamentos de risco para a saúde, partilhados pelos pares do mesmo grupo como se de uma cultura de grupo se tratasse.

Para Geada (1992), uma das explicações para o consumo de drogas ter início na adolescência está na pressão exercida pelos grupos de pares (amigos dos adolescentes), pois estes grupos de jovens pelas suas atitudes e crenças acerca das drogas, atraíam e socializariam novos elementos para o grupo. Fica ainda por explicar que tipo de adolescentes são atraídos para esses grupos.

O grupo de pares proporciona sentimentos de filiação, pertença e satisfação, que passam muitas vezes por certo tipo de rituais, como a ingestão de substâncias. Essa conduta não é mais do que a imitação de comportamentos aceites no grupo, fruto da vulnerabilidade individual à pressão grupal.

Várias investigações revelam um efeito de correlação positiva entre o número de amigos consumidores de substâncias psicotrópicas e a experimentação dessas substâncias por parte do jovem (Epstein, Btvin, Diaz, Toth & Schinke, 1995; Urberg, Degirmenciouglu & Pilgrim, 1997; citados por Gosselin, Larocque, Vitaro & Gagnon, 2000).

A influência exercida pelos pares manifesta-se não só pela frequência de amigos consumidores, mas também pelas atitudes e pelas percepções que o indivíduo desenvolve em torno dos padrões de consumo abusivo de substâncias psicotrópicas. Epstein e colaboradores (1995) evidenciaram uma relação negativa entre as atitudes desfavoráveis face ao consumo de marijuana e o consumo dessa substância pelo adolescente (idem).

3.5.2. Factores Intrapessoais no Uso de Álcool e Drogas pelos Adolescentes

Factores Intrapessoais no Uso de Álcool pelos Adolescentes

Para Brown, Goldman, Inn & Anderson (1980), as expectativas associadas aos efeitos produzidos pelo álcool, que o sujeito espera sentir quando bebe, são segundo os autores adquiridas ao longo do processo de socialização, de acordo com o modelo familiar e do grupo de pares.

Brown (1985), defende que as expectativas variam de acordo com os comportamentos de bebida. A partir do momento em que um dado efeito comportamental se segue ao consumo de álcool, os sujeitos, atribuem a causa desse efeito ao álcool, e no futuro esperam do uso dessa substância o mesmo efeito.

Por exemplo, o adolescente que começa a beber num contexto de convívio com os seus amigos e que de início, pode ter expectativas mais gerais, nomeadamente "é divertido beber" ou "numa festa de amigos tenho de beber", pode ir desenvolvendo progressivamente expectativas mais específicas do tipo "quando bebo sinto-me mais à vontade".

Para Smith, Christiansen, Geenbaum & Christianen (1995) as expectativas são um importante predictor do consumo, pois os sujeitos possuem uma expectativa de que o consumo de álcool vai interagir como "desinibidor" ou "facilitador social" estando as interacções e a participação social mais facilitada.

Brown, Craemer, Stetson (1987), consideram que as expectativas positivas acerca do álcool estão intimamente ligadas com o consumo do mesmo. As expectativas acerca dos efeitos do álcool são diferentes nos "consumidores abusivos" e "não abusivos", visto os últimos perceberem mais consequências negativas produzidas pelo consumo.

Num estudo realizado por Trindade e Correia (1999) a respeito dos comportamentos de consumo de álcool em alunos do 10º e 11º anos de escolaridade, o objectivo foi analisar a natureza da relação entre o consumo de álcool na adolescência e a auto-estima, a ansiedade, e as expectativas face aos efeitos do álcool.

No que diz respeito às expectativas, verificou-se uma relação significativa entre o consumo de álcool e algumas expectativas face aos efeitos do álcool, nomeadamente: a expectativa de ser bem aceite pelos outros; de conseguir falar com maior facilidade; de se sentir mais independente; de poder faltar às aulas e de os pais se zangarem caso bebam.

Os adolescentes com um consumo importante de álcool esperavam mais consequências positivas do acto de beber que os adolescentes com baixo consumo. Os adolescentes que têm um baixo consumo de álcool dão maior importância a consequências negativas e esperam relativamente poucas consequências positivas caso bebam.

O estudo de Victor Reis (1998) visou a avaliação dos comportamentos, atitudes e opiniões no que respeita ao consumo de álcool em adolescentes, distribuídos em dois grupos: grupo 1 (5º, 7º, 9º ano) e grupo 2 (10º, 11, 12º ano). Quanto à percepção face à evolução das vendas de bebidas alcoólicas, parece haver uma relação directa entre aqueles que consomem mais (grupo 2) e a percepção de que as vendas têm aumentado, pelo mesmo grupo. Relativamente à percepção dos níveis de álcool nas diversas bebidas, é de referir que os dois grupos têm na generalidade uma percepção correcta dos níveis de álcool em cada bebida.

Quando confrontados sobre a sua atitude face ao consumo de bebidas alcoólicas perante determinadas circunstâncias, o grupo 1 referiu ser positiva se for: para celebrar um acontecimento importante 81%; num almoço em restaurante 70%; numa ceia em casa 67%; no grupo 2 se for: num almoço em restaurante 94%; numa ceia em casa 88%; para celebrar uma acontecimento importante 86%.

Quanto às circunstâncias negativas que envolvem o consumo de bebidas alcoólicas, o grupo 1 aponta as seguintes situações: para esquecer os problemas 93%; para obter uma ligeira sensação de bem estar 81%; para relaxar depois do trabalho 81%. O grupo 2 apresenta razões muito semelhantes, como sejam: para esquecer os problemas 81%; para relaxar depois do trabalho 76%; para obter uma ligeira sensação de bem estar 70%.

Relativamente ao álcool, muitos mitos, crenças, fazem parte da nossa cultura popular. A opinião que os dois grupos tinham sobre essas crenças, parece revelar que não passam disso mesmo, pois verifica-se uma consciencialização dos jovens face a este assunto.

Quanto às campanhas de educação e informação sobre o consumo de álcool que se têm feito no nosso país, ambos os grupos manifestaram maioritariamente uma opinião positiva e foi nítido o interesse dos adolescentes por outros assuntos para além dos tradicionais temas relacionados com a saúde e os malefícios do consumo excessivo.

Factores Intrapessoais no Uso de Drogas pelos Adolescentes

Reflectindo sobre o porquê da iniciação do consumo de drogas ter início na adolescência, Geada (1992), refere que esta é uma fase de desenvolvimento psicológico de rápidas e profundas transformações psicossociais, que se caracteriza por aquilo a que habitualmente se designa por crise de identidade. A susceptibilidade do equilíbrio psicológico característica desta fase de desenvolvimento, o gosto pelo risco, a excitação de viver novas experiências, a curiosidade, a necessidade de contestação e afastamento das figuras parentais, torna os jovens mais vulneráveis e atrai-os para experimentarem o uso ilícito de tóxicos. Contudo, embora quase todos os adolescentes dos grandes centros tenham um acesso mais ou menos fácil aos circuitos de tóxicos, e muitos deles tenham experiências com drogas, o facto é que um grande número nunca os chega a experimentar, e outros há que embora os experimentem, não mantêm o consumo.

Ainda que determinados modelos teóricos e vários programas de intervenção tenham realçado a importância que a auto-estima pode ter no desenvolvimento do consumo de drogas, as evidências empíricas tendem a demonstrar que a relação entre as duas variáveis é fraca e inconsistente.

Romero, Luengo & Otero-Lopez (1995) examinaram a relação entre a auto-estima e o consumo de drogas mais frequentemente utilizadas nos adolescentes espanhóis (tabaco, álcool e cannabis) através de uma análise longitudinal. Os resultados indicam ainda que os efeitos recíprocos entre a auto-estima e o uso de drogas são pouco intensos.

Os adolescentes que consomem drogas tendem a ter uma baixa auto-estima no seio familiar e escolar, e no contexto de grupo de pares tendem a possuir níveis relativamente altos de auto-estima. Uma vez iniciados no consumo, os resultados apontam para dois tipos de efeitos: a auto-estima nos contextos convencionais fica ainda mais débil, mas por outro lado, o consumo de drogas tende a aumentar a aceitação do sujeito no grupo de pares. Contudo estas diferenças não são estatisticamente significativas (idem).

A importância de que se reveste o estudo das atitudes face ao álcool e drogas decorre, de duas constatações essenciais: 1) a estrutura das crenças e atitudes que o indivíduo defende acerca do álcool e drogas exerce uma influência determinante no grau de envolvimento do sujeito em relação a essas substâncias; 2) uma mudança de atitudes é susceptível de produzir mudanças no comportamento (Ajzen & Fishbein, 1980).

O objectivo do estudo de Willner P. (2001), foi o de testar a hipótese de que as expectativas face ao uso de cannabis seriam mais positivas em adolescentes consumidores de álcool do que em não-consumidores de álcool.

As expectativas negativas em relação ao consumo de álcool mostraram ser relativamente estáveis com a idade. Contudo, as expectativas positivas perante as duas substâncias, tendem a aumentar com a idade, independentemente da frequência de uso.

Entre os adolescentes que mencionaram nunca ter usado cannabis, as expectativas positivas face ao consumo de cannabis tendem a aumentar e as expectativas negativas face ao consumo de cannabis tendem a diminuir, à medida que a frequência de consumo de álcool aumenta. Estes resultados sugerem que o consumo de álcool conduz a alterações nas expectativas face ao cannabis, que por sua vez podem levar ao consumo.

A investigação sobre atitudes levada a cabo por Negreiros de Carvalho (1993a), baseou-se nas entrevistas de 17 estudantes do 10º ano de escolaridade, entre os 15 e os 17 anos. Após a análise de conteúdo identificou 4 áreas atitudinais: consequências para a saúde; dimensão relacional, efeitos das drogas; medidas de controlo.

Ao nível das consequências sociais e para a saúde, os entrevistados de um modo geral admitiram que o uso de drogas ilícitas pode conduzir a problemas de saúde, mas quanto ao álcool e tabaco isso já foi relativizado. Em relação às consequências sociais do álcool, se por um lado consideram que o consumo excessivo pode levar a um comportamento social inadequado, 50% dos entrevistados reconhece que o consumo moderado pode facilitar o relacionamento interpessoal e a integração no grupo de amigos.

A iniciação ao uso de tabaco é interpretada como podendo traduzir a necessidade de adquirir um estatuto mais elevado em relação aos colegas ou de integração no grupo.

Já o uso de drogas ilícitas é interpretado, essencialmente, em termos das consequências negativas que provoca ao nível interpessoal, nomeadamente o isolamento.

Quanto aos efeitos das drogas, as afirmações distribuem-se num *continuum* que vai das expectativas predominantemente positivas às negativas: redução da ansiedade (nomeadamente em relação ao álcool e tabaco); procura de elevação do humor e novas sensações; curiosidade; aumento do rendimento intelectual; sentimentos depressivos; fuga à realidade (ex: devido às dificuldades inerentes ao período da adolescência).

Relativamente às medidas de controlo, propõem implementar medidas legislativas destinadas a diminuir a oferta, embora alguns sejam da opinião da despenalização do consumo de certas substâncias, e ainda medidas no sentido de reduzir a procura, mas que não se centrem exclusivamente na transmissão de informação.

Posteriormente Negreiros de Carvalho (1993b), procedeu à elaboração, aplicação e avaliação de um programa de prevenção do abuso de drogas dirigido a alunos do 5º e 6º anos de escolaridade numa escola preparatória de Lisboa. Neste estudo foram examinados os resultados da intervenção, através da avaliação de medidas comportamentais (comportamento de bebida, consumo de tabaco e consumo de drogas ilícitas), bem como através de medidas atitudinais (percepção das consequências associadas ao consumo de álcool; atitudes em relação ao tabaco; atitudes em relação às drogas).

Os alunos que participaram na intervenção preventiva, comparados com os que permaneceram no grupo de controlo, perceberam menores consequências positivas e maiores custos em relação ao uso de álcool, evidenciaram atitudes mais negativas face ao consumo de tabaco. Não se verificou mudanças significativas na escala de atitudes em relação às drogas. No que diz respeito ao impacto no consumo de substâncias, os resultados não permitem afirmar seguramente que tenha havido uma redução do seu uso.

O trabalho de Fonseca (1989) visou o estudo da prevalência, padrão e factores relacionáveis com o consumo de drogas numa amostra de adolescentes escolarizados do concelho de Portimão.

As razões apontadas para o consumo de drogas foram: "para ser mais criativo" (54%); "porque me sinto aborrecido" (33%) e "as drogas são um bom meio para modificar o meu humor" (13%). As razões apontadas para o não uso foram: "as drogas são perigosas para a minha saúde" (66%) e "tenho outras coisas que gosto de fazer" (31%).

As influências mais marcantes para o consumo ou não de drogas foram, por ordem decrescente: "TV, livros, jornais" (36%), "o que os pais dizem sobre drogas" (34%); "o que os amigos dizem sobre drogas" (15%), "a informação na escola" (11%), e por último o médico de família (4%).

A maior parte dos inquiridos refere que quem lhe deu oportunidade de experimentar drogas pela primeira vez foram os amigos (87%), e mais de metade refere que a obtenção da droga é sempre ou usualmente fácil (60%). 12% refere que a maior parte dos amigos usa bebidas alcoólicas, 49% que a maior parte fuma, 4% que a maior parte usa erva ou haxixe, 6% que a maior parte dos amigos usa colas e 4% que os amigos usam outras drogas.

Perante a oferta de um cigarro de haxixe a maioria "diria não e falaria disso a um adulto" (57%), 25 % não sabem o que fariam, 8% escolhem a opção "nenhuma das anteriores", 6% "aceitavam para experimentar" e, 4% fariam queixa na escola ou na polícia.

Os resultados confirmaram que o uso experimental de drogas se tornou num comportamento previsível nos adolescentes, tendo-se verificado diferenças estatisticamente significativas entre os que usam e não usam drogas, no tocante a alguns aspectos da experiência familiar e escolar, socialização, consumo de álcool, tabaco e medicamentos pelos pais, atitudes e opiniões face ao consumo de drogas.

Mas pouco se conhece a respeito da dimensão valorativa que os adolescentes, que consomem e não consomem substâncias, conferem ao uso de drogas, ou seja, a sobre as suas representações sociais e o seu envolvimento na conducta adictiva.

A investigação de Nucci, Guerra e Lee (1991) consistiu em examinar a relação entre o consumo de drogas em adolescentes do 9º ao 12º ano, e as suas concepções a respeito desse comportamento. Os sujeitos foram divididos em dois grupos: "pequenos consumidores" e "grandes consumidores". Os grandes consumidores tendem a ver a o consumo de drogas como um assunto de índole pessoal, e consideram o comportamento menos perigoso e menos errado que os pequenos consumidores. Os grandes consumidores têm ainda maior tendência a valorizarem-se a si próprios como a autoridade máxima, no que diz respeito ao uso de drogas, desvalorizando o papel dos pais e da lei, quando comparados com os pequenos consumidores.



III. MÉTODO

1 - DELINEAMENTO DO ESTUDO

Quando se pretende promover comportamentos saudáveis e alterar estilos de vida, há que conhecer os posicionamentos dos sujeitos face à realidade em estudo. Não temos conhecimento de estudos que tenham utilizado o modelo das representações sociais na população adolescente, relativamente à problemática do consumo de substâncias.

O carácter exploratório deste estudo, justifica-se pelo facto de ser um estudo em que se pretende fazer uma primeira abordagem do problema, com vista a aumentar o conhecimento nesta área. Não pretendemos confirmar ou infirmar hipóteses, mas apenas adquirir informações sobre as questões a investigar e analisar a pertinência dos dados obtidos.

O presente estudo, metodologicamente, tem um carácter exploratório, onde num primeiro momento será descritivo e num segundo, comparativo.

Inicialmente este estudo será descritivo uma vez que se pretende descrever quais as representações sociais do consumo de álcool e drogas na adolescência.

Posteriormente será um estudo comparativo, na medida em que procurar-se-á comparar as representações sociais em função do sexo, idade, ano de escolaridade e entre grupos de indivíduos (sujeitos < 16 anos vs sujeitos \geq 16 anos; e sujeitos com experiências de consumo vs sujeitos que nunca consumiram).

Deste modo, as **questões de investigação** são:

- Qual a representação social acerca do consumo de álcool e drogas na adolescência?
- Como difere a representação social acerca do consumo de álcool e drogas em função da faixa etária?
- Como difere a representação social acerca do consumo de álcool e drogas em função do género?

- Como difere a representação social acerca do consumo de álcool e drogas em função do ano de escolaridade?

- Como difere a representação social acerca do consumo de álcool e drogas em dois grupos distintos (adolescentes com < 16 anos vs \geq 16 anos)

- Como difere a representação social sobre o consumo de álcool e drogas em dois grupos distintos: grupo de adolescentes com experiências de consumo de substâncias (tabaco, álcool e drogas) vs grupo de adolescentes sem experiências de consumo de substâncias?

Definição das Variáveis

Variáveis independentes:

- o sexo;
- a idade;
- o ano de escolaridade;
- a faixa etária (sujeitos < 16 anos vs sujeitos \geq 16 anos);
- e o facto de terem tido ou não experiências de consumo de substâncias.

Variável dependente: a representação social do consumo de álcool e drogas, definida operacionalmente na secção do instrumento.

2 - PARTICIPANTES

Este estudo foi efectuado tendo por base uma amostra de conveniência de 376 adolescentes de ambos os sexos, de escolas do 3º Ciclo e Ensino Secundário da região da Grande Lisboa.

Foram considerados válidos para a amostra, os participantes que corresponderam aos seguintes critérios de inclusão na amostra:

- sujeitos com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos em virtude de se ter utilizado neste trabalho a designação anglo-saxónica de teenager;
- sujeitos entre o 7º ano e o 12º ano de escolaridade;
- todos os indivíduos que estivessem na sala de aula aquando da aplicação dos questionários.

2.1. Caracterização da Amostra

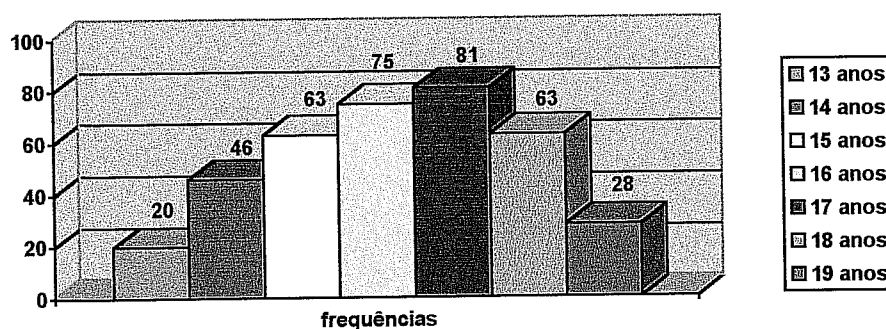
Este estudo tem por base uma amostra de conveniência constituída por 376 adolescentes, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos, com uma média de idades de 16 anos, do 7º ao 12º ano, de escolas do 3º ciclo e ensino secundário da região da Grande Lisboa. Os dados que serviram de suporte à caracterização da amostra encontram-se no Anexo D.

Tendo por base a Tabela 7, observa-se que a maior concentração de adolescentes por escolas inquiridas, foi respectivamente, na E. S. Eça de Queirós (91), E. S. Patrício Prazeres (74), no INETE (55), na E. S. José Afonso Loures (45), na E. C+S Luís António Verney (42).

Tabela 7 – Distribuição dos adolescentes pelas escolas inquiridas

nome da escola		Frequency	Percent
Valid	Colégio Sagrado Coração Maria	1	,3
	Curso Formação Profissional Cristovão Colombo	1	,3
	E C+S Luís António Verney	42	11,2
	E.S Forte da Casa	1	,3
	E.S José Afonso Loures	45	12,0
	E.S. Afonso Domingos	4	,5
	E.S. Infante D.Pedro	19	5,1
	E.S. Patricio Prazeres	74	19,7
	E.S.Anjos	14	3,7
	E.S.Eça Queiros	91	24,2
	EB23 Aristides de Sousa Mendes Povoa Sta Iria	2	,5
	EB23 D.Martinho Vaz Castelo Branco	1	,3
	EB23 Luís Sttau Monteiro Loures	11	2,9
	Escola Profissional de Alverca	1	,3
	Ext.Sebastião da Gama	6	1,6
	INETE	55	14,6
	Liceu D.Dinis	8	2,1
	Total	376	100,0

Gráfico 1 – Distribuição de frequências em função da faixa etária



Da análise do Gráfico 1, verifica-se a maioria dos adolescentes da nossa amostra, se situa entre os 16 e os 17 anos, respectivamente com 75 e 81 sujeitos. Com idênticos valores seguem-se as faixas etárias dos 15 anos e 18 anos, ambas com 63 elementos.

Tal como se pode observar no Gráfico 2, verifica-se uma distribuição equilibrada dos adolescentes em função do sexo, embora com uma ligeira maioria dos adolescentes do sexo feminino.

Gráfico 2 - Distribuição de frequências em função do sexo

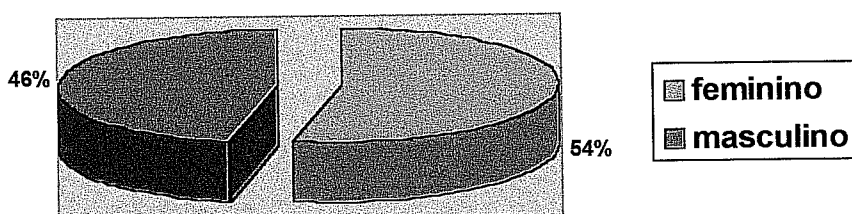
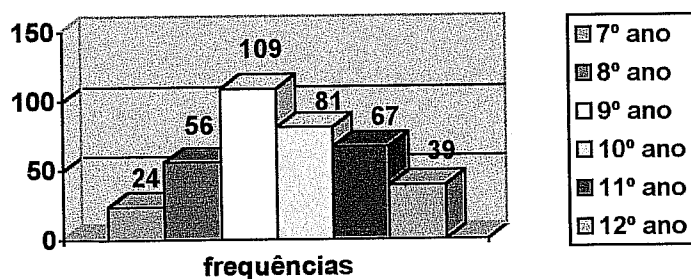
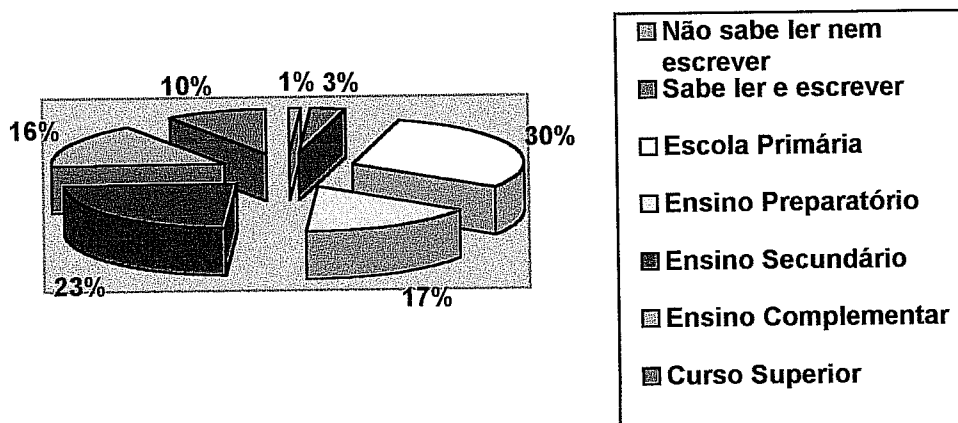


Gráfico 3 - Distribuição de frequências por ano de escolaridade



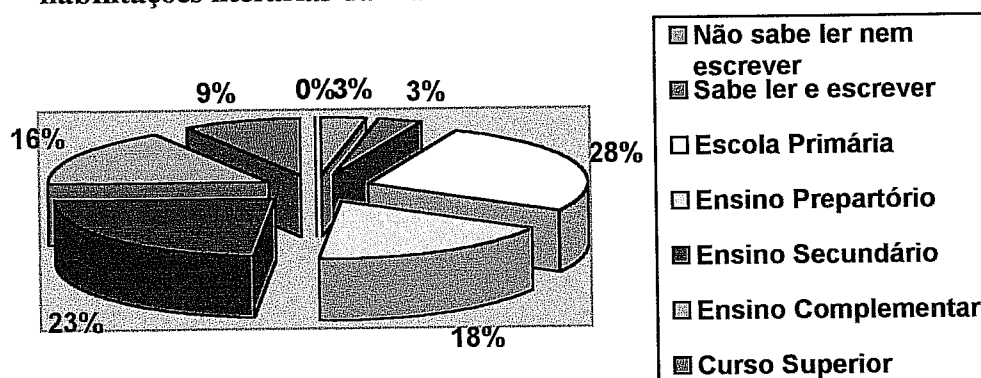
Tal como se pode observar no Gráfico 3, constata-se que a maioria dos adolescentes da nossa amostra tem o 9º ano de escolaridade (n=109), seguido do 10º ano (n=81), que na sua totalidade perfazem cerca de 50% da amostra. Segue-se o 11º ano (n=67) e o 8º ano (n=56).

Gráfico 4 - Distribuição de percentagens em função das habilitações literárias do pai dos adolescentes

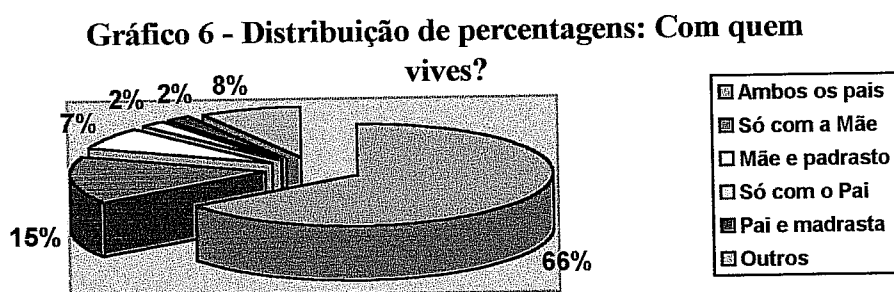


Da análise do Gráfico 4, constata-se que o pai dos adolescente da nossa amostra, na maior parte dos casos tem a escola primária (30%) ou o ensino secundário (23%). Com idênticas percentagens seguem-se respectivamente as categorias respeitantes ao ensino preparatório (17%) e ensino complementar (16%).

Gráfico 5- Distribuição de percentagens em função das habilitações literárias da mãe dos adolescentes

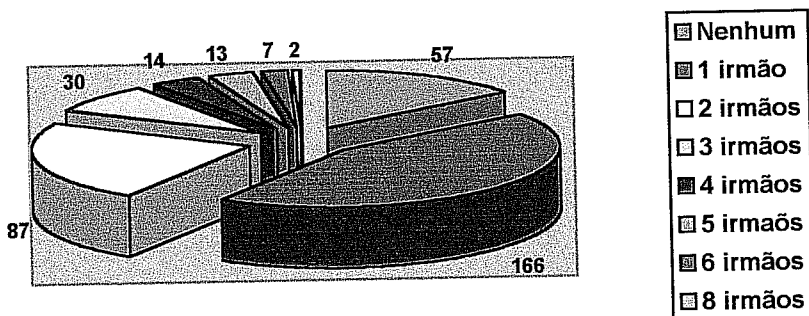


Da análise do Gráfico 5, constata-se que a maioria das mães dos adolescente da nossa amostra tem a escola primária (28%) ou o ensino secundário (23%). Seguem-se as categorias respeitantes ao ensino preparatório (18%) e ensino complementar (16%). É de destacar a semelhança em relação à análise efectuada para o nível de escolaridade referente ao pai, contudo esta análise foi feita tomando por base 350 mães e 294 elementos para o pai.



Da análise do Gráfico 6, constata-se que a maioria dos adolescente da nossa amostra vivem com ambos os pais (66%). 56 adolescentes vive apenas com a mãe (15%), e com idênticas percentagens, respectivamente 8% e 7%, vivem com outros ou com a mãe e o padrasto.

Gráfico 7- Distribuição de frequências em função do n.º de irmãos



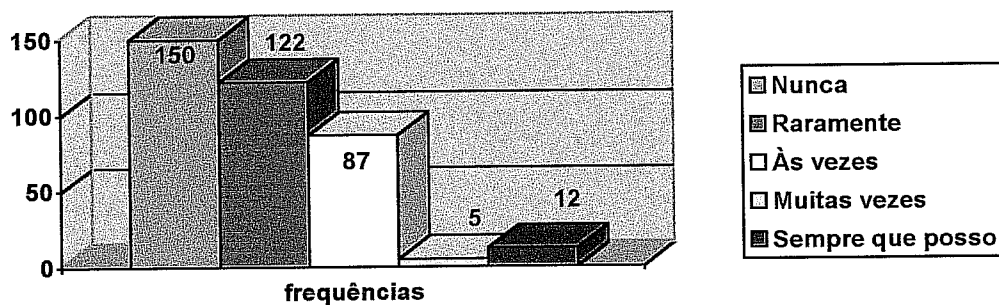
Tendo em conta o Gráfico7, verificamos que cerca de 166 adolescentes tem 1 irmão, o que equivale a 44%, logo seguida da dimensão 2 irmãos com 87 elementos (23%). É de realçar que 57 adolescentes não têm irmãos, o que perfaz cerca de 15% da amostra, e que dois adolescentes mencionaram ter 8 irmãos.

Tabela 8 – Estatísticas descritivas do n.º de irmãos, ano de escolaridade e idade

		Statistics		
		irmãos	ano escolaridade	idade
N	Valid	376	376	376
	Missing	0	0	0
Mean		1,62	9,61	16,20
Median		1,00	9,00	16,00
Mode		1	9	17
Minimum		0	7	13
Maximum		8	12	19

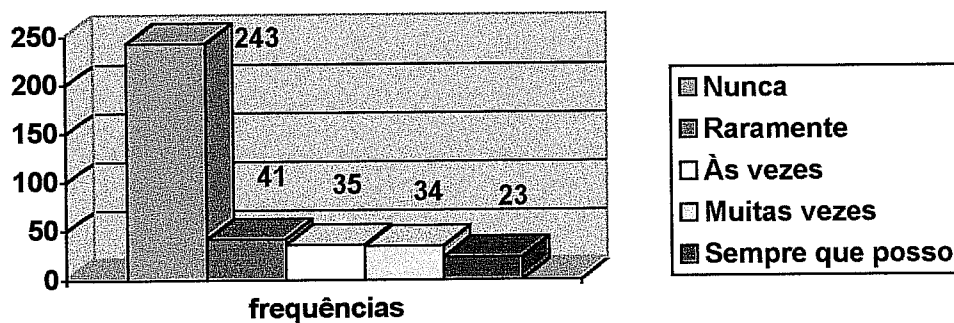
De uma maneira geral, podemos dizer através da análise da Tabela 8, que os adolescentes da nossa amostra têm um média de idades de 16 anos, embora a faixa etária mais frequente seja a dos 17 anos. O n.º de irmãos variou entre 0 e 8, e a média e a moda, situaram-se na categoria 1 irmão. No que diz respeito ao ano de escolaridade o 9º ano manifestou-se enquanto média, medida de tendência central, e como valor mais frequentemente repetido.

Gráfico 8- Distribuição de frequências do consumo de álcool



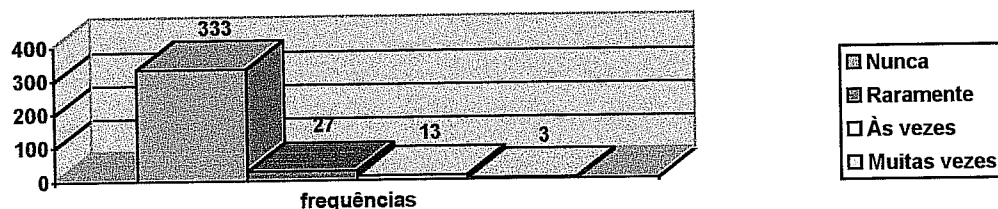
Da análise do Gráfico 8, constata-se 40% dos adolescente da nossa amostra refere nunca ter consumido álcool (n=150), 32%u ter consumido raramente (n=122), e 23% às vezes (n=87). De destacar que 12 adolescentes mencionaram que consomem álcool sempre que podem.

Gráfico 9- Distribuição de frequências do consumo de tabaco



Da análise do Gráfico 9, constata-se que a grande maioria da nossa amostra, 243 adolescente, referem nunca ter consumido tabaco, o que equivale a cerca de 65%. Por outro lado cerca de 25% tem um consumo que se pode considerar regular, sendo que 35 dos adolescentes afirmaram consumirem às vezes, 34 muitas vezes, e 23 sempre que podem.

Gráfico 10- Distribuição de frequências de consumo de drogas leves



Quanto ao consumo de drogas leves, pela observação do Gráfico 10 podemos constatar que a esmagadora maioria dos adolescentes refere nunca ter consumido drogas leves (88.6%),o que equivale a 333 adolescentes de um universo de 376. Só 3 adolescentes referiram consumir drogas leves muitas vezes. Contudo 40 adolescentes consomem este tipo de drogas ocasionalmente (raramente e às vezes).

Tabela 9 – Distribuição dos adolescentes em função do consumo de drogas pesadas

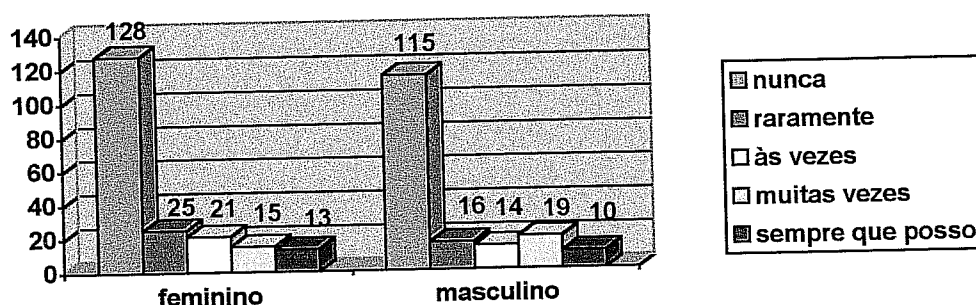
		consumo de drogas pesadas			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	373	99,2	99,2	99,2
	raramente	2	,5	,5	99,7
	às vezes	1	,3	,3	100,0
	Total	376	100,0	100,0	

Como se constata na Tabela 9, apenas 3 adolescentes referiram ter consumido ocasionalmente drogas pesadas, sendo que a quase totalidade (99%) mencionou nunca as ter consumido.

Em virtude da nossa amostra ser constituída por adolescentes do sexo feminino e masculino optámos por construir gráficos representativos das diferenças de consumo existentes em função do género, para as substâncias em que se revelou um maior consumo.

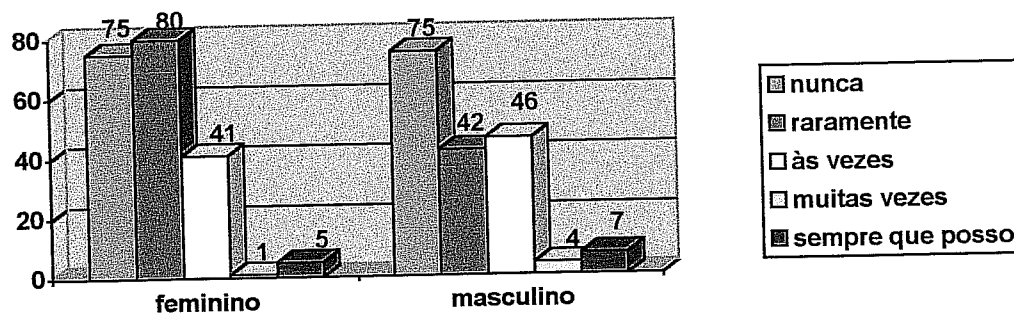
Como podemos constatar no Gráfico 11, não se verificam diferenças acentuadas entre os níveis de consumo de tabaco quando comparamos raparigas e rapazes entre si, em quaisquer das dimensões da escala. Enquanto as raparigas apresentam maior incidência de respostas nas categorias “raramente” e “às vezes”, isso é compensado pela maior taxa de respostas dos rapazes em “muitas vezes” quando comparados com as raparigas.

Gráfico 11- Diferenças entre sexos no consumo de tabaco



No que diz respeito ao consumo de álcool, verificamos que é na categoria “raramente” que se verifica uma maior diferença, pois enquanto essa categoria é mencionada 80 vezes pelas raparigas, só 42 rapazes optaram pela mesma, tal como podemos observar no gráfico 12.

Gráfico 12 - Diferenças entre sexos no consumo de álcool



Da observação do Gráfico 13, verificamos que é na categoria nunca e às vezes que se constata diferenças mais acentuadas quanto ao consumo de drogas leves. De uma maneira geral verifica-se um menor consumo por parte das raparigas, que se torna mais notório pela taxa de respostas às categorias “nunca” e “às vezes” quando comparadas com as respostas dos rapazes.

Gráfico 13 - Diferenças entre sexos no consumo de drogas leves

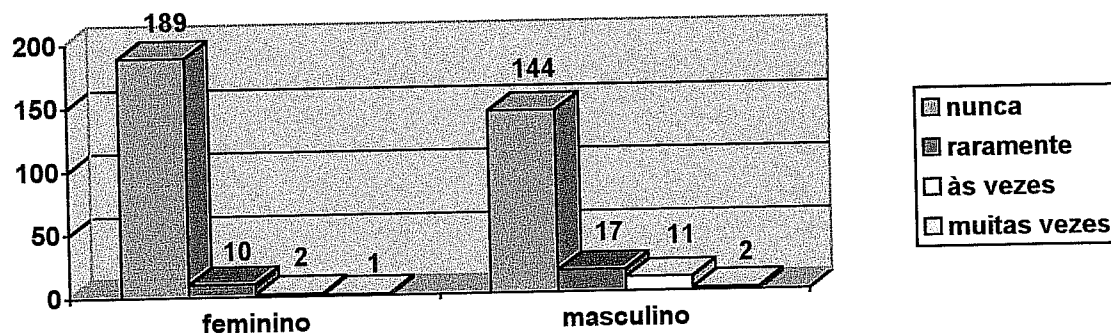
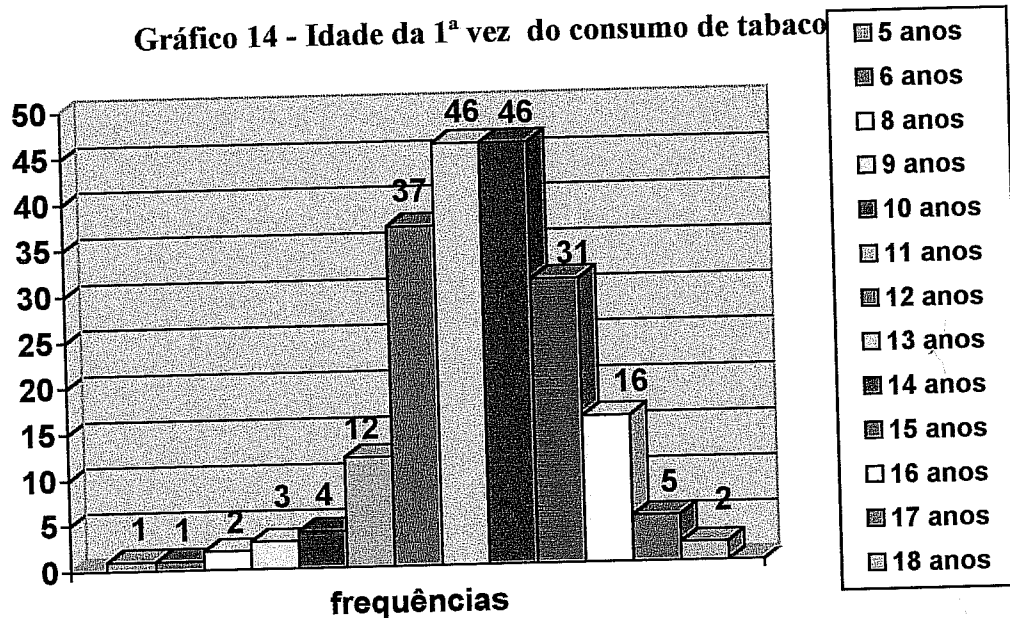


Tabela 10 – Estatísticas descritivas: idade da 1ª vez do uso de substâncias

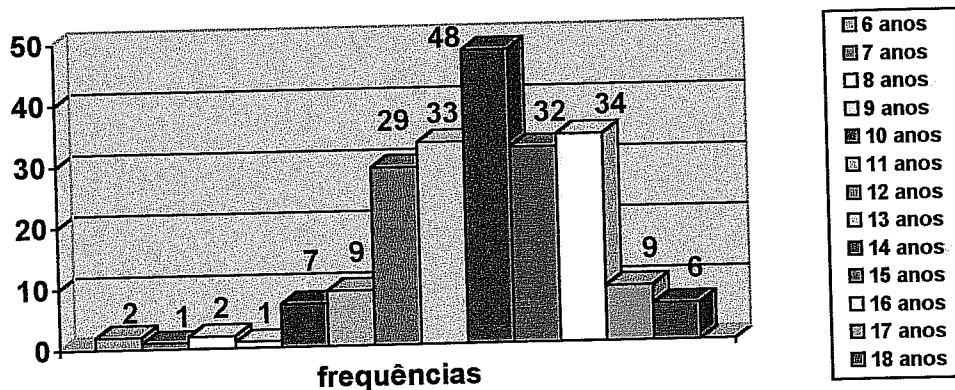
	Idade 1ª vez uso tabaco	Idade 1ª vez uso álcool	Idade 1ª vez uso marijuana	Idade 1ª vez uso haxixe	Idade 1ª vez uso colas	Idade 1ª vez uso trips	Idade 1ª vez uso speeds	Idade 1ª vez uso drunfos	Idade 1ª vez uso heroína	Idade 1ª vez uso cocaína
N	206	213	24	45	3	4	8	4	1	5
Média	13,37	13,84	15,04	14,93	12,33	15,75	15,63	16,00	14,00	15,20
Mediana	13,00	14,00	15,00	15,00	13,00	15,00	15,00	16,00	14,00	15,00
Moda	13	14	15	15	10	15	15	16	14	12
Mínimo	5	6	10	11	10	15	15	15	14	12
Máximo	18	18	18	18	14	18	18	17	14	18

Tal como se verifica na Tabela 10, a idade média da 1ª experiência de uso de tabaco e álcool ronda os 13 e os 14 anos, respectivamente, sendo que as experiências mais precoces se situaram entre os 5 e os 6 anos. No que se refere ao uso de marijuana e haxixe, verifica-se uma tendência central em torno dos 15 anos. O uso de colas demonstra ter um contexto de iniciação precoce, pois os 10 anos correspondem não só ao valor mínimo como ao valor mais frequente, e a média situa-se em torno dos 12 anos. O uso de trips, speeds (estimulantes) e cocaína, em média inicia-se aos 15 anos, contudo enquanto que para os duas primeiras a moda é atingida também aos 15 anos, para a cocaína o valor mais frequente surgiu mais cedo (12 anos). Quanto aos calmantes verifica-se que a média de idades da 1ª experiência é de 16 anos, bem como a moda. No uso de heroína verifica-se uma tendência central em torno dos 14 anos.



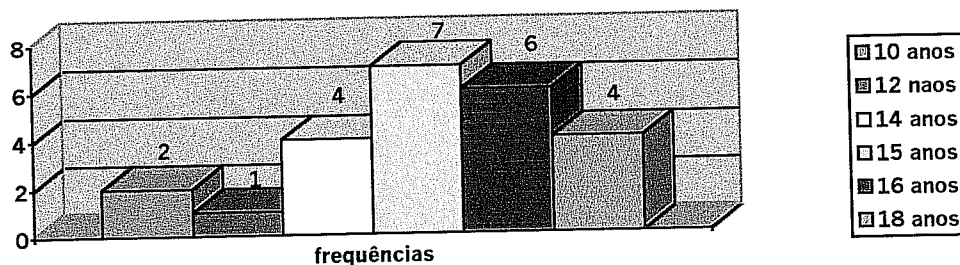
Da análise do Gráfico 14, constatamos que a maioria dos adolescentes da nossa amostra iniciou o consumo de tabaco entre os 14 (n=46) e os 13 anos (n=46) perfazendo um total de 45%, seguem-se os 12 e os 15 anos, ambos respectivamente com 37 e 31. Houve ainda quem tivesse tido a sua 1ª experiência com tabaco antes dos 10 anos (n=7).

Gráfico 15 - Idade da 1ª experiência de consumo de álcool



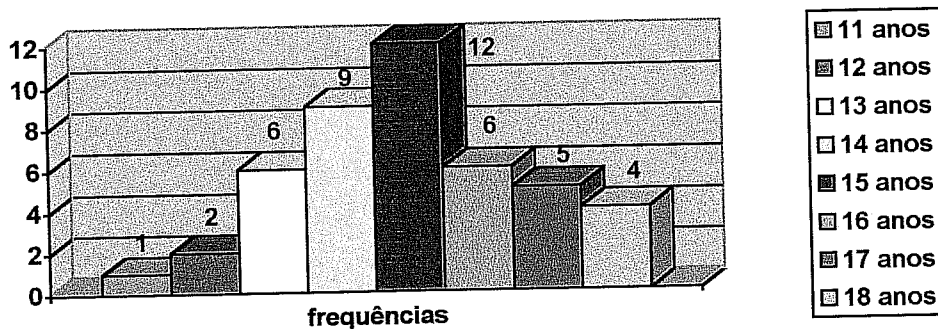
Da observação do Gráfico15, verificamos que a maioria dos adolescentes da nossa amostra iniciou o consumo de álcool aos 14 anos ($n= 48$), seguindo-se as faixas etárias dos 16 anos ($n= 34$), dos 13 anos ($n=33$) e dos 15 anos ($n=32$). Tal como para o consumo de tabaco houve quem tivesse tido a sua 1ª experiência antes dos 10 anos ($n=6$).

Gráfico 16- Idade da 1ª experiência de consumo de marijuana



Da análise do Gráfico16, verificamos que 24 adolescentes referiram ter experimentado marijuana, dos quais 55% tiveram essa 1ª experiência entre os 15 ($n=7$) e os 16 anos ($n=6$). Cerca de 34% referiram ter iniciado este consumo aos 12 ($n=4$) e 18 anos ($n=4$).

Gráfico 17 - Idade da 1ª experiência de consumo de haxixe



Da observação Gráfico17, verificamos que 45 adolescentes referiram ter experimentado haxixe, o equivale a 12% de uma amostra de 376 adolescentes o que já é considerável. 27% tiveram essa 1ª experiência aos 15 anos ($n=12$), 20% aos 14 anos ($n=9$) e 13% aos 16 anos ($n=6$).

3 - INSTRUMENTO

O instrumento utilizado na presente investigação tratou-se de um protocolo constituído por duas partes:

(A) um **Questionário de Caracterização** que pretendia avaliar a nossa amostra quanto às seguintes variáveis:

- sexo
- idade
- ano de escolaridade
- com quem vives?
- n.º de irmãos
- habilitações literárias das pessoas com quem reside
- consumos de substâncias: tabaco, álcool, drogas leves, drogas pesadas
- idade da 1ª experiência de uso de substâncias (tabaco; álcool, marijuana; haxixe; colas, vernizes, solventes; LSD, ácidos, trips; estimulantes; calmantes; heroína; cocaína)
- escola frequentada aquando da investigação.

(B) um **Questionário de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas** destinado a adolescentes, com 103 questões, construído com base uma escala de auto-preenchimento de tipo Likert, com 5 pontos, elaborado de forma a operacionalizar o conceito de representações sociais em algumas das dimensões sugeridas por Jodelet (1989), como sendo importantes para o estudo das Representações Sociais (informação, fontes de informação, crenças e atitudes), bem como focando o “mundo do adolescente”: o grupo de amigos e/ou companheiros de escola (Anexo A).

A construção da escala baseou-se em questionários utilizados na população portuguesa que incidiram sobre a temática do consumo de substâncias adolescentes escolarizados, bem como na revisão de literatura.

Com a dimensão *Informação* pretendíamos avaliar a quantidade e a qualidade de informação que os adolescentes possuíam acerca do uso de substâncias (álcool e drogas), através dos seguintes itens: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 100, 101, 102, 103.

Na dimensão *Fontes de Informação* pretendíamos saber quais os meios através dos quais os adolescentes receberam informação, mediante os seguintes itens: 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45.

Ao nível da dimensão *Crenças* tínhamos por objectivo perceber quais os valores, positivos ou negativos, subjacentes à construção da representação social dos adolescentes, por meio dos seguintes itens: 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88.

Quanto à dimensão *Atitudes* pretendíamos conhecer qual o posicionamento dos sujeitos quando confrontados com uma situação concreta, ou seja, averiguar da sua intenção comportamental em relação ao consumo de substâncias, através dos seguintes itens: 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99.

O formato dos itens do questionário só permitia uma alternativa de resposta, onde o sujeito tinha que se posicionar numa escala de likert de cinco pontos, com a possibilidade de uma escapatória central.

Deste modo o formato do tipo de resposta variava entre: concordo completamente; concordo; nem concordo nem discordo; discordo; discordo totalmente.

A chave da cotação é a seguinte: para cada item a cotação variava entre 5, 4, 3, 2, 1; mas alguns itens apresentavam-se invertidos.

Segue-se a lista dos itens cotados positiva e invertidamente:

Assim, os itens positivos são cotados com 5, 4, 3, 2, 1 (da esquerda para a direita):

- 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 103.

Os itens cotados de forma inversa, com 1, 2, 3, 4, 5 (da esquerda para a direita) foram:

- 2, 18, 20, 22, 23, 24, 31, 49, 52, 54, 55, 56, 65, 68, 70, 72, 73, 84, 88, 92, 93, 96, 98.

Inicialmente optámos por fazer a realização de um pré-teste a 30 adolescentes, quinze dos quais do 8º ano, oito do 10º ano, e sete do 11º ano de escolaridade, que viríamos a incluir na nossa amostra. (Anexo B).

O facto de termos escolhido 15 adolescentes do 8º ano de escolaridade prende-se com o facto de considerarmos ser uma boa opção de testagem ao índice de dificuldade do questionário em termos de exigência cognitiva, vocabulário e modo de preenchimento, visto ser um dos grupos mais novos que tínhamos por objectivo inquirir. Talvez tivesse sido mais indicado fazer cerca de 50% do pré-teste com adolescentes do 7º ano, mas tratou-se de uma questão de conveniência.

Da realização do pré-teste não resultou nenhuma alteração ao nosso questionário de base, pois as respostas distribuíram-se de forma equilibrada, e nenhuma questão apresentou um padrão repetitivo de estilo de resposta.

Tratando-se de um questionário bastante extenso e dada a dimensão da nossa amostra (376 adolescentes), optou-se por as questões de forma selectiva e iniciou-se o procedimento de validação do questionário numa escala.

O procedimento de validação foi fundamentalmente de tipo empírico, tendo sido administrada a versão original do questionário aos 376 adolescentes.

Estudo das Propriedades Psicométricas do Questionário

A análise das propriedades psicométricas incidiu essencialmente sobre a fidelidade e a validade da escala.

A **validade** foi verificada através da Análise Factorial com rotação oblíqua.

Procedeu-se a uma **Análise Factorial**, com rotação varimax, obtendo-se 3 factores.

A distribuição dos itens por factor consta do Anexo C.

Retivemos 32 itens, tendo em conta os referenciais teóricos e as respectivas ponderações estatísticas, que distribuímos do seguinte modo: 16 itens na sub-escala que designámos de informação, 8 itens na denominada sub-escala atitudes, e 8 itens na sub-escala nomeada de crenças. Foram excluídos os itens com pesos inferiores em valor absoluto a .500

Na *Sub-Escala Informação* os pesos das questões após a análise factorial, foram respectivamente: item 11 (.528), 12 (.584), 14 (.567), 15 (.647), 16 (.642), 19 (.715), 21 (.732), 23(-.733), 24 (-.730), 25 (.629), 26 (.673), 27 (.759), 28 (.704), 29 (.759), 31 (-.753), 32 (.744).

Na *Sub-Escala Atitudes* os pesos das questões foram respectivamente: item 63 (.550), 64 (.635), 66 (.564), 67 (.677), 89 (.653), 91 (.587), 94 (.574), 95 (.655).

Na *Sub-Escala Crenças* os pesos das questões foram respectivamente: item 57 (.634), 58 (.609), 59 (.619), 60 (.580), 74 (.602), 75 (.529), 76 (.602), 77 (.514).

A percentagem de variância explicada é de 25.356%, distribuída da seguinte forma: na Sub-Escala Informação 11.964%, na Sub-Escala Atitudes 6.815% , e na Sub-Escala Crenças 6.577%.

Obtivemos, deste modo, uma **Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas para Adolescentes**, de auto-preenchimento de tipo Likert, com 5 pontos, construída e validada para o efeito numa amostra de 376 adolescentes.

A escala é constituída por três sub-escalas: informação, crenças e atitudes, que perfazem um total de 32 questões.

As questões referentes à *Sub-escala Informação* pretendem avaliar a quantidade e a qualidade de informação que os adolescentes possuíam a respeito de nomes de diferentes drogas e da possibilidade do consumo dessas substâncias poder provocar ou não dependência física e psíquica. As questões são:

“O Haxixe é uma droga”

“A Heroína é uma droga”

“A Cocaína é uma droga”

“O LSD (trips) é uma droga”

“Os speeds são drogas”

“O uso de Heroína pode causar dependência física”

“O uso de Cocaína pode causar dependência física”

“O uso de LSD (trips) pode causar dependência física”

“O uso de speeds pode causar dependência física”

“O uso de Álcool pode causar dependência física”

“O uso de Haxixe pode causar dependência psíquica”

“O uso de Heroína pode causar dependência psíquica”

“O uso de Marijuana pode causar dependência psíquica”

“O uso de Cocaína pode causar dependência psíquica”

“O uso de LSD (trips) pode causar dependência psíquica”

“O uso de speeds pode causar dependência psíquica”

A *Sub-escala Atitudes* pretende conhecer qual a intenção comportamental dos sujeitos quando confrontados com uma situação concreta, ou seja, averiguar se os adolescentes apresentam atitudes favoráveis ou desfavoráveis face ao consumo de álcool e drogas. Os itens referentes a esta sub-escala são:

“Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu aceitaria”

“Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu acabaria por beber mais que o costume”

“Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu sinto-me «tentado» a beber mais vezes, porque o ambiente é propício”

“Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo”.

“Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me oferecessem um charro de haxixe eu aceitaria”

“Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a fumar heroína eu aceitaria”

“Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu sinto-me «tentado» a consumir mais vezes, porque o ambiente é propício”

“Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu provavelmente acabo por consumir para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo”

As questões referentes à *Sub-escala Crenças* pretendem perceber quais os valores, subjacentes à construção da representação social dos adolescentes, ou seja, se existe um predomínio de crenças positivas ou negativas associadas aos possíveis efeitos do consumo de álcool e drogas. Os itens que a compõem são:

“Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem porque se sentem aborrecidos ou tristes”

“Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para relaxar ou acalmar os nervos”

“Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”

“Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais adultos”

“Os jovens que consomem drogas fazem-no porque se sentem aborrecidos ou tristes”

“Os jovens que consomem drogas fazem-no para relaxar ou acalmar os nervos”

“Os jovens que consomem drogas fazem-no para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”

“Os jovens que consomem drogas fazem-no para fugir à realidade”

A chave de **cotação** manteve-se, sendo que todos os itens são cotados da esquerda para a direita com 5, 4, 3, 2, 1, pois trata-se de uma escala tipo likert, com excepção para os itens 23, 24, 31 que são cotados inversamente.

Considerou-se que quanto mais alta fosse a pontuação nas dimensões consideradas, mais elevado seria o nível de informação; mais favoráveis e permissivas seriam as atitudes dos adolescentes face ao consumo de álcool e drogas; e maior número de crenças a respeito de efeitos positivos associados ao consumo de substâncias teriam desenvolvido.

A **fidelidade** foi analisada sob o ponto de vista da consistência interna da escala, através do cálculo do Alpha de Cronbach (Anexo C).

Os valores de *Alpha* encontrados para estas sub-escalas são considerados bons indicadores da consistência interna do instrumento.

Tabela 11 – Alphas de Cronbach das Sub-escalas da Escala de Representações Sociais

<i>Sub-escalas</i>	<i>Nº de Itens</i>	<i>Alphas de Cronbach</i>
Informação	16	0.7320
Atitudes	8	0.8471
Crenças	8	0.8503
TOTAL	32	0.7382

Todo o tratamento estatístico que se segue foi efectuado tendo por base a Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes.

**Escala de Representações Sociais
do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes**

	Discordo completamente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo Completamente
1. "O Haxixe é uma droga"					
2. "A Heroína é uma droga"					
3. "A Cocaína é uma droga"					
4. "O LSD (trips) é uma droga"					
5. "Os speeds são drogas"					
6. "O uso de Heroína pode causar dependência física"					
7. "O uso de Cocaína pode causar dependência física"					
8. "O uso de LSD (trips) pode causar dependência física"					
9. "O uso de speeds pode causar dependência física"					
10. "O uso de Álcool pode causar dependência física"					
11. "O uso de Haxixe pode causar dependência psíquica"					
12. "O uso de Heroína pode causar dependência psíquica"					
13. "O uso de Marijuana pode causar dependência psíquica"					
14. "O uso de Cocaína pode causar dependência psíquica"					
15. "O uso de LSD (trips) pode causar dependência psíquica"					
16. "O uso de speeds pode causar dependência psíquica"					

17. "Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu aceitaria"					
18. "Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu acabaria por beber mais que o costume"					
19. "Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu sinto-me «tentado» a beber mais vezes, porque o ambiente é propício"					
20. "Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo".					
21. "Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me oferecessem um charro de haxixe eu aceitaria"					
22. "Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a fumar heroína eu aceitaria"					
23. "Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu sinto-me «tentado» a consumir mais vezes, porque o ambiente é propício"					
24. "Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu provavelmente acabo por consumir para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo"					
25. "Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem porque se sentem aborrecidos ou tristes"					

26“Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para relaxar ou acalmar os nervos”					
27. “Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”					
28. “Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais adultos”					
29. “Os jovens que consomem drogas fazem-no porque se sentem aborrecidos ou tristes”					
30. “Os jovens que consomem drogas fazem-no para relaxar ou acalmar os nervos”					
31. “Os jovens que consomem drogas fazem-no para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”					
32. “Os jovens que consomem drogas fazem-no para fugir à realidade”					

4 - PROCEDIMENTO DE RECOLHA DOS DADOS

Primeiramente foram efectuados os contactos com as escolas, a quem se entregou uma carta explicitando a finalidade do estudo, com o objectivo de obter autorização dos Conselhos Directivos para a aplicação dos questionários.

Após obtida a resposta, procedemos a um novo contacto para agendar quais as aulas e a que turmas poderíamos aplicar o questionário dada a brevidade das Provas Globais aquando da fase da recolha da amostra, o que dificultou de algum modo a recolha de um maior número de questionários.

No momento da aplicação dos questionários, os professores estavam presentes na sala de aula, explicando primeiramente aos seus alunos que aquela iria ser uma aula diferente, solicitando a colaboração dos alunos, apresentando a investigadora e passando-lhe a palavra.

Começou-se por solicitar a colaboração dos alunos e a aplicação do questionário foi precedida de uma breve explicação sobre os objectivos do estudo, garantindo-se o anonimato e a confidencialidade. Procedeu-se á leitura em voz alta do cabeçalho, e referiu-se a total disponibilidade para o esclarecimento de alguma dúvida que pudesse surgir quanto ao vocabulário, quanto ao formato das questões.

O questionário foi aplicado colectivamente e responderam ao mesmo os alunos que estavam presentes na sala de aula.

Após o preenchimento do questionário agradeceu-se a colaboração dos alunos e professores, alguns dos quais se ofereceram a fornecer exemplares do questionário a alguns colegas e amigos de trabalho (por esse motivo nalguns estabelecimentos de ensino apresentamos um número bastante reduzido de adolescentes inquiridos).

5 - TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Para o tratamento estatístico dos dados em SPSS (*Statistic Program for Social Science*), recorreu-se à estatística descritiva, bem como à estatística não paramétrica, pois o nível de medida das nossas variáveis é de escala ordinal.

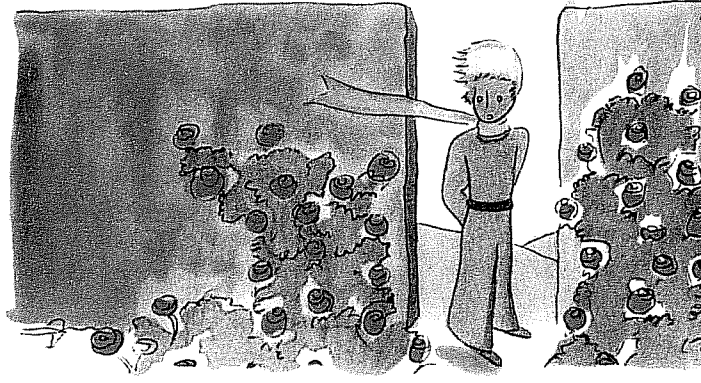
Em primeiro lugar tentou-se averiguar da existência de diferenças significativas quanto às *Representações Sociais* em função: do sexo; da idade <16 anos vs >= 16 anos e em função da experiência ou não de consumo de substâncias. Sendo a comparação entre duas amostras independentes recorreu-se estatística não-paramétrica – Teste U de Mann-Whitney (Anexo F).

Ao efectuarmos uma comparação que compreende que mais do que duas amostras independentes, recorre-se à estatística não-paramétrica e mais concretamente ao teste de Kruskal-Wallis (Anexo F). Foi o que sucedeu quando realizámos comparações em função da faixa etária dos adolescentes que varia entre os 13 e os 19 anos, e em função do ano de escolaridade cujo intervalo variava entre o 7º e o 12º ano de escolaridade.

Após verificarmos através do teste de Kruskal-Wallis em quais das sub-escalas se encontraram diferenças estatisticamente significativas, mais uma vez efectuámos uma análise U de Mann-Whitney, para todas as combinação de idades e ano de escolaridade possíveis, pois tratavam-se de pares de duas amostras independentes (Anexo F).

Pretendemos ainda fazer uma análise correlacional entre as sub-escalas da Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes, e sendo as nossas variáveis de tipo ordinal utilizou-se a *Correlação rs de Spearman*. (Anexo G).

O nível de significância utilizado nos testes foi de 0.05, e nas correlações de 0.01.



IV. RESULTADOS

RESULTADOS

Considerou-se que quanto mais alta fosse a pontuação nas três sub-escalas, mais elevado seria o nível de informação, mais favoráveis e permissivas seriam as atitudes dos adolescentes face ao consumo de álcool e drogas, e maior número de crenças a respeito de efeitos positivos associados ao consumo de substâncias teriam desenvolvido.

Apresentaremos todos os resultados obtidos:

- 1) item a item;
- 2) para cada uma das sub-escalas;
- 3) para o total da Escala de Representações Sociais
- 4) e posteriormente proceder-se-á à realização de correlações.

1 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS ITEM A ITEM

As frequências de respostas a todas as questões encontram-se no Anexo E.

De seguida passamos a descrever e enumerar detalhadamente as categorias de respostas para os 32 itens seleccionados para a Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas para Adolescentes.

Seguem-se as respostas aos 16 itens da Sub-Escala Informação:

Tabela 12 – Respostas ao Item 1: “O Haxixe é uma droga”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	4	1.1
Discordo	3	0.8
Nem concordo nem discordo	29	7.7
Concordo	101	26.9
Concordo Completamente	239	63.6
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (63.6%), e 26.9% referem que concordam, contudo cerca de 8% nem concordam nem discordam.

Tabela 13 – Respostas ao Item 2: “A Heroína é uma droga”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	2	0.5
Discordo	1	0.3
Nem concordo nem discordo	7	1.9
Concordo	75	19.9
Concordo Completamente	291	77.4
Total	376	100.0

A esmagadora maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (77.4%), e 20% concordam, o que perfaz um total de quase unanimidade (97.4%)

Tabela 14 – Respostas ao Item 3: “A Cocaína é uma droga”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	2	0.5
Discordo	0	0
Nem concordo nem discordo	8	2.1
Concordo	70	18.6
Concordo Completamente	296	78.7
Total	376	100.0

Mais uma vez a esmagadora maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (78.7%), e 18.6% concordam, o que na totalidade corresponde a cerca de 97.3%.

Tabela 15 – Respostas ao Item 4: “O LSD (trips) é uma droga”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	2	0.5
Discordo	0	0
Nem concordo nem discordo	41	10.9
Concordo	97	25.8
Concordo Completamente	296	62.8
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (62.8%), e 25.8% referem que concordam, contudo cerca de 11% nem concordam nem discordam.

Tabela 16 – Respostas ao Item 5: “Os speeds são drogas”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	1	0.3
Discordo	3	0.8
Nem concordo nem discordo	52	13.8
Concordo	102	27.1
Concordo Completamente	218	58.0
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (58%), e 27% referem que concordam, contudo cerca de 14% nem concordam nem discordam.

Tabela 17 – Respostas ao Item 6: “O uso de Heroína pode causar dependência física”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	2	0.5
Discordo	7	1.9
Nem concordo nem discordo	31	8.2
Concordo	138	36.7
Concordo Completamente	198	52.7
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (52.7%), e 36.7% referem que concordam, contudo cerca de 8% nem concordam nem discordam.

Tabela 18 – Respostas ao Item 7: “O uso de Cocaína pode causar dependência física”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	1	0.3
Discordo	7	1.9
Nem concordo nem discordo	41	10.9
Concordo	133	35.4
Concordo Completamente	194	51.6
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (51.6%), e 35.4% referem que concordam, contudo cerca de 11% nem concordam nem discordam.

Tabela 19 – Respostas ao Item 8: “O uso de LSD (trips) pode causar dependência física”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	1	0.3
Discordo	6	1.6
Nem concordo nem discordo	106	28.2
Concordo	134	35.6
Concordo Completamente	129	34.3
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda com a afirmação (35.6%), e 34.3% referem que concordam completamente, contudo só cerca de 28% nem concordam nem discordam e são muito poucos os que se situam nas categorias discordo e discordo completamente.

Tabela 20 – Respostas ao Item 9: “O uso de *speeds* pode causar dependência física”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	1	0.3
Discordo	11	2.9
Nem concordo nem discordo	100	26.6
Concordo	125	33.2
Concordo Completamente	139	37.0
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (37%), e 33.2% referem que concordam, contudo já cerca de 26.6% nem concordam nem discordam, embora sejam ainda muito poucos os que se situam nas categorias discordo e discordo completamente.

Tabela 21 – Respostas ao Item 10: “O uso de Álcool pode causar dependência física”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	5	1.3
Discordo	10	2.7
Nem concordo nem discordo	64	17.0
Concordo	133	35.4
Concordo Completamente	164	43.6
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (43.6%), e 35.4% referem que concordam, contudo cerca de 17% nem concordam nem discordam.

Tabela 22 – Respostas ao Item 11: “O uso de Haxixe pode causar dependência psíquica”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	5	1.3
Discordo	17	4.5
Nem concordo nem discordo	57	15.2
Concordo	142	37.8
Concordo Completamente	155	41.2
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (41.2%), e 37.8% referem que concordam, contudo ainda cerca de 15% nem concordam nem discordam e cerca de 6% inserem-se nas categorias discordo e discordo completamente.

Tabela 23 – Respostas ao Item 12: “O uso de Heroína pode causar dependência psíquica”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	1	0.3
Discordo	7	1.9
Nem concordo nem discordo	41	10.9
Concordo	139	37.0
Concordo Completamente	188	50.0
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (50%), e 37% referem que concordam, contudo cerca de 11% nem concordam nem discordam.

Tabela 24 – Respostas ao Item 13: “O uso de Marijuana pode causar dependência psíquica”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	6	1.6
Discordo	10	2.7
Nem concordo nem discordo	52	13.8
Concordo	149	39.6
Concordo Completamente	159	42.3
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (42.3%), e 39.6% referem que concordam, contudo cerca de 14% nem concordam nem discordam, e 4.3% têm uma opinião contrária (discordam ou discordam completamente).

Tabela 25 – Respostas ao Item 14: “O uso de Cocaína pode causar dependência psíquica”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	3	0.8
Discordo	4	1.1
Nem concordo nem discordo	38	10.1
Concordo	136	36.2
Concordo Completamente	195	51.9
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda completamente com a afirmação (51.9%), e 36.2% referem que concordam, contudo cerca de 10% nem concordam nem discordam.

Tabela 26 – Respostas ao Item 15: “O uso de LSD (trips) pode causar dependência psíquica”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	3	0.8
Discordo	7	1.9
Nem concordo nem discordo	89	23.7
Concordo	147	39.1
Concordo Completamente	130	34.6
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda com a afirmação (39%), e 34.6% referem que concordam completamente, mas a categoria nem concordo nem discordo conseguiu alcançar cerca 24%, muito embora poucos fossem os que tivessem uma opinião contrária pois não chegou a 3%.

Tabela 27 – Respostas ao Item 16: “O uso de speeds pode causar dependência psíquica”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	2	0.5
Discordo	6	1.6
Nem concordo nem discordo	86	22.9
Concordo	146	38.8
Concordo Completamente	136	36.2
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda com a afirmação (38.8%), e 36.2% referem que concordam completamente, contudo cerca de 23% nem concordam nem discordam.

Seguem-se as respostas dos 8 itens da Sub-Escala Atitudes:

Tabela 28 – Respostas ao Item 17: “Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu aceitaria”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	95	25.3
Discordo	80	21.3
Nem concordo nem discordo	114	30.3
Concordo	64	17.0
Concordo Completamente	23	6.1
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes nem concorda nem discorda (30.3%), e 17% concordam, mas se tomarmos em consideração ambas as categorias de resposta desfavoráveis (discordo e discordo completamente) elas perfazem um total de cerca de 46%.

Tabela 29 – Respostas ao Item 18: “Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu acabaria por beber mais que o costume”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	113	30.1
Discordo	127	33.8
Nem concordo nem discordo	85	22.6
Concordo	34	9.0
Concordo Completamente	17	4.5
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda da afirmação (33.8%) e se tomarmos em consideração as categorias discordo e discordo completamente apresentam uma atitude predominantemente desfavorável com cerca de 64% de respostas. Contudo cerca de 22.6% nem concordam nem discordam.

Tabela 30 – Respostas ao Item 19: “Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu sinto-me «tentado» a beber mais vezes, porque o ambiente é propício”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	77	20.5
Discordo	118	31.4
Nem concordo nem discordo	82	21.8
Concordo	84	22.3
Concordo Completamente	15	4.0
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda da afirmação (31.4%), contudo cerca de 21.8% nem concordam nem discordam e 22.3% concordam. Mais uma vez tomando em consideração ambas as categorias desfavoráveis, perfazem um total de cerca de 52%.

Tabela 31 – Respostas ao Item 20: “Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo”.

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	118	31.4
Discordo	135	35.9
Nem concordo nem discordo	74	19.7
Concordo	37	9.8
Concordo Completamente	12	3.2
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda da afirmação (33.8%) e se tomarmos em consideração as categorias discordo e discordo completamente apresentam uma atitude predominantemente desfavorável com cerca de 64% de respostas. Contudo cerca de 22.6% nem concordam nem discordam.

Tabela 32 – Respostas ao Item 21: “Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me oferecessem um charro de haxixe eu aceitaria”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	201	53.5
Discordo	84	22.3
Nem concordo nem discordo	43	11.4
Concordo	32	8.5
Concordo Completamente	16	4.3
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda completamente da afirmação (53.5%), e 22.3% discordam, contudo 11.4% nem concordam nem discordam.

Tabela 33 – Respostas ao Item 22: “Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a fumar heroína eu aceitaria”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	231	61.4
Discordo	92	24.5
Nem concordo nem discordo	32	8.5
Concordo	16	4.3
Concordo Completamente	5	1.3
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda completamente da afirmação (61.4%), e 24.5% discordam, mas cerca de 9% nem concordam nem discordam.

Tabela 34 – Respostas ao Item 23: Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu sinto-me «tentado» a consumir mais vezes, porque o ambiente é propício”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	164	43.6
Discordo	92	24.5
Nem concordo nem discordo	68	18.1
Concordo	41	10.9
Concordo Completamente	11	2.9
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda completamente da afirmação (43.6%), e 24.5% discordam, contudo cerca de 18% nem concordam nem discordam, e cerca de 14% apresentam uma opinião favorável.

Tabela 35 – Respostas ao Item 24: “Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu provavelmente acabo por consumir para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	200	53.2
Discordo	92	24.5
Nem concordo nem discordo	47	12.5
Concordo	29	7.7
Concordo Completamente	8	2.1
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes discorda completamente da afirmação (53.2%), e 24.5% discordam, contudo 12.5% nem concordam nem discordam, e cerca de 10% apresentam uma opinião favorável.

Seguem-se as respostas aos 8 itens da Sub-Escala Crenças:

Tabela 36 – Respostas ao Item 25: “Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem porque se sentem aborrecidos ou tristes”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	38	10.1
Discordo	75	19.9
Nem concordo nem discordo	141	37.5
Concordo	96	25.5
Concordo Completamente	26	6.9
Total	376	100.0

Um grande número de adolescentes concorda com a afirmação (25.5%), contudo a maioria nem concorda nem discorda (37.5%), e cerca de 30% apresenta uma opinião contrária.

Tabela 37 – Respostas ao Item 26: “Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para relaxar ou acalmar os nervos”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	25	6.6
Discordo	68	18.1
Nem concordo nem discordo	141	37.5
Concordo	108	28.7
Concordo Completamente	34	9.0
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes nem concorda nem discorda (37.5%), mas cerca de 38% apresenta uma opinião positiva se levarmos em conta a totalidade das respostas nas categorias concordo e concordo completamente.

Tabela 38 – Respostas ao Item 27: “Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	26	6.9
Discordo	35	9.3
Nem concordo nem discordo	102	27.1
Concordo	138	36.7
Concordo Completamente	75	19.9
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda com a afirmação (36.7%), cerca de 20% concordam completamente, e cerca de 27% nem concordam nem discordam.

Tabela 39 – Respostas ao Item 28: “Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais adultos”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	21	5.6
Discordo	44	11.7
Nem concordo nem discordo	88	23.4
Concordo	146	38.8
Concordo Completamente	77	20.5
Total	376	100.0

A maioria dos adolescentes concorda com a afirmação (38.8%), cerca de 20% concordam completamente, e 23.4% nem concordam nem discordam. Contudo cerca de 17% têm uma opinião negativa sobre esta afirmação.

Tabela 40– Respostas ao Item 29: “Os jovens que consomem drogas fazem-no porque se sentem aborrecidos ou tristes”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	26	6.9
Discordo	68	18.1
Nem concordo nem discordo	130	34.6
Concordo	117	31.1
Concordo Completamente	35	9.3
Total	376	100.0

Um grande número de adolescentes nem concorda nem discorda com a afirmação (34.6%), contudo a maioria apresenta uma opinião coincidente com a afirmação, pois a totalidade das respostas positivas perfaz um total de cerca de 41%.

Tabela 41 – Respostas ao Item 30: “Os jovens que consomem drogas fazem-no para relaxar ou acalmar os nervos”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	17	4.5
Discordo	58	15.4
Nem concordo nem discordo	136	36.2
Concordo	130	34.6
Concordo Completamente	35	9.3
Total	376	100.0

Um grande número de adolescentes nem concorda nem discorda com a afirmação (36.2%), contudo a maioria apresenta uma opinião coincidente com a afirmação, pois a totalidade das respostas positivas perfaz um total de cerca de 44%.

Tabela 42 – Respostas ao Item 31: “Os jovens que consomem drogas fazem-no para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	22	5.9
Discordo	43	11.4
Nem concordo nem discordo	118	31.4
Concordo	137	36.4
Concordo Completamente	56	14.9
Total	376	100.0

A grande maioria dos adolescentes apresenta uma opinião positiva (51.3%), se somarmos as respostas às categorias concordo e concordo completamente, muito embora um grande número de adolescentes nem concorde nem discorde com a afirmação (31.4%).

Tabela 43 – Respostas ao Item 32: “Os jovens que consomem drogas fazem-no para fugir à realidade”

Valid	Frequency	Percent
Discordo completamente	11	2.9
Discordo	35	9.3
Nem concordo nem discordo	103	27.4
Concordo	160	42.6
Concordo Completamente	67	17.8
Total	376	100.0

A grande maioria dos adolescentes apresenta uma opinião positiva (60.4%), se somarmos as respostas às categorias concordo e concordo completamente, muito embora um grande número de adolescentes nem concorde nem discorde com a afirmação (27.4%).

2 - COMPARAÇÃO ENTRE OS GRUPOS EM ESTUDO EM FUNÇÃO DAS TRÊS SUB-ESCALAS

Em primeiro lugar pretendeu averiguar-se da existência de diferenças significativas em cada uma das três sub-escalas (Informação, Atitudes e Crenças) para os seguintes grupos em estudo:

- sexo;
- idade inferior a 16 anos vs superior ou igual a 16 anos;
- experiência ou não de consumo de substâncias: tabaco, álcool e drogas.

Sendo a comparação entre duas amostras independentes recorreu-se ao Teste U de Mann-Whitney (estatística não-paramétrica).

Resolveu-se ainda proceder a comparações tendo em conta todos os escalões etários. Tendo em conta que essa comparação compreende mais do que duas amostras independentes, visto a faixa etária dos adolescentes variar entre os 13 e os 19 anos, recorreu-se à estatística não-paramétrica e mais concretamente ao teste de Kruskal-Wallis, tal como podemos constatar na tabela 44.

Um outro objectivo consistia em testar a possibilidade de diferenças significativas em função do ano de escolaridade. Mais uma vez, tendo em conta que comparação em função do nível de escolaridade compreende mais do que duas amostras independentes, visto o ano de escolaridade dos adolescentes variar entre o 7º ano e o 12º ano, recorreu-se à estatística não-paramétrica e mais concretamente ao teste de Kruskal-Wallis, tal como podemos constatar na tabela 45.

Tabela 44 – Comparações em função da faixa etária nas três Sub-Escalas

Idade	Média das Ordens	N	Significância
Sub-Escala Informação			0.098 (N=376)
13 anos	136.80	(N=20)	
14 anos	200.48	(N=46)	
15 anos	190.07	(N=63)	
16 anos	186.84	(N=75)	
17 anos	176.10	(N=81)	
18 anos	212.37	(N=63)	
19 anos	188.82	(N=28)	
Sub-Escala Atitudes			0.964 (N=376)
13 anos	188.70	(N=20)	
14 anos	184.36	(N=46)	
15 anos	177.47	(N=63)	
16 anos	198.34	(N=75)	
17 anos	189.87	(N=81)	
18 anos	187.68	(N=63)	
19 anos	191.50	(N=28)	
Sub-Escala Crenças			0.023 (N=376)
13 anos	154.13	(N=20)	
14 anos	205.20	(N=46)	
15 anos	214.07	(N=63)	
16 anos	190.93	(N=75)	
17 anos	181.86	(N=81)	
18 anos	156.50	(N=63)	
19 anos	212.79	(N=28)	

Da observação da tabela 44, verifica-se que as diferenças estatisticamente significativas se encontram ao nível da *Sub-Escala Crenças* (Chi-Square 14.724; $p=0.023$). Resolveu-se ainda averiguar da possibilidade de diferenças estatisticamente significativas na *Sub-Escala Informação*. Deste modo procedeu-se posteriormente às respectivas comparações par a par, através do Teste *U* de Mann-Whitney.

Tabela 45 – Comparações em função do ano de escolaridade nas três Sub-Escalas

Escolaridade	Média das Ordens	N	Significância
Sub-Escala Informação			0.027 (N=376)
7º ano	137.15	(N=24)	
8º ano	163.55	(N=56)	
9º ano	195.25	(N=109)	
10º ano	196.35	(N=81)	
11º ano	206.07	(N=67)	
12º ano	190.56	(N=39)	
Sub-Escala Atitudes			0.701 (N=376)
7º ano	181.29	(N=24)	
8º ano	206.03	(N=56)	
9º ano	181.08	(N=109)	
10º ano	192.27	(N=81)	
11º ano	179.35	(N=67)	
12º ano	196.40	(N=39)	
Sub-Escala Crenças			0.002 (N=376)
7º ano	133.08	(N=24)	
8º ano	160.01	(N=56)	
9º ano	215.41	(N=109)	
10º ano	196.87	(N=81)	
11º ano	184.63	(N=67)	
12º ano	177.58	(N=39)	

Da observação da tabela 45, verifica-se que as diferenças estatisticamente significativas se encontram ao nível da *Sub-Escala Informação* (Chi-Square=12.678; p=0.027) e *Sub-Escala Crenças* (Chi-Square=18.953; p=0.002). Procedeu-se às respectivas comparações, através do Teste U de Mann-Whitney.

Tabela 46 – Diferenças entre os grupos em estudo na Sub-Escala Informação

Sub-Escala Informação	Média das Ordens		Significância
	Grupo1	Grupo2	
<i>Sexo</i>	194.75 (N=202)	181.25 (N=174)	0.196
<i><16 anos vs >= 16 anos</i>	185.52 (N=129)	190.05 (N=247)	0.679
<i>Experiências De uso de tabaco</i>	183.65 (N=243)	197.36 (N=133)	0.208
<i>Experiências De uso de álcool</i>	195.90 (N=150)	183.59 (N=226)	0.247
<i>Experiências De uso de drogas leves</i>	189.92 (N=333)	177.52 (N=43)	0.448
<i>13 anos vs 14 anos</i>	25.90 (N=20)	36.80 (N=46)	0.021
<i>13 anos vs 15 anos</i>	32.80 (N=20)	44.92 (N=63)	0.036
<i>13 anos vs 16 anos</i>	37.85 (N=20)	50.71 (N=75)	0.046
<i>13 anos vs 17 anos</i>	41.97 (N=20)	53.23 (N=81)	0.103
<i>13 anos vs 18 anos</i>	30.13 (N=20)	45.77 (N=63)	0.006
<i>13 anos vs 19 anos</i>	20.65 (N=20)	27.25 (N=28)	0.088
<i>14 anos vs 15 anos</i>	56.85 (N=46)	53.65 (N=63)	0.569
<i>14 anos vs 16 anos</i>	63.76 (N=46)	59.31 (N=75)	0.458
<i>14 anos vs 17 anos</i>	69.21 (N=46)	61.04 (N=81)	0.196
<i>14 anos vs 18 anos</i>	53.01 (N=46)	56.45 (N=63)	0.531
<i>14 anos vs 19 anos</i>	38.35 (N=46)	36.11 (N=28)	0.634
<i>15 anos vs 16 anos</i>	70.17 (N=63)	68.94 (N=75)	0.846
<i>15 anos vs 17 anos</i>	75.53 (N=63)	70.14 (N=81)	0.412
<i>15 anos vs 18 anos</i>	59.71 (N=63)	67.29 (N=63)	0.203
<i>15 anos vs 19 anos</i>	46.10 (N=63)	45.79 (N=28)	0.956
<i>16 anos vs 17 anos</i>	80.76 (N=75)	76.41 (N=81)	0.520
<i>16 anos vs 18 anos</i>	65.27 (N=75)	74.53 (N=63)	0.139
<i>16 anos vs 19 anos</i>	51.85 (N=75)	52.39 (N=28)	0.930
<i>17 anos vs 18 anos</i>	66.25 (N=81)	80.53 (N=63)	0.029
<i>17 anos vs 19 anos</i>	54.02 (N=81)	57.82 (N=28)	0.560
<i>18 anos vs 19 anos</i>	47.79 (N=63)	41.96 (N=28)	0.285
<i>7º ano vs 8º ano</i>	36.35 (N=24)	42.28 (N=56)	0.268
<i>7º ano vs 9º ano</i>	50.42 (N=24)	70.65 (N=109)	0.012
<i>7º ano vs 10º ano</i>	40.46 (N=24)	56.72 (N=81)	0.013
<i>7º ano vs 11º ano</i>	33.52 (N=24)	50.47 (N=67)	0.004
<i>7º ano vs 12º ano</i>	26.40 (N=24)	35.45 (N=39)	0.042
<i>8º ano vs 9º ano</i>	73.84 (N=56)	87.71 (N=109)	0.059
<i>8º ano vs 10º ano</i>	61.99 (N=56)	73.85 (N=81)	0.066
<i>8º ano vs 11º ano</i>	54.28 (N=56)	68.46 (N=67)	0.019
<i>8º ano vs 12º ano</i>	45.17 (N=56)	52.06 (N=39)	0.203
<i>9º ano vs 10º ano</i>	95.27 (N=109)	95.81 (N=81)	0.941
<i>9º ano vs 11º ano</i>	86.63 (N=109)	91.54 (N=67)	0.497
<i>9º ano vs 12º ano</i>	75.00 (N=109)	73.12 (N=39)	0.799
<i>10º ano vs 11º ano</i>	72.86 (N=81)	76.48 (N=67)	0.576
<i>10º ano vs 12º ano</i>	61.11 (N=81)	59.23 (N=39)	0.763
<i>11º ano vs 12º ano</i>	55.13 (N=67)	50.71 (N=39)	0.436

Não se verificaram diferenças significativas no que respeita à *Sub-escala Informação* em nenhuma das seguintes variáveis em estudo: sexo ($U=16312.5$; $p=0.196$); idade <16 anos vs ≥ 16 anos ($U=15547.5$; $p=0.679$); experiências de uso de tabaco ($U=14981$; $p=0.208$); álcool ($U=15840$; $p=0.247$) e drogas ($U=6687.5$; $p=0.448$), tal como se pode constatar pela observação da Tabela 46.

A análise U de Mann-Whitney na *Sub-Escala Informação* ao nível da comparação entre faixas etárias revelou a existência de diferenças significativas nos seguintes pares em estudo: entre o grupo de 13 anos e o grupo de 14 anos ($U=308$; $p=0.021$); entre o grupo de de 13 e 15 anos ($U=446$; $p=0.036$); de 13 e 16 anos ($U=547$; $p=0.046$); de 13 e 18 anos ($U=392.5$; $p=0.006$); de 17 e 18 anos ($U=2045.5$; $p=0.029$); indo essa diferença no sentido dos adolescentes mais velhos possuírem um melhor nível de informação quando comparados com os mais novos, tal como se pode observar na Tabela 46.

Ao nível das comparações em função do ano de escolaridade na *Sub-Escala Informação* os resultados revelaram a existência de diferenças significativas entre os seguintes pares de adolescentes em estudo: entre o 7º e 9º anos ($U=910$; $p=0.012$); o 7º e 10º anos ($U=671$; $p=0.013$); o 7º ano e o 11º ano ($U=504.5$; $p=0.004$); o 7º e 12º ano ($U=333.5$; $p=0.042$); e o 8º ano e o 11º ano ($U=1443.5$; $p=0.019$); indo essa diferença no sentido dos adolescentes com um nível de escolaridade mais elevado possuírem melhor nível de informação sobre álcool e drogas que os de anos de escolaridade inferiores.

Tabela 47 – Diferenças entre os grupos em estudo na Sub-Escala Atitudes

Sub-Escala Atitudes	Média das Ordens		Significância
	Grupo1	Grupo2	
<i>Sexo</i>	164.15 (N=202)	216.77 (N=174)	0.000
<i><16 anos vs >= 16 anos</i>	181.67 (N=129)	192.07 (N=247)	0.366
<i>Experiências De uso de tabaco</i>	171.49 (N=243)	219.57 (N=133)	0.000
<i>Experiências De uso de álcool</i>	162.81 (N=150)	205.55 (N=226)	0.000
<i>Experiências De uso de drogas leves</i>	177.87 (N=333)	270.81 (N=43)	0.000

Analisando os resultados obtidos na Tabela 47, constata-se a existência de diferenças significativas ao nível da *Sub-Escala Atitudes*, para variável sexo ($U=12655.5$; $p=0.000$); experiências de uso de tabaco ($U=12027$; $p=0.000$); álcool ($U=13097$; $p=0.000$) e drogas ($U=3620$; $p=0.000$). Podemos ainda verificar que o sexo masculino, e os grupos com experiências de uso de substâncias (tabaco, álcool e drogas) apresentaram atitudes mais favoráveis face ao consumo de álcool e drogas.

Da observação da Tabela 48, verificamos que os resultados na *Sub-Escala Crenças* revelaram que apenas existem diferenças significativas em função da variável uso de substâncias para o álcool ($U=13765$; $p=0.001$), indo essa diferença no sentido dos adolescentes que nunca consumiram álcool possuírem mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os jovens com experiência de uso de álcool.

Ao nível das comparações em função da faixa etária na *Sub-Escala Crenças* os resultados revelaram a existência de diferenças significativas entre os adolescentes de 13 e 15 anos ($U=429$; $p=0.027$) e de 13 e 19 anos ($U=186.5$; $p=0.088$), indo essa diferença no sentido dos adolescentes mais velhos possuírem mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os adolescentes mais novos.

Por outro lado, verificou-se também a existência de diferenças significativas entre os adolescentes de 14 e 18 anos ($U=1085$; $p=0.021$) e os adolescentes de 15 e 18 anos ($U=1374$; $p=0.002$), contudo nestes casos foram os adolescentes mais novos que mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os mais velhos.

Tabela 48 – Diferenças entre os grupos em estudo na Sub-Escala Crenças

Sub-Escala Crenças	Média das Ordens		Significância
	Grupo1	Grupo2	
<i>Sexo</i>	197.75 (N=202)	177.76 (N=174)	0.066
<i><16 anos vs >= 16 anos</i>	201.61 (N=129)	181.65 (N=247)	0.080
<i>Experiências De uso de tabaco</i>	189.48 (N=243)	186.72 (N=133)	0.808
<i>Experiências De uso de álcool</i>	209.73 (N=150)	174.41 (N=226)	0.001
<i>Experiências De uso de drogas leves</i>	188.47 (N=333)	188.71 (N=43)	0.989
<i>13 anos vs 14 anos</i>	27.63 (N=20)	36.05 (N=46)	0.091
<i>13 anos vs 15 anos</i>	31.95 (N=20)	45.19 (N=63)	0.027
<i>13 anos vs 16 anos</i>	40.75 (N=20)	49.93 (N=75)	0.174
<i>13 anos vs 17 anos</i>	45.10 (N=20)	52.46 (N=81)	0.296
<i>13 anos vs 18 anos</i>	41.38 (N=20)	42.20 (N=63)	0.889
<i>13 anos vs 19 anos</i>	19.83 (N=20)	27.84 (N=28)	0.042
<i>14 anos vs 15 anos</i>	53.65 (N=46)	55.98 (N=63)	0.694
<i>14 anos vs 16 anos</i>	64.05 (N=46)	59.13 (N=75)	0.440
<i>14 anos vs 17 anos</i>	69.02 (N=46)	61.15 (N=81)	0.229
<i>14 anos vs 18 anos</i>	62.91 (N=46)	49.22 (N=63)	0.021
<i>14 anos vs 19 anos</i>	37.00 (N=46)	38.32 (N=28)	0.790
<i>15 anos vs 16 anos</i>	74.09 (N=63)	65.65 (N=75)	0.203
<i>15 anos vs 17 anos</i>	79.41 (N=63)	67.12 (N=81)	0.069
<i>15 anos vs 18 anos</i>	73.19 (N=63)	53.81 (N=63)	0.002
<i>15 anos vs 19 anos</i>	46.21 (N=63)	45.54 (N=28)	0.908
<i>16 anos vs 17 anos</i>	80.45 (N=75)	76.70 (N=81)	0.593
<i>16 anos vs 18 anos</i>	75.34 (N=75)	62.55 (N=63)	0.053
<i>16 anos vs 19 anos</i>	50.44 (N=75)	56.18 (N=28)	0.371
<i>17 anos vs 18 anos</i>	76.72 (N=81)	67.07 (N=63)	0.151
<i>17 anos vs 19 anos</i>	52.71 (N=81)	61.63 (N=28)	0.179
<i>18 anos vs 19 anos</i>	41.65 (N=63)	55.79 (N=28)	0.014
<i>7º ano vs 8º ano</i>	37.333 (N=24)	41.86 (N=56)	0.416
<i>7º ano vs 9º ano</i>	43.92 (N=24)	72.08 (N=109)	0.001
<i>7º ano vs 10º ano</i>	39.02 (N=24)	57.14 (N=81)	0.008
<i>7º ano vs 11º ano</i>	35.35 (N=24)	49.81 (N=67)	0.015
<i>7º ano vs 12º ano</i>	27.46 (N=24)	34.79 (N=39)	0.108
<i>8º ano vs 9º ano</i>	68.16 (N=56)	90.62 (N=109)	0.003
<i>8º ano vs 10º ano</i>	61.13 (N=56)	74.44 (N=81)	0.048
<i>8º ano vs 11º ano</i>	56.70 (N=56)	66.73 (N=67)	0.121
<i>8º ano vs 12º ano</i>	46.16 (N=56)	50.64 (N=39)	0.427
<i>9º ano vs 10º ano</i>	99.69 (N=109)	89.86 (N=81)	0.205
<i>9º ano vs 11º ano</i>	94.59 (N=109)	78.60 (N=67)	0.035
<i>9º ano vs 12º ano</i>	78.43 (N=109)	63.53 (N=39)	0.053
<i>10º ano vs 11º ano</i>	76.91 (N=81)	71.58 (N=67)	0.431
<i>10º ano vs 12º ano</i>	62.51 (N=81)	56.32 (N=39)	0.341
<i>11º ano vs 12º ano</i>	54.20 (N=67)	52.29 (N=39)	0.747

A análise *U* de Mann-Whitney na *Sub-Escala Crenças* ao nível da comparação em função do ano de escolaridade revelou a existência de diferenças significativas nos seguintes pares em estudo: entre os adolescentes do 7º e 9º anos ($U=754$; $p=0.001$); entre os do 7º e 10º anos ($U=636.5$; $p=0.008$); entre o 7º ano e o grupo do 11º ano ($U=548.5$; $p=0.015$); entre os adolescentes do 8º e 9º ano ($U=2221$; $p=0.003$); entre os do 8º e 10º ano ($U=1827.5$; $p=0.048$); indo essa diferença no sentido dos adolescentes com maior nível de escolaridade possuírem mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os jovens com menor índice de escolaridade. Contudo esta tendência altera-se na comparação entre os adolescentes do 9º e 11º ano ($U=2988$; $p=0.035$), em que se verificou que os adolescentes do 9º ano possuem mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os jovens do 11º ano.

3 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS NO TOTAL DA ESCALA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

No que diz respeito à dimensão *Informação*, verificou-se que os adolescentes da nossa amostra estão bem informados a respeito de nomes de diferentes drogas e da possibilidade do consumo dessas substâncias poder provocar ou não dependência física e psíquica.

No que concerne à dimensão *Atitudes*, constatou-se que a maioria dos adolescentes apresenta atitudes desfavoráveis face ao consumo de álcool e drogas.

Relativamente à dimensão *Crenças*, os sujeitos da amostra manifestaram-se concordantes na maioria dos casos, com as afirmações apresentadas, revelando crenças predominantemente positivas associadas aos possíveis efeitos do consumo de álcool e drogas, como por ex: para relaxar ou acalmar os nervos, para se sentirem mais integrados no seu grupo, para se sentirem mais adultos, para fugir à realidade e a emoções negativas (Tabela 49).

Tabela 49 - Estatísticas descritivas das Sub-escalas da Escala de Representações Sociais

N= 376	Mediana	Moda	Mínimo	Máximo
Sub-escala Informação	4.0	5.0	1.0	5.0
Sub-escala Atitudes	2.0	1.0	1.0	5.0
Sub-escala Crenças	3.5	4.0	1.0	5.0

4 - COMPARAÇÕES ENTRE OS GRUPOS EM ESTUDO NO TOTAL DA ESCALA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Em primeiro lugar tentou-se averiguar da existência de diferenças significativas quanto às *Representações Sociais* para os grupos em estudo em função: do sexo; da idade <16 anos vs \geq 16 anos e em função da experiência ou não de consumo de substâncias. Sendo a comparação entre duas amostras independentes recorreu-se ao Teste U de Mann-Whitney (estatística não-paramétrica).

Resolveu-se ainda proceder a comparações tendo em conta todos os escalões etários. Tendo em conta que essa comparação compreende mais do que duas amostras independentes, visto a faixa etária dos adolescentes variar entre os 13 e os 19 anos, recorreu-se à estatística não-paramétrica e mais concretamente ao teste de Kruskal-Wallis, tal como podemos constatar na tabela 50.

Da observação da tabela 50, verifica-se que o nível de significância para a totalidade da *Escala de Representações Sociais* em função da faixa etária se encontra no limiar de 0.05 (Chi-Square =12.562;p=0.051). Deste modo procedeu-se às respectivas comparações, através do Teste U de Mann-Whitney.

Mais uma vez, tendo em conta que comparação em função do nível de escolaridade compreende mais do que duas amostras independentes, visto o ano de escolaridade dos adolescentes variar entre o 7º ano e o 12º ano, recorreu-se à estatística não-paramétrica e mais concretamente ao teste de Kruskal-Wallis, tal como podemos constatar na tabela 51.

Tabela 50 – Comparações em função da faixa etária no total da Escala de Representações Sociais

Idade	Média das Ordens	N	Significância
Representações Sociais			0.051 (N=376)
13 anos	150.43	(N=20)	
14 anos	196.42	(N=46)	
15 anos	207.35	(N=63)	
16 anos	200.43	(N=75)	
17 anos	178.39	(N=81)	
18 anos	163.40	(N=63)	
19 anos	214.04	(N=28)	

Tabela 51 – Comparações em função do ano de escolaridade no total da Escala de Representações Sociais

Escolaridade	Média das Ordens	N	Significância
Representações Sociais			0.051 (N=376)
7º ano	137.77	(N=24)	
8º ano	175.91	(N=56)	
9º ano	205.83	(N=109)	
10º ano	197.59	(N=81)	
11º ano	180.64	(N=67)	
12º ano	183.99	(N=39)	

Da observação da tabela 51, verifica-se que o nível de significância para a totalidade da *Escala de Representações Sociais* em função do ano de escolaridade (Chi-Square=11.011; $p=0.051$) encontra-se no limiar de 0.05. Deste modo procedeu-se às respectivas comparações, através do Teste *U* de Mann-Whitney. Seguem-se então as comparações entre os grupos em estudo no total da Escala de Representações Sociais:

Tabela 52 – Diferenças entre grupos na Escala de Representações Sociais

Escala de Representações Sociais	Média das Ordens		Significância
	Grupo1	Grupo2	
<i>Sexo</i>	189.65 (N=202)	187.17 (N=174)	0.815
<i><16 anos vs >= 16 anos</i>	194.63 (N=129)	185.30 (N=247)	0.401
<i>Experiências De uso de tabaco</i>	178.58 (N=243)	206.62 (N=133)	0.011
<i>Experiências De uso de álcool</i>	195.85 (N=150)	183.62 (N=226)	0.256
<i>Experiências De uso de drogas</i>	185.00 (N=333)	215.60 (N=43)	0.065
<i>13 anos vs 14 anos</i>	27.85 (N=20)	35.96 (N=46)	0.089
<i>13 anos vs 15 anos</i>	32.67 (N=20)	44.96 (N=63)	0.035
<i>13 anos vs 16 anos</i>	37.97 (N=20)	50.67 (N=75)	0.049
<i>13 anos vs 17 anos</i>	45.05 (N=20)	52.47 (N=81)	0.270
<i>13 anos vs 18 anos</i>	39.78 (N=20)	42.71 (N=63)	0.617
<i>13 anos vs 19 anos</i>	19.60 (N=20)	28.00 (N=28)	0.027
<i>14 anos vs 15 anos</i>	53.05 (N=46)	56.42 (N=63)	0.560
<i>14 anos vs 16 anos</i>	60.12 (N=46)	61.54 (N=75)	0.817
<i>14 anos vs 17 anos</i>	67.90 (N=46)	61.78 (N=81)	0.333
<i>14 anos vs 18 anos</i>	60.70 (N=46)	50.84 (N=63)	0.091
<i>14 anos vs 19 anos</i>	36.20 (N=46)	39.64 (N=28)	0.472
<i>15 anos vs 16 anos</i>	70.99 (N=63)	68.25 (N=75)	0.670
<i>15 anos vs 17 anos</i>	78.61 (N=63)	67.75 (N=81)	0.098
<i>15 anos vs 18 anos</i>	70.72 (N=63)	56.28 (N=63)	0.020
<i>15 anos vs 19 anos</i>	45.64 (N=63)	46.80 (N=28)	0.838
<i>16 anos vs 17 anos</i>	83.23 (N=75)	74.12 (N=81)	0.176
<i>16 anos vs 18 anos</i>	75.71 (N=75)	62.10 (N=63)	0.036
<i>16 anos vs 19 anos</i>	51.03 (N=75)	54.61 (N=28)	0.562
<i>17 anos vs 18 anos</i>	74.96 (N=81)	69.34 (N=63)	0.395
<i>17 anos vs 19 anos</i>	52.31 (N=81)	62.77 (N=28)	0.104
<i>18 anos vs 19 anos</i>	42.13 (N=63)	54.71 (N=28)	0.028
<i>7º ano vs 8º ano</i>	34.65 (N=24)	43.01 (N=56)	0.110
<i>7º ano vs 9º ano</i>	48.35 (N=24)	71.11 (N=109)	0.006
<i>7º ano vs 10º ano</i>	39.98 (N=24)	56.86 (N=81)	0.011
<i>7º ano vs 11º ano</i>	37.65 (N=24)	48.99 (N=67)	0.052
<i>7º ano vs 12º ano</i>	27.15 (N=24)	34.99 (N=39)	0.080
<i>8º ano vs 9º ano</i>	74.67 (N=56)	87.28 (N=109)	0.089
<i>8º ano vs 10º ano</i>	64.27 (N=56)	72.27 (N=81)	0.215
<i>8º ano vs 11º ano</i>	60.91 (N=56)	62.91 (N=67)	0.739
<i>8º ano vs 12º ano</i>	47.05 (N=56)	49.36 (N=39)	0.669
<i>9º ano vs 10º ano</i>	97.46 (N=109)	92.86 (N=81)	0.547
<i>9º ano vs 11º ano</i>	93.10 (N=109)	81.01 (N=67)	0.105
<i>9º ano vs 12º ano</i>	76.88 (N=109)	67.85 (N=39)	0.233
<i>10º ano vs 11º ano</i>	77.65 (N=81)	70.69 (N=67)	0.292
<i>10º ano vs 12º ano</i>	61.94 (N=81)	57.50 (N=39)	0.484
<i>11º ano vs 12º ano</i>	53.04 (N=67)	54.29 (N=39)	0.828

A análise *U* de Mann-Whitney revelou a existência de diferenças significativas entre o grupo que nunca fumou e o grupo com experiência de uso de tabaco ($U=13750$; $p=0.011$), tal como se pode observar na Tabela 52.

Constata-se a existência de diferenças significativas ao nível da comparação em função da faixa etária no total da *Escala de Representações Sociais* nos seguintes pares em estudo: entre os adolescentes de 15 anos e os de 13 anos ($U=443.5$; $p=0.035$); entre os adolescentes de 13 e 16 anos ($U=549.5$; $p=0.049$); entre os adolescentes de 13 e 19 anos ($U=182$; $p=0.027$); entre os adolescentes de 15 e 18 anos ($U=1529.5$; $p=0.020$); e os adolescentes de 16 e 18 anos ($U=1896.5$; $p=0.036$).

Constatou-se a existência de diferenças significativas ao nível do total da *Escala de Representações Sociais* na comparação em função do nível de escolaridade, nos seguintes pares em estudo: adolescentes do 7º ano e do 9º ano ($U=860.5$; $p=0.006$); entre os adolescentes do 7º e 10º anos ($U=659$; $p=0.011$); e os adolescentes do 7º e 12º ano ($U=351.5$; $p=0.080$).

5 - CORRELAÇÕES PARA AS TRÊS SUB-ESCALAS

“A relação entre duas variáveis principais, ou entre uma variável independente e outra independente, pode ser feita pela inspecção do modo como elas variam em conjunto, como é o caso da análise correlacional, que nos dá o grau de associação entre elas, e indica como uma variável muda quando a outra muda, ou ainda a proporção da variância de uma variável que é prevista pela outra variável a que está associada.” (Ribeiro, 1999, pp. 62-63). Se as notas (scores) não respeitam os critérios de uma distribuição normal, como quando as variáveis não são intervalares, recorre-se à estatística não-paramétrica.

No presente estudo, as variáveis são de tipo ordinal e deste modo deve utilizar-se a *Correlação rs de Spearman*.

A correlação significa o grau de associação entre os resultados das duas variáveis. Uma correlação é avaliada numa escala que vai de +1 (correlação positiva absoluta) passando por 0 (sem correlação) até -1 (correlação negativa absoluta). Quanto mais próximo uma correlação se encontrar de um (+1 ou -1), maior é a associação entre as duas variáveis.

Da observação da Tabela 53 constata-se que, apenas se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre as Sub-Escalas Informação e Atitudes. Não se verificou nenhuma correlação significativa entre a Sub-Escala Crenças e as outras duas sub-escalas.

A correlação de Spearman entre a *Sub-Escala Informação* e a *Sub-Escala Atitudes* é negativa (-.216) e significativa para 0.001, o que significa que os scores das duas sub-escalas são inversamente proporcionais, ou seja, quanto maior é o nível de informação, mais desfavoráveis são as atitudes dos adolescentes face ao consumo de álcool e drogas.

Não se verificaram correlações estatisticamente significativas entre a idade e qualquer uma das três sub-escalas.

Apenas se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre o *Ano de Escolaridade* e a Sub-Escala Informação. A correlação de Spearman para as duas variáveis é positiva (+.135) e significativa para 0.001, o que significa que os scores das variáveis são directamente proporcionais, ou seja, quanto maior é o nível de escolaridade, maior é o nível de informação dos adolescentes sobre álcool e drogas, o que sugere que maior é o nível de conhecimentos e de maturidade dos sujeitos em termos cognitivos e de capacidade de processamento da informação.

Tabela 53 – Correlações entre as três Sub-Escalas e as variáveis idade e ano de escolaridade

Spearman's rho	Sub-Escala Informação	Sub-Escala Atitudes	Sub-Escala Crenças
<i>Sub-Escala Informação</i>	(N=376)	(N=376)	(N=376)
<i>Coeficiente Correlação</i>	1.000	-.216**	.076
<i>Nível de Significância</i>	0.000	0.000	.072
<i>Sub-Escala Atitudes</i>	(N=376)	(N=376)	(N=376)
<i>Coeficiente Correlação</i>	-.216**	1.000	.041
<i>Nível de Significância</i>	0.000	0.000	.211
<i>Sub-Escala Crenças</i>	(N=376)	(N=376)	(N=376)
<i>Coeficiente Correlação</i>	.076	.041	1.000
<i>Nível de Significância</i>	.072	.211	0.000
<i>Idade</i>	(N=376)	(N=376)	(N=376)
<i>Coeficiente Correlação</i>	.058	.021	-.073
<i>Nível de Significância</i>	.130	.344	.078
<i>Ano de Escolaridade</i>	(N=376)	(N=376)	(N=376)
<i>Coeficiente Correlação</i>	.135**	-.016	.053
<i>Nível de Significância</i>	.004	.381	.154



V. DISCUSSÃO

DISCUSSÃO

O principal objectivo deste trabalho consistiu em conhecer a representação social acerca do consumo de álcool e drogas em adolescentes.

Tratou-se de um estudo exploratório, em que se utilizou uma **Escala de Representações Sociais sobre o Consumo de Álcool e Drogas para Adolescentes**, construída e validada para o efeito numa amostra de conveniência constituída por 376 adolescentes, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos, do 7º ao 12º ano, de escolas do 3º ciclo e ensino secundário da região da Grande Lisboa.

As representações sociais são um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos, aspectos ou dimensões do meio social que permitem não somente o estabelecimento do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, mas que constitui igualmente um instrumento de orientação, de percepção das situações e de elaboração de respostas. (Moscovici, 1989). Na sua riqueza, encontramos diversos elementos que são, por vezes, estudados isoladamente: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, formativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. Mas esses elementos estão sempre organizados como uma espécie de saber que revela algo sobre a realidade (Denise Jodelet, 1989).

Vala (1996) considera as representações como sociais porque são partilhadas por uma variedade de sujeitos, podendo deste modo ter uma função identitária para os grupos que as compartilham, ou seja, permitem definir a sua identidade, proteger a sua especificidade de grupo, situando-as num determinado contexto social. É precisamente o que julgamos passar-se com o nosso grupo de adolescentes.

Os resultados do presente estudo, revelaram que a representação social dos adolescentes da nossa amostra face ao consumo de álcool e drogas se inscreve num contexto de um bom nível de informação e de atitudes desfavoráveis face ao consumo de álcool e drogas, embora ancorada em crenças predominantemente positivas associadas ao consumo dessas substâncias.

No que diz respeito à dimensão *Informação*, verificou-se que os adolescentes da nossa amostra estão bem informados a respeito de nomes de diferentes drogas e da possibilidade do consumo dessas substâncias poder provocar ou não dependência física e psíquica, o que de certa forma vem ao encontro da posição defendida por Wright & Pearl (2000), a respeito do aumento do nível de conhecimento dos adolescentes acerca das drogas.

Relativamente à dimensão *Crenças*, os sujeitos da amostra manifestaram-se concordantes na maioria dos casos, com as afirmações apresentadas, revelando crenças predominantemente positivas associadas aos possíveis efeitos do consumo de álcool e drogas, como por ex: para relaxar ou acalmar os nervos, para se sentirem mais integrados no seu grupo, para se sentirem mais adultos, para fugir à realidade e a emoções negativas, o que vem ao encontro dos resultados encontrados por diversos autores.

Na investigação de Smith, Christiansen, Geenbaum & Christianen (1995) os sujeitos possuíam uma expectativa de que o consumo de álcool iria servir de "desinibidor" ou "facilitador social". Também o estudo realizado por Trindade e Correia (1999) em alunos do 10º e 11º anos de escolaridade, verificou uma relação significativa entre o consumo de álcool e algumas expectativas face aos efeitos do álcool, como por ex., ser bem aceite pelos outros; conseguir falar com maior facilidade; e sentir-se mais independente.

No trabalho de Fonseca (1989) as razões apontadas para o consumo de drogas numa amostra de adolescentes foram: "para ser mais criativo"; "porque me sinto aborrecido" e "as drogas são um bom meio para modificar o meu humor". Também Wright & Pearl (2000), consideram que muitos jovens vêm o uso de drogas como uma estratégia para lidar com o stress ("Para fugir aos problemas"). Na investigação de Negreiros de Carvalho (1993a), com estudantes entre os 15 e os 17 anos, as afirmações mais frequentes a respeito dos efeitos das drogas, foram: a redução da ansiedade; procura de elevação do humor e novas sensações; curiosidade; aumento do rendimento intelectual; e fuga à realidade.

Uma das explicações apontadas para o consumo de drogas ter início na adolescência está na pressão exercida pelos grupos de pares (amigos dos adolescentes), pois estes grupos de jovens pelas suas atitudes e crenças acerca das drogas, atrairiam e socializariam novos elementos para o grupo (Geada, 1992).

Contudo, não podemos descurar a importância das atitudes e das percepções que o indivíduo desenvolve a respeito do consumo de substâncias. Epstein e colaboradores (1995; citados por Gosselin, Larocque, Vitaro & Gagnon, 2000), evidenciaram uma relação negativa entre as atitudes desfavoráveis face ao consumo de marijuana e o consumo dessa substância pelo adolescente.

A investigação de Negreiros de Carvalho (1993a), identificou que ao nível das consequências para a saúde, os entrevistados de um modo geral admitiram que o uso de drogas ilícitas pode conduzir a problemas de saúde, mas quanto ao álcool isso já foi relativizado. Em relação às consequências sociais, reconhecem que o consumo de álcool pode facilitar o relacionamento interpessoal, mas já o uso de drogas ilícitas é interpretado, essencialmente, em termos de consequências negativas. No trabalho de Fonseca (1989), as principais razões apontadas pelos adolescentes para o não uso foram: "as drogas são perigosas para a minha saúde" e "tenho outras coisas que gosto de fazer".

Na nossa investigação, no que concerne à dimensão *Atitudes*, constatou-se que a maioria dos adolescentes apresenta atitudes desfavoráveis face ao consumo de álcool e drogas, o que julgamos que possa ser ter sido influenciado pelas razões apontadas pelos jovens e pelo anteriormente exposto pelos autores referidos.

Uma das limitações que poderá ter surgido ao longo da elaboração deste trabalho prende-se com as características inerentes à nossa amostra. Relativamente à nossa amostra, há a destacar os seguintes aspectos:

- Os adolescentes da nossa amostra têm uma média de idades de 16 anos, embora a faixa etária mais frequente seja a dos 17 anos; a maioria tem o 9º ano de escolaridade, logo seguido do 10º ano.

- 40% dos adolescente da nossa amostra refere nunca ter consumido álcool, e 32% ter consumido raramente.

- Constata-se que a grande maioria da nossa amostra, cerca de 65%, referem nunca ter consumido tabaco. Por outro lado cerca de 25% tem um consumo que se pode considerar regular. Segundo Rooney & Gonzalez (1994) o consumo de tabaco na Europa atinge uma grande percentagem da população adolescente, sendo que os sujeitos com mais de 15 anos, que fumam diariamente, abrangem cerca de 37% da população total.

- Quanto ao consumo de drogas, podemos constatar que a esmagadora maioria dos adolescentes refere nunca ter consumido drogas leves (88.6%) e apenas 3 adolescentes referiram ter consumido ocasionalmente drogas pesadas

É de destacar que os níveis relatados de consumo poderão não corresponder à realidade, pois as respostas poderão sofrer da influência do fenómeno de desejabilidade social, apesar de se ter assegurado o anonimato e a confidencialidade dos dados, tendo em conta que a recolha foi feita no meio escolar: espaço de sala de aula.

- Não se verificam diferenças acentuadas entre os níveis de consumo de tabaco quando comparamos raparigas e rapazes entre si. Segundo Negreiros de Carvalho (1996) a diferença de consumo de tabaco em termos de sexos tem vindo a esbater-se, sendo actualmente a proporção de consumo equivalentes.

- No que diz respeito ao consumo de álcool, verificamos que apesar da diferença ser ténue existe um maior consumo por parte dos rapazes, o que vem ao encontro dos resultados encontrados por Reis (1998) e Trindade e Correia (1999).

- Verifica-se um menor consumo de drogas leves por parte das raparigas. Também Carvalho (1997) verificou que apesar do cannabis ser a substância ilícita mais frequentemente utilizada pelos jovens, o consumo é mais elevado nos rapazes que nas raparigas.

- A idade média da 1ª experiência de uso de tabaco foi de 13 anos, contrariamente, aos valores encontrados por Rooney e col. (1994), segundo os quais as idades de iniciação ocorrem cada vez mais cedo (10-11 anos).

- A idade média da 1ª experiência de uso de álcool rondou os 14 anos, o que vai ao encontro do estudo de Lopez, Antolin, Barecelo, Perez, Ballesteros & Garcia (2001) que verificaram que 83,4% dos adolescentes tinham iniciado o consumo entre os 13 e os 14 anos.

- O uso de haxixe e marijuana, em média inicia-se aos 15 anos, e são as drogas ilícitas mais consumidas pelos adolescentes da nossa amostra.

- O uso de trips, estimulantes e cocaína, também se iniciou em média aos 15 anos.

- O uso de colas iniciou-se em média em torno dos 12 anos. O hábito de inalar substâncias diversas de origem industrial ou farmacêutica (colas, gasolina, etc.) tem tido grande expansão nos últimos anos e segundo Negreiros de Carvalho (1996), o consumo destas substâncias é superior em jovens mais novos.

Nesta investigação verificou-se a existência de diferenças significativas no total da **Escala de Representações Sociais**, apenas na comparação entre o grupo que nunca fumou e o grupo com experiência de uso de tabaco. Parece-nos que este resultado se relaciona com o facto de ser precisamente ao nível da variável uso de tabaco que se verifica uma maior percentagem de sujeitos com um consumo regular e não apenas ocasional.

Em futuros estudos sobre as Representações Sociais dos Adolescentes acerca do Consumo de Substâncias, seria conveniente que o instrumento utilizado se debruçasse também sobre a temática do consumo de tabaco, em virtude de ser esta a substância consumida de modo mais regular pelos adolescentes, segundo se verificou na nossa amostra.

Para o dissipar das dúvidas que não foram esclarecidas em relação ao consumo de álcool e drogas, poderia ser extremamente útil delinear um estudo cujo objectivo fosse o de comparar "não- consumidores" e "consumidores abusivos", tal como foi efectuado de forma semelhante nos estudos de Brown, Craemer, Stetson (1987) e Trindade e Correia (1999).

Tratou-se de uma limitação fruto dos baixos níveis de consumo relatados pelos adolescentes da nossa amostra, que apenas nos permitiu estabelecer uma comparação entre adolescentes que nunca consumiram e adolescentes com experiências de consumo.

Na **Sub-escala Atitudes**, os grupos com experiência de uso de substâncias (tabaco, álcool e drogas) apresentaram na globalidade atitudes mais favoráveis face ao consumo de álcool e drogas. Estes resultados vão de encontro aos encontrados por Carvalho (1997), que salientaram que os consumidores de bebidas alcoólicas mostram uma tendência para percepcionarem atitudes mais favoráveis nos seus pais e amigos face ao consumo de substâncias, com repercussões nas suas próprias atitudes.

Na investigação de Nucci, Guerra e Lee (1991), sobre consumo de drogas em adolescentes do 9º ao 12º ano, os grandes consumidores tendem a ver a o consumo de drogas como um assunto de índole pessoal, desvalorizando o papel da lei, e consideram a atitude de comportamento menos perigosa e menos errada, que os pequenos consumidores.

Por outro lado, ainda na Sub-Escala Atitudes, os adolescentes do sexo masculino apresentaram atitudes mais favoráveis face ao consumo de álcool e drogas que os do sexo feminino, o que poderá ficar a dever-se às normas socioculturais prevalecentes que tornam melhor aceite o consumo de álcool nos homens, percepcionando-se o consumo excessivo nas mulheres de um modo mais negativo e estigmatizante. Kagle (1987), defende que essas diferenças entre sexos, estão centradas em torno dos diferentes papeis e expectativas sociais.

Para a **Sub-escala Crenças** apenas se verificaram diferenças significativas em função da variável uso de álcool, indo essa diferença no sentido dos adolescentes que nunca consumiram álcool possuírem mais crenças positivas sobre álcool e drogas que os adolescentes com experiência de uso de álcool, contrariamente aos resultados de Trindade e Correia (1999), em que foram os adolescentes com um consumo importante de álcool esperavam mais consequências positivas do acto de beber que os adolescentes com baixo consumo. Este grupo de sujeitos não consumidores e com crenças positivas merece-nos alguma atenção, pois a partir do momento em que esse dado efeito positivo se siga a um possível consumo, poderão ter tendência a atribuir a causa desse efeito ao álcool, o que poderá ter implicações futuras nos seus padrões de consumo.

Um dos objectivos específicos da presente investigação consistia em averiguar da possibilidade de diferenças na representação social acerca do consumo de álcool e drogas em função de dois grupos distintos (antes dos 16 anos/ depois dos 16 anos), em virtude da literatura referir como consensual que “o consumo excessivo ocorre predominantemente em jovens de idade igual ou superior a 16 anos” (Negreiros de Carvalho, 1996). Contudo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas para nenhuma das dimensões estudadas.

Um outro objectivo consistia em investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas variava em função da faixa etária, em virtude do consumo de substâncias aumentar de forma proporcional à idade (Adés & Lejoyeux, 1997; Frejavielle, Davidson & Choquet, 1977). Não se verificou a existência de uma correlação significativa entre a idade e as três sub-escalas da Escala de Representações Sociais, apesar de se terem verificado diferenças estatisticamente significativas em alguns dos pares em estudo, indo essa diferença no sentido dos adolescentes mais velhos possuírem melhor nível de informação.

Investigar se a representação social acerca do consumo de álcool e drogas variava em função do ano de escolaridade foi outra das metas estabelecidas. Verificou-se uma correlação estatisticamente significativa e positiva entre o *Ano de Escolaridade* e a **Sub-Escala Informação**, o que revela que quanto maior é o nível de escolaridade, maior é o nível de informação dos adolescentes sobre álcool e drogas, sugerindo que maior será o nível de conhecimentos e de maturidade dos sujeitos em termos cognitivos e de capacidade de processamento da informação.

Assim como se verificou uma correlação positiva entre o nível de escolaridade e o nível de informação, também constatámos que em grande parte das comparações em função da faixa etária se observou que os mais velhos possuíam melhor nível de informação.

Sabe-se que a adolescência é um processo dinâmico marcado por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afectivas, sociais e intelectuais. Segundo Sampaio (1995) a adolescência é «uma etapa do desenvolvimento, ocorrendo desde a puberdade à idade adulta, ou seja, desde a altura em que as alterações psicobiológicas iniciam a maturação até à idade em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida.»

Com a diminuição da dependência afectiva face aos pais, característica do período infantil, o grupo reveste-se da maior importância, pois é o grupo que permite as identificações e a partilha de segredos, e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade do futuro jovem.

Segundo Blos (1962), é na fase da adolescência propriamente dita que se dá o desenvolvimento do ego, que nesta fase corresponde ao desenvolvimento dos processos cognitivos, nomeadamente ao desenvolvimento do pensamento formal, passando o adolescente a ser capaz de desenvolver um pensamento crítico, de se projectar no futuro, de pensar em termos de probabilidades e de construir teorias.

Também segundo Erikson (1968) é na adolescência (12-18 anos) que surge uma nova dimensão interpessoal, em que o sujeito pode pensar sobre as ideias de outras pessoas e imaginar o que os outros pensam sobre ele e vir a desenvolver o *sentido de identidade*.

Compreende-se deste modo que se tenham verificado algumas diferenças estatisticamente significativas em função da faixa etária, bem como uma correlação positiva entre o nível de escolaridade e o nível de informação, fruto da maturação cognitiva, e resultante do meio escolar e psicossocial envolvente.

Constatou-se uma correlação estatisticamente significativa e negativa entre as **Sub-Escalas Informação e Atitudes**, pois os scores das duas sub-escalas são inversamente proporcionais, ou seja, quanto maior é o nível de informação, mais desfavoráveis foram as atitudes dos adolescentes face ao consumo de álcool e drogas.

Este estudo reforça o interesse em se implementar estratégias, quer no sentido da intervenção junto dos adolescentes com experiências de consumo ocasionais ou excessivas, quer no sentido da Prevenção Primária, junto do grupo de adolescentes não consumidores, visto que muitos mantêm crenças positivas associadas aos efeitos do consumo de substâncias, apesar de terem um bom nível de informação e apresentarem atitudes desfavoráveis.

Em futuros estudos que se debrucem sobre a temática das representações sociais do consumo de substâncias na adolescência, seria conveniente alargar o âmbito desta investigação e proceder-se a uma avaliação das representações prévia e posteriormente a um programa de prevenção do uso de álcool e drogas em jovens, pois isso iria permitir-nos chegar a conclusões mais consistentes acerca das alterações produzidas no nível da informação, da estrutura das crenças e das atitudes.

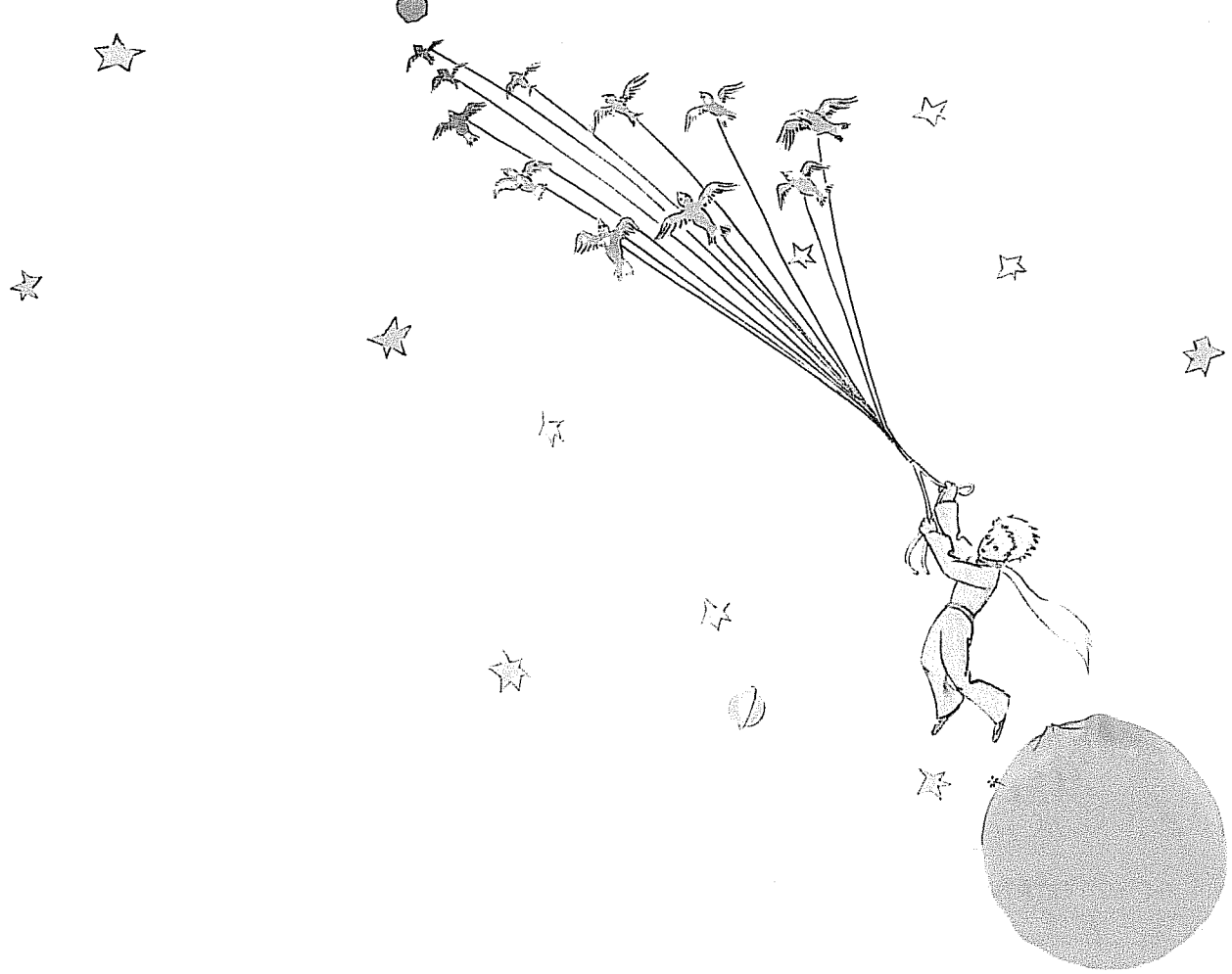
Para Vala (1996), quando falamos da funcionalidade das representações enquanto elementos que orientam os comportamentos, referimo-nos aos comportamentos representacionais. Mais concretamente refere-se ao facto das representações conterem entre si os modos desejáveis de acção, o facto de proporcionarem a constituição de significado do objecto da representação e do meio que o envolve e ainda, o facto de permitir dar um sentido próprio ao comportamento. De forma mais ou menos consciente, os nossos comportamentos estão condicionados pelas representações que possuímos.

Ao representar o indivíduo faz apelo às informações relativas ao objecto e às suas crenças e atitudes, criando uma nova imagem do objecto. A representação permite compreender a realidade através do seu próprio sistema de referência e desenvolver uma actividade de assimilação e apropriação da realidade (Aebischer et col., 1990). As atitudes são consideradas como uma das componentes da representação social, pois elaboram-se através das relações de comunicação estabelecidas entre os indivíduos, reflectindo uma diversidade de factores, como por exemplo as crenças, os sentimentos ou as percepções.

Segundo Ajzen & Fishbein (1980) uma mudança de atitudes é susceptível de produzir mudanças no comportamento, daí importância de se intervir ao nível do grau de conhecimento e da estrutura das crenças que o adolescente defende acerca do álcool e drogas por forma a actuarmos no grau de envolvimento destes em relação a essas substâncias, produzindo mudanças ao nível dos seus padrões de consumo.

As conclusões a que chegámos, não podem ser generalizadas, tendo em conta que a nossa amostra não é representativa de toda a população adolescente e pelo facto de eventualmente poderem ter surgido alguns enviesamentos metodológicos.

Concordamos com Green (1984), que afirma que quando se pretende promover a saúde e alterar estilos de vida, nomeadamente através de programas preventivos há que os architectar de acordo com as necessidades identificadas, ou seja, incidindo nas respectivas determinantes. Deste modo, consideramos que este estudo no âmbito das representações sociais do consumo de álcool e drogas em adolescentes, poderá ter contribuído para o lançar de algumas pistas para o desenho de intervenções preventivas com vista à redução e evitamento do consumo de substâncias no grupo adolescente.



VI. REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1987). *Cooperation, Competition et Représentations Sociales*. Fribourg: Editions Del Val.
- Abric, J. C. (1989). L'étude expérimentale des représentations sociales. In D. Jodelet; J. Ohana (Eds.), *Les Représentations Sociales* (pp. 187-203). Paris: PUF.
- Abric, J. (1994). L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In C. Guimelli (Ed.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 73-84). Paris: Delachaux et Niestlé.
- Abric, J. C. (1994). *Pratiques Sociales et Représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Adés, J. & Lejoyeux, M. (1997). *Comportamentos alcoólicos e seu tratamento*. Lisboa: Climepsi. (1ª edição, tradução portuguesa, 1997).
- Aebischer, V., Dechonchy, J.P. & Lipiansky, R. (1990). *Idéologie et Représentations Sociales*. Fribourg: DelVal.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.
- Almeida, J. M. R. (1987). *Adolescência e Maternidade*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ashey, M. J., Cohen, J., Bull, S., Ferrence, R., Poland, B., Pederson, L. & Gao, J. (2000). Knowledge about tobacco and attitudes toward tobacco control: how different are smokers and nonsmokers? *Canadian Journal of Public Health*, 91 (5), 376-380.
- Balsa, C. (coord.) et al (2001). Inquérito nacional ao consumo de substâncias psicoactivas na população portuguesa. 2001. Consultado a 21 de Outubro de 2002 através de http://www.ipdt.pt/relatorios/relatorio_2001/infoestatistica2001/incsppp.pdf
- Beck, K. H. & Sommons, T. G. (1987). Adolescent gender differences in alcohol beliefs and behaviors. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 33 (1), 31-44.

- Bloom, M. & Greenwald, M. (1984). Alcohol and cigarette use among early adolescents: preliminary relationship and methodological considerations. *Journal of Drug Education*, 14, 195-103.
- Blos, P. (1962). *Adolescence*. New York: Free Press of Glencoe.
- Blos, P. (1979). *The adolescent passage*. New York: University Press Inc.
- Blos, P. (1985). *Adolescência uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braconnier & Marcelli (1989). *Manual de Psicopatologia do adolescente*. Artes Médicas.
- Breakwell, G. & Canter, D. (1993). *Empirical approaches to social representations*. Oxford: Clarendon Press.
- Brown, S. A. (1985). Expectations versus background in the prediction of college drinking patterns. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53 (1), pp123-130.
- Brown, S. A., Creamer, V. A. & Stetson, B. A. (1987). Adolescents Alcohol Expectancies in relation to personal and parental drinking patterns. *Journal of Abnormal Psychology*, 96 (2), 117-121.
- Brown, S., Goldman, M., Inn, A. & Anderson, L. (1980). Expectations of reinforcement from alcohol: their domain and relation to drinking. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 48, 419-426.
- Carrilho, L. (1992). *Toxicodependência - Representações de jovens e Progenitores* (Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Carvalho, J. N. (1997). Diferenças nas Influências Familiares em Adolescentes Consumidores de Álcool e Cannabis. *Ministério da Saúde : Serviço de Prevenção e Tratamento da Dependência. Toxicodependências*, 3 (1), 37-43.
- Coleman, J. (1985). *Psicologia de la Adolescencia*. Madrid: Morata.

- Cordeiro, J. D. (1988). *Os adolescentes por dentro* (Coleção Alter Ego). Lisboa: Edições Salamandra.
- Di Giacomo, J. (1987). Teoría y métodos de análisis de las representaciones sociales. In D. Paez (Ed.), *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. 278-295. Madrid: Fundamentos.
- Dias, C. A. & Vicente, T. N. (1984). *Depressão no adolescente*. Porto: Edições Afrontamento.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet, & J. Richard (Eds.), *Traité de Psychologie Cognitive*, vol. III. Paris: Dunod.
- Doise, W., Clémence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Représentations Sociales et analyses de donés*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Doise, W. & Palmonari, A. (1986). Caractéristiques des représentations sociales. In W. Doise, A., Palmonari, *L'étude des représentations sociales*. Paris: Delachauxet Niestlé.
- Erickson, E. (1968). *Identity Youth and crisis*. Nova york: Norton and Company.
- Eskilson, A., Wiley, M., Muehlbauer, G. & Doder, L. (1986). Parental pressure, self-esteem and adolescent reported desviance: bending the twig too far. *Adolescence*, 21 (3).
- Farrel, A. D. & Danish, S. (1993). Peer drug associations and emotional restraint: causes or consequences of drug abuse? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 2, 327-334.
- Feijão, F. & Lavado, E. (2001). Inquérito nacional em meio escolar. 2001 – 3.º ciclo do ensino básico. Consumo de drogas e outras substâncias psicoactivas. Consultado em 21 de Outubro de 2002 através de http://www.ipdt.pt/relatorios/relatorio_2001/infoestatistica2001/inme.pdf
- Flament, C. (1987). Structure et dynamique des representations sociales. In D. Jodelet (Ed.), *Les Représentations Sociales* (pp. 187-202). Paris: Presses Universitaires de France.
- Flament, C. (1989). Structure et dynamique des representations sociales. In D. Jodelet (Ed.), *Les Représentations Sociales* (pp. 204-219). Paris: PUF.

- Fonseca, A. C. (1989). Adolescentes escolarizados no concelho de Portimão. Uso de drogas: relação com a escola, a família, o meio. *Anais Portugueses de Saúde Mental*, 5 (5), 15-32.
- Foxcroft, D. & Lowe, G. (1995). Adolescent drinking, smoking and other substance use involvement: links with perceived family life. *Journal of Adolescence*, 18, 159-177.
- Fréjaville, J. P., Davidson, F. & Choquet, M. (1977). *Les Jeunes et la Drogue*. Paris: PUF.
- Geadá, M. (1992). Variáveis afectivas, familiares e psicossociais na iniciação ao consumo ilícito de tóxicos na adolescência. *Revista de Psicologia Militar*.
- Gosselin, C., Larocque, D., Vitaro, F. & Gagnon, C. (2000). Identification des facteurs liés à la consommation de cigarettes, d'alcool et de drogues à la adolescence. *Journal International de Psychologie*, 35 (1), 46-59.
- Green, L. (1984). Health education models. In J. Matarazzo, S. Weiss, J. Herd, N. Miller & S. Weiss (Eds.), *Behavioral Health. A handbook of health enhancement and disease prevention*. New York: John Wiley and Sons.
- Guimelli, C. (1994). *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: delachaux et Niestle.
- Herzlich, C. (1972). La représentation social. In S. Moscovici (Ed.) *Introduction à la Psychologie Sociale* (pp. 302-325). Paris: Larrouse.
- Hewstone, M.; Stroebe, W.; Codol, J. P. (1988). *Introduction to social psychology*. Cambridge: Blackwell.
- IPDT (2001a). Relatório Anual 2001. Cannabis. Consultado em 21 de Outubro de 2002 através de http://www.ipdt.pt/relatorios/relatorio_2001/infoestatistica2001/cannabi.pdf
- IPDT (2001b). Inquérito nacional do IPDT em meio escolar- 2001 – 3.º ciclo. Programa de estudos em meio escolar. Consultado em 21 de Outubro de 2002 através de http://www.ipdt.pt/investigação/inquerito_prevalencias_2001/sintese_3ciclo_2001.pdf
- Jernigan, D. H. (2001). Global status report: alcohol and young people. World Health Organization. Geneva. Retrieved October 19, 2002 from http://www.who.int/substance_abuse//PDFfiles/globsta_alcoyoung%20people.pdf

- Jessor, R. (1986). Adolescent problem drinking: psychosocial aspects and developmental outcomes. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth & G. Rudinger (Eds.), *Development as Action in Context*, pp. 241-264.
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (1989). *Folies et représentations sociales*. Paris: PUF.
- Jodelet, D. (1991). Représentations sociales: un domaine en expansion. In Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales*, 31-61. Paris: PUF.
- Kagle (1987). Woman who drinking: changing images, changing realities. *Journal of Social Work Education*, 3, 21-28.
- Kandel, D. (1983). Comportement des jeunes devant la drogue et l'alcool. *Psychiatrie de l'Enfant*, 26 (2), 565-629.
- Laufer, M. (1984). *Adolescence and developmental break down*. New Haven: Yale University Press.
- Lima, L. M. (2000). A prevenção do tabagismo na adolescência. In L.B. Sardinha, M.G. Matos, & I. Loureiro (Eds.), *Promoção da saúde: modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da actividade física, nutrição e tabagismo*, pp. 123-161. Lisboa: Edições FMH.
- Lopez, J. R., Antolin, N., Barcelo, M. V., Perez, M., Ballesteros, A. M. & Garcia, A. L. (2001). Consumo de Alcohol en los escolares de un area de salud: habitos y creencias. *Atencion Primaria*, 27 (3), 159-165.
- Lourenço, M. (1998). *Textos e contextos da gravidez na adolescência – a adolescente, a família e a escola*. Lisboa: Fim de Século.
- Lowe, G., Foxcroft, D. R. & Sibley, D. (1993). *Adolescents Drinking and family life*. New York: Harword Academic Publishers.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Marques, J. M. (1988). Categorização Social, identidade social e homogeneidade de outgroup: Uma análise conceptual. *Análise Psicológica*, VI (3/4), 279-305.
- Matos, M., Simões, C & Canha, L. (2000). Saúde e estilos de vida em jovens portugueses em idade escolar. In L.B. Sardinha, M.G. Matos, & I. Loureiro (Eds.), *Promoção da saúde: modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da actividade física, nutrição e tabagismo*, pp. 217-240. Lisboa: Edições FMH.
- Matos, M. & Carvalhosa, S. (2001). A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (2), 43-53.
- Menares, J., Thiriot, E.& Aguilera-Torres, N. (1997). Factors related to the potencial risk of trying an illicit drugs among high school students in Paris. *European Journal of Epidemiology*, 13 (7), 787-793.
- Mead, M. (1961). *Coming of age in Samoa*. New York: Morrow.
- Menke, H. & Choquet, M. (1990). Clinique et epidémiologie de l'alcoolisation juvénile. *Adolescence*, 8 (1), 87-102.
- Micael, M. (2002a). Adolescentes consumidores de álcool afirmam-se menos felizes. Consultado em 20 de Outubro de 2002 através de <http://www.tvi.iol.pt/informação/noticia.php?id=39588&ed=1>
- Micael, M. (2002b). Consumo de álcool com novas regras para os jovens. Consultado em 20 de Outubro de 2002 através de <http://www.tvi.iol.pt/informação/noticia.php?id=28135&ed=1>
- Moscovici, S. (1961). *Psychanalyse. Son image et son public. Étude sur la Répresentation Sociale de la Psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1972). *Introduction a la psychologie sociale* (vol. 1). Paris: Larousse.
- Moscovici, S. (1976). *Social influence and social change*. Academic press, Londres. (tradução francesa, *La psychologie des minorités actives*, Paris: PUF).
- Moscovici, S. (1984). *Psychologie Social*. Paris: PUF.

- Moscovici, S. (1989). Des représentations collectives aux représentations sociales: Éléments pour une histoire. In D. Jodelet; J., Ohana (Eds.), *Les Représentations Sociales* (pp. 62-86). Paris: PUF.
- Moscovici, S. & Hewstone, M. (1983). Social representations na social explanations: from the naive to the amateur scientist. In Wegaman, Cornelis (Ed.), *Psychoanalysis and cognitive psychology. A formalization of Freud's earlies*. (pp. 98-125). Oxford: Basil Blackwell.
- Moscovici, S. & Hewstone, M. (1984). De la science au sens commum. In Moscovici, S. (Ed.), *Psychologie sociale* (pp. 539-5666). Paris: PUF.
- Muller, R. (1987). Alcool, tabac et drogue chez le jeune adolescent. In M. Manciaux, S. Lebovici & O. Jeanneret (Eds.), *L'Enfant et sa santé - aspects épidémiologiques, biologiques, psychologiques et sociaux* (pp. 887-895). Paris: Doin.
- Needle, R., Lavee, Y., Su, S., Brown, P. & Doherty, W. (1988). Familial, interpersonal and intrapersonal correlates of drug use: a longitudinal comparasion of adolescent in treatment, drug-using adolescents and non-drug-using. *The International Journal of the Addictions*, 23, 1211-1240.
- Nelson, K. (1974). Concept, word, and setence: interrelations in acquisition and development. *Psychological Review*, 81, 67-285.
- Nelson, K. (1977).The syntagmatic-paradigmatic shift revisited: a review of research and theory. *Psychological Bulletin*, 84, 3-116.
- Negreiros de Carvalho, J. (1983). O consumo de drogas na adolescência: considerações sobre a sua etiologia e prevenção. *Jornal de Psicologia*, 2 (5), 7-8.
- Negreiros de Carvalho, J. (1993 a). Medição das atitudes em relação ao álcool e drogas. In Agra, Cândido (Ed.), *Dizer a droga, ouvir as drogas: estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo* (pp. 133-159). Porto: Radiocário.
- Negreiros de Carvalho, J. (1993 b). Avaliação de um programa de prevenção do abuso de drogas em alunos do ensino preparatório. In Agra, Cândido (Ed.), *Dizer a droga, ouvir as drogas: estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo* (pp. 161-194). Porto: Radiocário.
- Negreiros de Carvalho, J. (1996). *Consumo de álcool e de drogas nos jovens. Estudo Epidemiológico no Concelho de Matosinhos*. Porto: Contemporânea.

- Nucci, L., Guerra, N. & Lee, J. (1991). Adolescent Judgments of the personal, prudential, and normative aspects of drug usage. *Developmental Psychology*, 27 (5), 841-848.
- Paez, D. (1987). Características, funciones y proceso de formación de las representaciones sociales. In D. Paez (Ed.), *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*, pp. 297-317. Madrid: Editorial Fundamentos.
- Pandina, R. N. & Johnson, V. (1988). Familial drinking history as a predictor of alcohol consumption among adolescent children. *Journal of Studies on Alcohol*, 50, 245-253.
- Piko, B. (2001). Smoking in adolescence do attitudes matter? *Addictive Behavior*, 26 (2), 201-217.
- Reis, V. (1998). Os adolescentes e o álcool. *Psicologia, Educação e Cultura*, III, 3, 173-188.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia da saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Romero, E., Luengo, M. & Otero-López, J. (1995). La relación entre autoestima y consumo de drogas en los adolescentes: un análisis longitudinal. *Revista de Psicología Social*, 10 (2), 149-159.
- Rooney, J & Gonzalez, J. (1994). Variables que contribuyen a fumar tabaco entre una nuestra joven: un analisis multivariable. *Revista de Psicología Social*, 9 (2), 165-178.
- Roosa, M., Sandler, I., Beals, J. & Short, J. (1988). Risk status of adolescent children of problem-drinking parents. *American Journal of Community Psychology*, 16, 225-239.
- Rosch, E. (1976). Classifications d'objets du monde réel: origines et représentations dans la cognition. *Bulletin de Psychologie, N° spécial La Memoire Semantique*, 242-250.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch, & B.B. Loyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbraun.
- Sampaio, D. (1993). *Vozes e ruídos: diálogos com adolescentes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (1995). *Ninguém morre sozinho: o adolescente e o suicídio*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Sarafino, E. (1990). *Health Psychology*. New York: John Wiley and Sons.
- Sharp, D. & Lowe, G. (1989). Adolescents and Alcohol: a review of the recent British Research. *Journal of Adolescence*, 12 (3), 295-307.
- Smith, G. T., Goldman, M. S., Greenbaum, P. E. & Christiansen, B. A. (1995). Expectancy for social facilitation from drinking: the divergent paths of high-expectancy and low-expectancy adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, 104, 32-40.
- Soczka, L. (1988). Representações sociais, relações intergrupos e identidades profissionais dos psicólogos. *Psicologia*, 6 (2), 253-275.
- Sousa, E. (1988). A dimensão social das atribuições: uma análise teórica. *Análise Psicológica*, 3-4, VI, 347-366.
- Sousa, E. (1991). Dos conteúdos representacionais às representações sociais. *Análise Psicológica*, IX (1), 25-31.
- Sprinthal, N. & Collins, W. (1994). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la psychologie social*, Vol. I. Paris: Larousse.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*, Vol. I. e II. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tavares, R. S. (2002). Portugal segundo país da UE que mais álcool consome. Consultado em 20 de Outubro de 2002 através de <http://www.tvi.iol.pt/informação/noticia.php?id=28603&ed=1>
- Teixeira, J. A. (1995). *Adolescência, Sexualidade e Afectividade (Parte I)*. In Actas do Congresso: os jovens e a justiça. Lisboa: APPORT.
- Thompson, K. M. (1989). Effects of early alcohol use on adolescents relations with peers and self-esteem: patterns over time. *Adolescence*, 24 (96), 837-849.

- Trindade, I. & Correia, R. (1999). Adolescentes e álcool. Estudo do Comportamento de Consumo de Álcool na adolescência. *Análise Psicológica*, XVII (3), 591-597.
- Tschann, J. M., Adler, N. E., Irwin, C. E., Millstein, S., Turner, R. & Kegeles, S. M. (1994). Initiation of substance use in early adolescence: the roles of pubertal timing and emotional distress. *Health Psychology*, 13 (4), 326-333.
- Vala, J. (1986). Sobre as representações sociais – para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 5-30.
- Vala, J. (1996). Representações Sociais – Para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J. (1981). Grupos sociais e representação social da violência. *Psicologia*, 2, 329-342.
- Ventura, J. P. & Sousa, E. (1992). Aparelho policial português – um estudo de identidades sociais. *Psicologia*, VIII, (3), 239-249.
- Wilner, P. (2001). A view through the gateway: expectancies as a possible pathway from alcohol to cannabis. *Addiction*, 96 (5), 691-703.
- World Health Organization (1993). *The health of young people: a challenge and a promise*. Geneva: WHO.
- Wright, J. D. & Pearl, L. (2000). Experience and knowledge of young people regarding illicit drug use. *Addiction*, 95 (8), 1225-1235.

Índice

Anexo A: Instrumento – Questionário

Anexo B: Resultados do Pré-Teste

Anexo C: Análise Factorial com Rotação Varimax e Alphas de Cronbach das três sub-escalas da Escala de Representações Sociais

Anexo D: Caracterização da Amostra – estatística descritiva e percentual

Anexo E: Frequência das respostas da Escala de representações Sociais

**Anexo F: Estatística não-paramétrica
Testes *U* de Mann-Whitney e Teste de Kruskal-Wallis**

Anexo G: Correlações de Spearman

Anexo A

QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se à realização de um trabalho de investigação.

Por essa razão, torna-se indispensável que leias cada frase cuidadosamente e que respondas com o máximo de sinceridade a todas as questões apresentadas.

O questionário é absolutamente confidencial, pelo que solicito que não escrevas o teu nome em nenhuma folha do mesmo.

Desde já muito obrigado pela tua colaboração.

1. Sexo:

- Feminino
- Masculino

2. Idade: _____ anos

3. Ano de Escolaridade: _____ ano

4. Com quem vives?

- Ambos os pais
- Só Mãe
- Mãe e padrasto
- Só Pai
- Pai e madrasta
- Outros Quem? _____

5. Tens irmãos?

- Sim
- Não Quantos? _____ Idades? _____

6. Habilitações Literárias das pessoas com quem resides:

	Pai	Mãe	Padrasto	Madrasta
Não sabe ler nem escrever				
Sabe ler e escrever				
Escola Primária				
Ensino Preparatório (5º e 6º ano)				
Ensino secundário (7º, 8º e 9º ano)				
Ensino Complementar (10º, 11º e 12º ano)				
Curso Superior				

7. Consomes as seguintes substâncias com que frequência?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre que posso
Tabaco					
Álcool					
Drogas Leves					
Drogas Pesadas					

8. Se já experimentaste alguma(s) das seguintes substâncias, com que idade foi:

	Com que idade?
Tabaco	
Álcool	
Marijuana	
Erva/Haxixe	
Colas, vernizes, solventes	
LSD, ácidos, trips	
Estimulantes (speeds)	
Calmantes (drunfos)	
Heroína	
Cocaína	

10. Que escola frequentas?

O questionário consiste numa série de perguntas relacionadas com o tema do Consumo de Substâncias, bastando colocar uma cruz na quadrícula que corresponde à tua opinião. Não há respostas certas nem erradas, apenas se pretende a tua opinião.

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
1. Existem drogas lícitas e drogas ilícitas.					
2. As drogas leves são tão nefastas como as drogas duras.					
3. Estou bem informado acerca dos efeitos físicos e psíquicos das drogas.					
4. Relativamente às drogas e comparando-me com os meus amigos, estou tão bem informado quanto eles.					
5. Os consumos excessivos e descontrolados de drogas podem pôr a vida em risco através de acidentes (ex: acidentes de viação).					
6. Os consumos excessivos e descontrolados de certas drogas podem pôr a vida em risco por contaminação devido à forma de consumo (ex: transmissão de HIV e hepatite B através de agulhas infectadas).					
7. Os consumos excessivos e descontrolados de drogas quando misturados com álcool podem pôr a vida em risco.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

8. Os consumos excessivos de drogas podem pôr a vida em risco por "overdose".					
9. O uso de drogas pode afectar a gravidez.					
10. O Álcool é uma droga.					
11. O Haxixe é uma droga.					
12. A Heroína é uma droga.					
13. A Marijuana é uma droga.					
14. A Cocaína é uma droga.					
15. O LSD (<i>trips</i>) é uma droga.					
16. Os <i>speeds</i> são drogas.					
17. O uso de Álcool pode causar dependência física.					
18. O uso de Haxixe pode causar dependência física.					
19. O uso de heroína pode causar dependência física.					
20. O uso de Marijuana pode causar dependência física.					
21. O uso de Cocaína pode causar dependência física.					
22. Inalar colas e solventes pode causar dependência física.					
23. O uso de LSD (<i>trips</i>) pode causar dependência física.					
24. O uso de <i>speeds</i> pode causar dependência física.					
25. O uso de Álcool pode causar dependência psíquica.					
26. O uso de Haxixe pode causar dependência psíquica.					
27. O uso de heroína pode causar dependência psíquica.					
28. O uso de Marijuana pode causar dependência psíquica.					
29. O uso de Cocaína pode causar dependência psíquica.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

30. Inalar colas e solventes pode causar dependência psíquica.					
31. O uso de LSD (<i>trips</i>) pode causar dependência psíquica.					
32. O uso de <i>speeds</i> pode causar dependência psíquica.					
33. O consumo de bebidas alcoólicas faz mal à saúde.					
34. O consumo de drogas faz mal à saúde.					
35. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através de Técnicos de Saúde (enfermeiros, médicos).					
36. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através de Debates na Escola.					
37. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através dos Pais.					
38. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através de Psicólogos.					
39. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através dos meus Irmãos.					
40. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através dos meus Amigos.					
41. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através de Professores.					
42. Recebi informação acerca da temática do álcool e droga através de TV, jornais, revistas.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

43. Eu acho que os adultos na sua maioria se sentem à vontade para falar sobre álcool e drogas com os jovens.					
44. Eu acho que o meu pai está bem informado acerca dos efeitos físicos e psíquicos das drogas.					
45. Eu acho que a minha mãe está bem informada acerca dos efeitos físicos e psíquicos das drogas.					
46. Na minha escola o consumo de álcool e drogas aumentou.					
47. A maioria das pessoas da minha idade bebe bebidas alcoólicas.					
48. Os meus amigos acham natural que as pessoas da minha idade bebam bebidas alcoólicas.					
49. Os meus pais acham mal que as pessoas da minha idade bebam bebidas alcoólicas.					
50. O consumo de bebidas alcoólicas ajuda a pensar menos nos problemas.					
51. Deixar de beber bebidas alcoólicas é fácil.					
52. Quem bebe bebidas alcoólicas acaba por ter problemas com os pais.					
53. O consumo de bebidas alcoólicas permite experimentar novas sensações.					
54. Os jovens que não bebem bebidas alcoólicas é porque acham que o álcool é perigoso para a saúde.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

55. Os jovens que não bebem bebidas alcoólicas é porque acham que os pais não aprovam que eles o façam.					
56. Os jovens que não bebem bebidas alcoólicas é porque o consumo de álcool na idade deles é ilegal.					
57. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem porque se sentem aborrecidos ou tristes.					
58. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para relaxar ou acalmar os nervos.					
59. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.					
60. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais adultos.					
61. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para esquecer os problemas.					
62. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para ficarem mais desinibidos com o sexo oposto.					
63. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu aceitaria.					
64. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu acabaria por beber mais que o costume.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

65) Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas não é por isso que eu vou beber.					
66) Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu sinto-me "tentado" a beber mais vezes, porque o ambiente é propício.					
67) Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo.					
68. Se tivesse um familiar ou amigo alcoólico, não faria nada porque o problema é só dele.					
69. Se tivesse um familiar ou amigo alcoólico, encorajá-lo-ia a iniciar um tratamento especializado.					
70. Se tivesse um familiar ou amigo alcoólico, afastava-me dele.					
71. Os jovens que não consomem drogas é porque acham que as drogas são perigosas para a saúde.					
72. Os jovens que não consomem drogas é porque sabem que os pais não aprovam que eles o façam.					
73. Os jovens que não consomem drogas tomam essa atitude porque o consumo de drogas é ilegal.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

74. Os jovens que consomem drogas fazem-no porque se sentem aborrecidos ou tristes.					
75. Os jovens que consomem drogas fazem-no para relaxar ou acalmar os nervos.					
76. Os jovens que consomem drogas fazem-no para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.					
77. Os jovens que consomem drogas fazem-no para fugir à realidade.					
78. Os jovens que consomem drogas fazem-no por curiosidade.					
79. Os jovens que consomem drogas fazem-no para serem mais criativos (na música, a pensar).					
80. Os jovens que consomem drogas fazem-no pelo prazer do risco.					
81. As drogas ilícitas são fáceis de adquirir.					
82. O consumo de drogas ajuda a pensar menos nos problemas.					
83. Deixar de consumir drogas é fácil.					
84. Quem consome drogas acaba por ter problemas e discussões com os pais.					
85. O consumo de drogas permite experimentar novas sensações.					
86. A maioria das pessoas da minha idade consome drogas leves.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	------------------------	----------	---------------------------	----------	------------------------

87. Os meus amigos acham natural que as pessoas da minha idade consumam drogas.					
88. Os meus pais acham mal que as pessoas da minha idade consumam drogas.					
89. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me oferecessem um charro de haxixe eu aceitaria.					
90. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me oferecessem um charro de haxixe eu diria que não e contaria a alguém.					
91. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a fumar heroína eu aceitaria.					
92. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a fumar heroína eu diria que não e contaria alguém.					
93. Se no meu grupo de amigos se consumir drogas não é por isso que eu vou consumir.					
94. Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu sinto-me "tentado" a consumir mais vezes, porque o ambiente é propício.					
95. Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu provavelmente acabo por consumir para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo.					

	concordo completamente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo completamente
--	---------------------------	----------	------------------------------	----------	---------------------------

96. Se tivesse um familiar ou amigo toxicodependente, nada faria porque o problema é dele.					
97. Se tivesse um familiar ou amigo toxicodependente, encorajá-lo-ia a iniciar um tratamento especializado					
98. Se tivesse um familiar ou amigo toxicodependente, afastava-me dele.					
99. Se na minha escola existisse um debate sobre álcool e drogas, frequentá-lo-ia.					
100. Uma medida preventiva adequada no combate ao consumo de álcool e drogas ilícitas é a criação de mais oportunidades escolares e profissionais no sentido de reduzir a procura.					
101. Uma medida preventiva adequada no combate ao consumo de álcool e drogas ilícitas é a criação de medidas legislativas destinadas a diminuir a oferta.					
102. Uma medida preventiva adequada no combate ao consumo de álcool e drogas ilícitas é a transmissão de informação a respeito dos efeitos do consumo na saúde.					
103. Uma medida preventiva adequada no combate ao consumo de álcool e drogas ilícitas é reforçar as competências dos jovens para lidar com as pressões do grupo de amigos.					

Anexo B

Folhal

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18
1	3	3	3	3	1	1	1	3	2	3	2	2	5	3	3	2	2	2
2	2	3	1	1	2	2	1	4	2	2	4	3	5	3	3	4	3	2
3	3	3	2	1	1	1	3	2	3	1	2	1	5	3	3	2	2	1
4	2	3	3	2	2	2	4	2	4	1	2	2	5	3	2	3	2	2
5	1	2	2	2	1	1	1	2	4	1	4	4	5	2	3	1	1	1
6	1	2	2	1	1	1	1	3	3	3	1	5	5	2	3	1	2	2
7	1	2	1	3	1	1	3	2	3	1	2	5	5	3	2	2	1	1
8	3	2	1	1	1	1	1	3	2	3	4	1	5	2	2	1	1	1
9	1	1	1	1	1	1	1	2	1	5	1	1	5	3	3	1	1	2
10	1	2	1	1	2	1	1	2	3	1	1	1	5	2	2	4	5	2
11	1	2	3	1	1	1	1	1	1	1	3	2	5	2	3	3	2	1
12	1	1	1	1	1	1	1	1	3	1	1	1	5	2	2	1	2	1
13	1	1	1	1	1	1	3	1	1	1	1	1	5	2	3	3	2	1
14	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	5	2	2	1	2	1
15	1	3	3	3	1	1	1	3	3	1	1	1	4	2	3	1	2	1
16	3	3	3	3	1	1	1	2	3	1	1	1	5	2	3	1	3	1
17	2	2	2	3	1	1	3	4	4	2	3	1	3	2	3	2	3	2
18	2	3	3	2	1	1	1	4	5	2	5	4	5	2	3	4	2	1
19	2	2	2	2	1	1	1	4	5	2	2	1	5	2	3	1	2	1
20	2	2	3	3	1	1	1	3	4	2	5	1	5	2	3	4	2	1
21	2	2	1	2	1	1	1	3	4	2	1	1	5	2	3	1	2	1
22	3	3	3	3	3	3	1	3	3	2	1	1	5	2	3	4	3	1
23	2	3	3	2	1	1	1	3	3	2	3	1	5	2	3	2	3	1
24	3	3	3	2	1	1	1	4	3	2	2	1	5	2	3	2	3	1
25	2	2	1	1	1	1	3	3	4	2	3	1	5	2	2	2	3	2
26	2	3	1	2	1	1	3	2	4	2	5	2	5	2	3	2	3	2
27	2	2	1	2	1	1	3	2	4	2	2	1	5	2	3	2	3	2
28	2	2	1	2	1	1	3	2	4	2	5	2	5	2	3	2	3	2
29	2	2	1	2	1	1	3	2	3	2	2	1	5	2	3	2	3	2
30	3	3	1	3	2	2	3	3	1	2	2	1	5	3	3	2	3	2
31	2	3	2	3	2	2	3	3	2	2	2	2	5	2	3	2	3	2
32	3	3	2	3	2	2	3	3	2	2	2	3	5	2	3	2	3	2
33	1	1	2	1	1	1	4	2	2	1	2	4	5	2	2	3	2	1
34	1	1	2	1	1	1	1	1	3	1	2	5	5	2	2	2	1	1
35	2	2	2	4	4	4	1	3	3	1	2	4	5	2	2	5	3	2
36	4	3	2	1	1	1	1	4	3	1	3	3	5	2	3	5	2	2
37	2	3	2	1	4	4	1	1	4	1	5	2	5	3	3	2	2	2
38	4	4	4	4	4	4	1	4	4	4	2	1	5	2	3	5	3	2
39	1	4	4	4	4	1	3	4	3	4	3	2	5	3	3	5	3	4
40	1	3	4	2	1	1	3	4	2	4	3	3	5	2	2	1	3	2
41	2	3	2	1	1	1	3	2	1	1	3	4	5	3	3	5	2	3
42	2	1	2	1	1	1	1	1	2	1	3	5	5	2	3	2	2	2
43	4	2	2	2	2	2	2	2	1	2	4	1	3	2	2	2	2	2
44	2	1	2	1	1	1	4	2	2	1	1	3	3	2	3	1	1	2
45	2	1	2	1	1	1	4	2	2	5	2	1	3	2	3	1	1	2

46	2	3	4	1	2	2	5	3	2	3	5	2	3	2	3	5	5	2
47	2	3	3	1	2	2	3	1	3	3	1	3	5	2	4	1	3	1
48	2	3	3	1	2	4	3	3	3	5	4	2	5	2	4	3	3	1
49	1	1	3	1	1	1	1	3	2	1	5	2	5	2	2	4	2	4
50	2	4	4	5	4	4	3	4	2	3	2	1	5	2	3	5	4	2
51	4	3	5	5	3	1	3	3	2	5	2	5	5	2	4	1	2	3
52	2	2	3	1	2	2	3	4	2	1	5	1	5	2	2	5	2	4
53	3	4	3	5	3	2	1	4	2	3	2	1	5	2	1	5	3	2
54	4	1	2	1	1	1	1	3	2	1	1	2	5	2	2	2	2	2
55	4	3	2	5	3	1	3	3	1	4	2	1	4	2	3	4	1	2
56	1	5	3	2	4	4	3	3	3	2	2	2	4	2	2	4	3	2
57	2	3	5	2	3	4	3	4	2	2	5	3	4	3	2	4	2	3
58	2	3	5	5	3	4	1	4	3	2	4	4	4	3	2	4	3	2
59	2	3	2	1	1	1	1	4	3	2	3	5	4	2	3	4	2	3
60	2	3	2	1	2	1	1	4	3	2	5	4	4	2	3	3	3	4
61	2	3	3	5	3	1	3	4	3	2	5	3	4	2	2	4	2	2
62	2	3	3	2	3	2	1	3	3	2	4	2	4	2	3	2	3	3
63	4	5	4	4	3	3	1	3	2	3	2	2	4	2	4	3	3	4
64	4	5	4	5	4	3	1	4	2	5	4	1	4	2	4	5	4	4
65	2	4	1	4	5	5	1	5	4	4	4	4	4	2	2	1	2	2
66	4	5	4	2	4	4	1	4	1	4	5	2	4	2	3	4	4	4
67	4	5	4	5	4	4	1	4	2	3	2	3	4	2	3	5	4	4
68	4	4	4	5	5	5	1	5	2	5	3	1	4	2	3	5	5	5
69	1	1	2	2	1	1	1	1	2	1	3	1	4	2	3	1	2	1
70	4	5	4	5	5	5	2	4	3	5	5	1	5	2	3	5	4	5
71	2	1	1	1	1	1	3	1	3	1	1	1	1	2	3	1	1	2
72	4	1	3	5	5	3	1	3	3	3	1	2	4	2	2	4	1	2
73	4	3	4	3	3	3	1	3	3	3	2	5	4	2	3	3	3	2
74	2	3	4	4	3	5	1	3	1	2	5	5	4	2	2	4	3	2
75	2	3	4	4	3	5	1	3	2	2	4	1	4	2	2	4	3	2
76	2	3	2	1	3	4	1	3	3	2	4	1	4	2	3	3	4	2
77	2	3	4	1	3	2	2	2	4	2	4	1	4	3	3	3	4	2
78	2	2	2	2	2	2	1	3	5	1	2	1	2	2	2	2	2	2
79	3	3	3	5	4	2	2	3	4	2	2	2	2	2	3	3	4	3
80	2	3	3	2	3	2	2	3	3	2	2	1	5	2	2	4	4	2
81	3	3	3	1	1	3	3	3	2	3	3	1	5	2	3	1	4	1
82	3	5	4	5	3	2	3	3	1	3	2	2	5	2	2	2	4	2
83	4	5	4	5	3	5	3	5	2	4	4	1	4	2	5	4	3	4
84	2	1	2	5	1	1	1	3	3	1	2	1	4	2	2	2	2	2
85	2	3	3	5	1	1	1	3	4	2	2	5	4	2	1	2	3	2
86	2	2	2	1	2	3	1	3	4	2	1	1	1	2	5	2	2	1
87	2	2	4	2	2	2	5	3	3	3	4	1	4	2	4	4	3	2
88	2	2	3	1	1	1	5	1	3	1	3	2	2	2	1	2	2	2
89	4	5	5	5	5	5	5	5	2	4	4	3	4	2	3	4	4	4
90	2	3	3	4	4	1	1	4	2	3	1	4	2	2	3	4	4	4
91	4	5	3	5	5	1	1	5	3	5	2	5	4	2	4	4	4	4

Folhal

92	2	3	3	5	5	1	5	4	3	3	5	4	4	2	4	4	4	4
93	2	1	1	1	5	3	1	5	3	5	4	3	4	2	2	2	1	2
94	4	5	5	1	5	3	3	5	3	4	3	2	4	2	3	4	4	2
95	4	5	5	4	5	3	1	5	3	4	4	5	4	2	5	4	4	2
96	4	4	4	5	5	5	1	4	1	4	5	1	4	2	4	5	4	4
97	2	1	1	1	1	1	1	2	2	1	1	1	2	3	4	1	2	1
98	4	5	4	5	5	5	1	3	4	4	5	1	4	3	4	4	4	4
99	3	1	3	1	1	1	2	3	5	1	3	1	4	2	2	3	2	1
100	3	3	1	1	1	1	3	3	5	3	3	1	5	3	3	3	2	2
102	3	3	1	1	1	1	3	3	5	3	4	1	5	2	1	3	2	2
102	4	3	1	1	1	1	1	3	4	3	3	1	5	2	1	2	2	2
103	3	3	1	1	1	1	1	3	4	4	4	1	5	3	1	2	3	2

Q19	Q20	Q21	Q22	Q23	Q24	Q25	Q26	Q27	Q28	Q29	Q30
2	1	2	2	1	1	1	2	3	2	2	2
3	1	4	2	4	2	1	4	2	4	5	4
3	1	2	2	1	3	2	3	1	3	1	3
3	1	3	2	3	3	1	3	3	4	1	2
3	1	1	2	1	1	1	1	1	2	1	1
3	1	3	2	1	1	1	1	1	2	1	1
3	1	3	2	1	2	1	4	1	3	2	3
2	1	4	2	1	2	2	1	1	2	1	3
2	1	1	2	1	2	1	1	5	2	1	1
1	1	2	3	1	5	1	1	1	2	1	1
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	3	2
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	1	1
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	3	2
1	1	2	2	1	1	1	1	1	2	1	1
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	1	1
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	1	1
1	1	2	2	1	2	2	1	1	2	2	3
1	1	3	3	1	4	5	1	1	2	5	4
1	1	3	2	1	1	1	1	1	3	1	1
1	1	3	3	1	2	5	1	1	3	5	4
1	1	3	3	1	1	2	1	1	3	1	1
1	1	3	3	3	3	4	3	1	3	1	3
1	1	3	3	1	1	3	1	1	3	1	3
1	1	3	2	1	2	1	1	1	3	1	3
1	1	2	2	1	2	1	1	1	2	1	1
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	5	4
1	1	3	2	1	1	3	1	1	2	1	2
1	1	3	2	1	1	1	1	1	2	5	4
1	1	3	2	1	1	3	1	1	2	1	2
1	1	3	3	1	2	3	3	1	1	1	3
1	1	3	3	1	2	2	1	1	2	1	2
1	1	3	3	1	2	2	1	1	3	1	2
3	1	2	2	1	2	3	1	1	2	2	1
2	1	3	2	1	1	1	1	1	1	5	1
5	1	2	4	5	3	3	5	1	2	3	3
2	1	2	2	2	2	1	5	1	3	1	3
2	1	2	2	2	2	1	3	1	2	1	2
5	5	4	4	2	3	2	3	4	1	1	3
5	1	4	2	2	3	3	1	1	2	1	4
1	1	2	2	2	3	1	1	1	3	1	2
5	1	2	2	2	3	1	3	1	2	1	2
1	1	2	2	1	3	1	2	1	1	1	2
1	5	2	4	1	2	5	4	4	3	1	2
1	1	2	2	2	2	2	1	1	2	2	3
1	1	4	2	2	2	2	2	1	2	1	2

Folhal

1	3	4	2	3	3	3	3	2	3	2	3
2	1	2	1	3	3	1	2	1	1	1	1
1	1	2	2	3	2	2	2	1	2	2	1
1	5	2	2	2	3	3	1	1	3	1	1
1	3	3	2	2	4	1	5	1	2	3	3
1	3	3	4	5	3	5	3	1	1	3	2
3	5	3	3	2	3	3	3	3	2	3	2
2	1	3	2	4	2	2	2	2	2	3	2
2	2	2	2	3	3	3	3	1	1	3	1
1	1	2	3	1	3	5	4	3	2	1	3
1	5	4	4	4	3	5	3	4	3	1	4
1	5	2	2	4	2	3	2	1	1	1	3
1	5	3	2	4	2	3	3	1	2	3	3
2	5	2	1	4	2	2	5	1	3	1	3
2	5	3	1	4	2	1	4	1	2	4	3
2	5	3	2	4	3	2	4	1	3	1	3
2	2	3	2	4	3	1	4	1	1	1	3
3	2	3	4	2	2	1	5	3	3	3	3
3	2	3	4	4	2	3	5	4	2	2	3
3	3	3	2	2	2	1	1	1	2	1	3
3	2	4	4	2	2	2	3	3	1	2	2
3	3	4	4	4	3	2	5	4	2	2	3
3	1	4	4	4	2	4	5	5	2	2	2
2	1	2	2	1	2	2	5	1	3	2	2
5	5	5	4	5	4	5	1	5	2	2	2
1	2	3	2	2	2	1	3	1	1	2	3
2	3	3	4	2	2	5	3	4	3	2	2
2	4	4	4	2	2	5	3	5	2	1	3
2	5	3	2	4	2	2	1	2	2	2	3
1	5	3	2	4	2	4	3	3	1	2	2
3	5	3	2	4	3	3	2	2	2	1	3
2	5	3	3	4	2	5	4	2	3	1	2
1	2	2	2	2	2	1	1	2	2	1	2
1	5	4	3	2	2	5	3	5	2	2	2
3	2	3	2	2	2	3	5	2	1	2	3
1	1	3	3	2	2	3	2	1	3	1	2
1	2	3	3	4	2	5	1	4	3	1	2
2	3	3	3	5	3	3	4	5	2	1	3
2	3	3	2	1	2	1	3	2	1	1	3
1	1	3	2	1	2	1	2	2	2	1	2
2	2	2	2	2	2	5	5	1	2	1	3
1	4	2	2	2	2	5	1	2	2	1	2
1	5	2	2	1	2	3	2	1	2	2	2
3	3	3	4	5	3	4	3	5	2	2	3
4	5	3	3	5	2	3	4	3	3	2	2
4	3	4	4	5	2	4	3	5	2	2	3

Folha1

4	5	4	4	3	3	5	4	3	3	2	4
2	1	2	2	5	3	5	2	1	2	2	3
3	4	3	4	3	3	5	4	5	4	2	3
4	5	4	4	5	2	5	2	5	2	2	3
4	5	4	4	5	4	3	1	5	2	1	3
1	1	2	2	1	2	2	3	1	1	1	2
4	5	4	4	5	4	5	2	5	3	1	3
3	2	3	2	4	2	3	4	1	2	1	3
3	3	2	3	1	2	2	1	2	2	2	3
3	4	2	3	1	3	1	3	2	3	2	2
3	2	2	3	1	2	2	2	2	3	2	2
3	2	2	3	5	3	3	5	1	2	2	3

Anexo C

Factor Analysis

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues		
	Total	% of Variance	Cumulative %
1	14,128	13,717	13,717
2	6,649	6,455	20,172
3	5,340	5,184	25,356
4	4,421	4,292	29,648
5	3,226	3,132	32,781
6	2,728	2,649	35,429
7	2,403	2,333	37,762
8	2,345	2,277	40,039
9	2,103	2,041	42,081
10	2,083	2,023	44,103
11	2,000	1,941	46,045
12	1,960	1,903	47,947
13	1,732	1,682	49,629
14	1,662	1,614	51,243
15	1,611	1,564	52,807
16	1,589	1,543	54,350
17	1,476	1,433	55,784
18	1,448	1,406	57,189
19	1,387	1,346	58,536
20	1,302	1,264	59,800
21	1,240	1,204	61,004
22	1,226	1,190	62,194
23	1,177	1,143	63,337
24	1,144	1,110	64,447
25	1,130	1,097	65,544
26	1,094	1,062	66,606
27	1,046	1,015	67,621
28	1,014	,984	68,605
29	1,003	,974	69,579
30	,965	,937	70,516
31	,946	,919	71,435
32	,934	,907	72,342
33	,896	,870	73,212
34	,878	,852	74,065
35	,866	,841	74,906
36	,864	,839	75,745
37	,843	,819	76,563
38	,813	,789	77,352
39	,790	,767	78,119
40	,743	,722	78,841
41	,736	,715	79,556
42	,716	,695	80,251
43	,697	,677	80,928
44	,686	,666	81,594
45	,655	,636	82,229
46	,652	,633	82,862
47	,631	,613	83,475
48	,617	,599	84,074
49	,596	,578	84,652
50	,588	,570	85,222
51	,564	,548	85,770

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues		
	Total	% of Variance	Cumulative %
52	,553	,537	86,307
53	,547	,531	86,838
54	,542	,526	87,364
55	,533	,517	87,881
56	,515	,500	88,380
57	,501	,487	88,867
58	,490	,476	89,343
59	,470	,457	89,800
60	,459	,446	90,245
61	,430	,417	90,662
62	,416	,404	91,066
63	,402	,390	91,457
64	,389	,378	91,835
65	,378	,367	92,202
66	,369	,359	92,560
67	,357	,347	92,907
68	,351	,341	93,248
69	,340	,330	93,578
70	,335	,325	93,903
71	,322	,313	94,215
72	,317	,308	94,523
73	,312	,303	94,826
74	,298	,290	95,116
75	,294	,286	95,401
76	,272	,264	95,665
77	,266	,258	95,923
78	,261	,253	96,176
79	,248	,241	96,417
80	,237	,231	96,648
81	,231	,224	96,872
82	,220	,213	97,085
83	,212	,206	97,291
84	,208	,202	97,493
85	,201	,195	97,688
86	,192	,187	97,875
87	,187	,182	98,057
88	,181	,176	98,233
89	,179	,174	98,406
90	,169	,164	98,570
91	,166	,161	98,731
92	,162	,157	98,888
93	,146	,142	99,030
94	,139	,135	99,165
95	,132	,128	99,293
96	,124	,121	99,413
97	,117	,114	99,527
98	,108	,105	99,632
99	9,684E-02	9,402E-02	99,726
100	9,209E-02	8,941E-02	99,815
101	7,678E-02	7,454E-02	99,890

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues		
	Total	% of Variance	Cumulative %
102	6,667E-02	6,473E-02	99,954
103	4,708E-02	4,571E-02	100,000

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	14,128	13,717	13,717	12,323	11,964	11,964
2	6,649	6,455	20,172	7,020	6,815	18,779
3	5,340	5,184	25,356	6,774	6,577	25,356
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						
26						
27						
28						
29						
30						
31						
32						
33						
34						
35						
36						
37						
38						
39						
40						
41						
42						
43						
44						
45						
46						
47						
48						
49						
50						
51						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
52						
53						
54						
55						
56						
57						
58						
59						
60						
61						
62						
63						
64						
65						
66						
67						
68						
69						
70						
71						
72						
73						
74						
75						
76						
77						
78						
79						
80						
81						
82						
83						
84						
85						
86						
87						
88						
89						
90						
91						
92						
93						
94						
95						
96						
97						
98						
99						
100						
101						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
102						
103						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
P1	,293	4,543E-02	-1,072E-02
P2	-,272	9,218E-02	-,208
P3	,306	-,106	,142
P4	,200	5,940E-03	6,559E-02
P5	,388	-,193	,302
P6	,354	-8,678E-02	,152
P7	,354	-,201	,308
P8	,421	-,123	,166
P9	,322	-,211	,129
P10	,424	-,125	,163
P11	,528	-,219	,211
P12	,584	-,216	5,813E-02
P13	,487	-,270	,168
P14	,567	-,213	9,646E-03
P15	,647	-5,599E-02	-,106
P16	,642	-,118	-2,771E-02
P17	,486	-,127	9,491E-02
P18	-,495	9,794E-02	-,327
P19	,715	-1,565E-05	-2,576E-02
P20	-,481	7,950E-02	-,261
P21	,732	-2,377E-02	-5,819E-02
P22	-,552	-5,268E-02	-8,448E-02
P23	-,733	-8,745E-02	9,744E-02
P24	-,730	-3,433E-02	5,813E-02
P25	,629	-,173	8,985E-02
P26	,673	-,199	,134
P27	,759	-,123	-1,749E-03
P28	,704	-,182	6,162E-02
P29	,759	-,108	-2,215E-02
P30	,560	1,831E-02	4,632E-02
P31	-,753	3,360E-03	5,765E-02
P32	,744	3,752E-03	-7,545E-02
P33	,267	-,226	,258
P34	,303	-,328	,279
P35	5,901E-02	-9,171E-02	,267
P36	,226	-,169	,285
P37	,193	-,252	,145
P38	1,260E-02	6,295E-02	,245
P39	7,342E-02	7,454E-02	9,747E-02
P40	,326	3,720E-02	1,653E-02
P41	,104	-,186	,326
P42	,284	-,312	,243

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
P43	6,616E-02	-,143	-2,445E-02
P44	,321	-,144	6,378E-02
P45	,294	-9,076E-02	8,442E-02
P46	,166	7,807E-02	,103
P47	,342	-8,863E-02	6,775E-03
P48	,292	8,281E-02	8,138E-02
P49	6,800E-02	-5,860E-02	,391
P50	-5,977E-02	,404	,209
P51	-1,582E-02	-,147	,165
P52	-,160	6,111E-02	-,396
P53	,136	,285	,138
P54	-1,559E-02	8,476E-02	-,473
P55	-3,617E-02	-,230	-,271
P56	4,772E-02	-,239	-,394
P57	-4,194E-02	,255	,634
P58	1,516E-02	,287	,609
P59	,148	-5,611E-02	,619
P60	,176	-4,996E-02	,580
P61	1,068E-02	7,672E-02	,398
P62	,193	,168	,416
P63	3,354E-02	,550	2,055E-03
P64	-7,706E-02	,635	-2,202E-02
P65	-,180	,323	-2,802E-02
P66	3,989E-02	,564	4,708E-02
P67	-6,257E-02	,677	9,703E-02
P68	9,894E-02	-,347	4,565E-02
P69	,116	-,304	,176
P70	,111	-,441	-1,234E-02
P71	-7,757E-02	-,199	,409
P72	6,598E-04	-,216	-,313
P73	3,570E-02	-,232	-,333
P74	1,162E-03	,251	,602
P75	-1,627E-02	,297	,529
P76	3,968E-02	5,664E-02	,602
P77	,164	5,847E-02	,514
P78	,172	3,561E-02	,335
P79	-4,309E-02	,367	,223
P80	2,893E-02	3,751E-02	-5,883E-02
P81	,381	,106	-5,860E-02
P82	9,815E-02	,425	7,551E-02
P83	-5,794E-02	,333	-,251
P84	-,179	,151	-,412
P85	,198	,283	,151
P86	,239	,171	-9,314E-02
P87	,203	,423	-3,462E-02
P88	-,162	,271	-,291
P89	-3,724E-02	,653	-,244
P90	-9,329E-02	-,150	,342
P91	-,130	,587	-2,677E-02
P92	5,488E-02	9,834E-02	-,249
P93	-,152	,390	-7,876E-02

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
P94	-6,170E-02	,574	1,006E-02
P95	-,107	,655	8,213E-02
P96	,149	-,462	2,830E-02
P97	,206	-,303	5,790E-02
P98	,213	-,442	-5,782E-02
P99	,193	-,182	,205
P100	,284	2,698E-02	,280
P101	,228	1,038E-02	,226
P102	,347	-7,661E-02	,237
P103	,299	-,112	,355

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 5 iterations.

Component Transformation Matrix

Component	1	2	3
1	,891	-,336	,305
2	,038	,726	,687
3	,452	,600	-,660

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Reliability

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

RELIABILITY ANALYSIS - SCALE (ALPHA)

Reliability Coefficients

N of Cases = 376,0

N of Items = 16

Alpha = ,7320

RELIABILITY ANALYSIS - SCALE (ALPHA)

Reliability Coefficients

N of Cases = 376,0

N of Items = 8

Alpha = ,8471

RELIABILITY ANALYSIS - SCALE (ALPHA)

Reliability Coefficients

N of Cases = 376,0

N of Items = 8

Alpha = ,8503

RELIABILITY ANALYSIS - SCALE (ALPHA)

Reliability Coefficients

N of Cases = 376,0

N of Items = 32

Alpha = ,7382

Anexo D

Frequencies

Statistics

		idade	sexo
N	Valid	376	376
	Missing	0	0

Frequency Table

idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	13	20	5,3	5,3	5,3
	14	46	12,2	12,2	17,6
	15	63	16,8	16,8	34,3
	16	75	19,9	19,9	54,3
	17	81	21,5	21,5	75,8
	18	63	16,8	16,8	92,6
	19	28	7,4	7,4	100,0
	Total	376	100,0	100,0	

sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	feminino	202	53,7	53,7	53,7
	masculino	174	46,3	46,3	100,0
Total		376	100,0	100,0	

Frequencies

Statistics

ano escolaridade

N	Valid	376
	Missing	0

ano escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7	24	6,4	6,4	6,4
	8	56	14,9	14,9	21,3
	9	109	29,0	29,0	50,3
	10	81	21,5	21,5	71,8
	11	67	17,8	17,8	89,6
	12	39	10,4	10,4	100,0
	Total	376	100,0	100,0	

Frequencies

Statistics

		habilitações literárias pai	habilitações literárias mãe	habilitações literárias padrasto	habilitações literárias madrasta
N	Valid	294	350	30	14
	Missing	82	26	346	362

Frequency Table

habilitações literárias pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	não sabe ler nem escrever	3	,8	1,0	1,0
	sabe ler e escrever	10	2,7	3,4	4,4
	escola primária	88	23,4	29,9	34,4
	ensino preparatório	49	13,0	16,7	51,0
	ensino secundário	69	18,4	23,5	74,5
	ensino complementar	47	12,5	16,0	90,5
	curso superior	28	7,4	9,5	100,0
	Total	294	78,2	100,0	
Missing	System	82	21,8		
Total		376	100,0		

habilitações literárias mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	não sabe ler nem escrever	12	3,2	3,4	3,4
	sabe ler e escrever	11	2,9	3,1	6,6
	escola primária	94	25,0	26,9	33,4
	ensino preparatório	64	17,0	18,3	51,7
	ensino secundário	82	21,8	23,4	75,1
	ensino complementar	57	15,2	16,3	91,4
	curso superior	30	8,0	8,6	100,0
	Total	350	93,1	100,0	
Missing	System	26	6,9		
Total		376	100,0		

Frequencies

Statistics

		com quem vive	irmãos
N	Valid	376	376
	Missing	0	0

Frequency Table

com quem vive

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	ambos os pais	247	65,7	65,7	65,7
	mãe	56	14,9	14,9	80,6
	mãe e padrasto	26	6,9	6,9	87,5
	pai	8	2,1	2,1	89,6
	pai e madrasta	8	2,1	2,1	91,8
	outros	31	8,2	8,2	100,0
	Total	376	100,0	100,0	

irmãos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	57	15,2	15,2	15,2
	1	166	44,1	44,1	59,3
	2	87	23,1	23,1	82,4
	3	30	8,0	8,0	90,4
	4	14	3,7	3,7	94,1
	5	13	3,5	3,5	97,6
	6	7	1,9	1,9	99,5
	8	2	,5	,5	100,0
	Total	376	100,0	100,0	

Frequencies

Statistics

		irmãos	ano escolaridade	idade
N	Valid	376	376	376
	Missing	0	0	0
Mean		1,62	9,61	16,20
Median		1,00	9,00	16,00
Mode		1	9	17
Minimum		0	7	13
Maximum		8	12	19

consumo de alcool

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca	150	39,9	39,9	39,9
raramente	122	32,4	32,4	72,3
às vezes	87	23,1	23,1	95,5
muitas vezes	5	1,3	1,3	96,8
sempre que posso	12	3,2	3,2	100,0
Total	376	100,0	100,0	

consumo de tabaco

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca	243	64,6	64,6	64,6
raramente	41	10,9	10,9	75,5
às vezes	35	9,3	9,3	84,8
muitas vezes	34	9,0	9,0	93,9
sempre que posso	23	6,1	6,1	100,0
Total	376	100,0	100,0	

consumo de drogas pesadas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca	373	99,2	99,2	99,2
raramente	2	,5	,5	99,7
às vezes	1	,3	,3	100,0
Total	376	100,0	100,0	

consumo de drogas leves

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nunca	333	88,6	88,6	88,6
raramente	27	7,2	7,2	95,7
às vezes	13	3,5	3,5	99,2
muitas vezes	3	,8	,8	100,0
Total	376	100,0	100,0	

Statistics

		idade 1ª vez consumo de tabaco	idade 1ª vez consumo de alcool	idade 1ª vez consumo de marijuana	idade 1ª vez consumo de erva/haxixe	idade 1ª vez consumo de colas, vernizes, solventes
N	Valid	206	213	24	45	3
	Missing	170	163	352	331	373
Mean		13,37	13,84	15,04	14,93	12,33
Median		13,00	14,00	15,00	15,00	13,00
Mode		13 ^a	14	15	15	10 ^a
Minimum		5	6	10	11	10
Maximum		18	18	18	18	14

Statistics

		idade 1ª vez consumo de lsd, acidos, trips	idade 1ª vez consumo de estimulantes (speeds)	idade 1ª vez consumo de calmantes (drunfos)	idade 1ª vez consumo de heroína	idade 1ª vez consumo de cocaína
N	Valid	4	8	4	1	5
	Missing	372	368	372	375	371
Mean		15,75	15,63	16,00	14,00	15,20
Median		15,00	15,00	16,00	14,00	15,00
Mode		15	15	16	14	12 ^a
Minimum		15	15	15	14	12
Maximum		18	18	17	14	18

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

idade 1ª vez consumo de tabaco

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	5	1	,3	,5	,5
	6	1	,3	,5	1,0
	8	2	,5	1,0	1,9
	9	3	,8	1,5	3,4
	10	4	1,1	1,9	5,3
	11	12	3,2	5,8	11,2
	12	37	9,8	18,0	29,1
	13	46	12,2	22,3	51,5
	14	46	12,2	22,3	73,8
	15	31	8,2	15,0	88,8
	16	16	4,3	7,8	96,6
	17	5	1,3	2,4	99,0
	18	2	,5	1,0	100,0
	Total	206	54,8	100,0	
Missing	System	170	45,2		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de alcool

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	6	2	,5	,9	,9
	7	1	,3	,5	1,4
	8	2	,5	,9	2,3
	9	1	,3	,5	2,8
	10	7	1,9	3,3	6,1
	11	9	2,4	4,2	10,3
	12	29	7,7	13,6	23,9
	13	33	8,8	15,5	39,4
	14	48	12,8	22,5	62,0
	15	32	8,5	15,0	77,0
	16	34	9,0	16,0	93,0
	17	9	2,4	4,2	97,2
	18	6	1,6	2,8	100,0
	Total	213	56,6	100,0	
Missing	System	163	43,4		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de marijuanal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10	2	,5	8,3	8,3
	12	1	,3	4,2	12,5
	14	4	1,1	16,7	29,2
	15	7	1,9	29,2	58,3
	16	6	1,6	25,0	83,3
	18	4	1,1	16,7	100,0
	Total	24	6,4	100,0	
Missing	System	352	93,6		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de erva/haxixe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	11	1	,3	2,2	2,2
	12	2	,5	4,4	6,7
	13	6	1,6	13,3	20,0
	14	9	2,4	20,0	40,0
	15	12	3,2	26,7	66,7
	16	6	1,6	13,3	80,0
	17	5	1,3	11,1	91,1
	18	4	1,1	8,9	100,0
	Total	45	12,0	100,0	
Missing	System	331	88,0		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de colas, vernizes, solventes

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10	1	,3	33,3	33,3
	13	1	,3	33,3	66,7
	14	1	,3	33,3	100,0
	Total	3	,8	100,0	
Missing	System	373	99,2		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de Isd, acidos, trips

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	15	3	,8	75,0	75,0
	18	1	,3	25,0	100,0
	Total	4	1,1	100,0	
Missing	System	372	98,9		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de estimulantes (speeds)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	15	6	1,6	75,0	75,0
	17	1	,3	12,5	87,5
	18	1	,3	12,5	100,0
	Total	8	2,1	100,0	
Missing	System	368	97,9		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de calmantes (drunfos)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	15	1	,3	25,0	25,0
	16	2	,5	50,0	75,0
	17	1	,3	25,0	100,0
	Total	4	1,1	100,0	
Missing	System	372	98,9		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de heroína

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	14	1	,3	100,0	100,0
Missing	System	375	99,7		
Total		376	100,0		

idade 1ª vez consumo de cocaína

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	12	1	,3	20,0	20,0
	14	1	,3	20,0	40,0
	15	1	,3	20,0	60,0
	17	1	,3	20,0	80,0
	18	1	,3	20,0	100,0
	Total	5	1,3	100,0	
Missing	System	371	98,7		
Total		376	100,0		

nome da escola

	Frequency	Percent
Valid Colégio Sagrado Coração Maria	1	,3
Curso Formação Profissional Cristovão Colombo	1	,3
E C+S Luís António Verney	42	11,2
E.S Forte da Casa	1	,3
E.S José Afonso Loures	45	12,0
E.S. Afonso Domingos	4	,5
E.S. Infante D.Pedro	19	5,1
E.S. Patricio Prazeres	74	19,7
E.S.Anjos	14	3,7
E.S.Eça Queiros	91	24,2
EB23 Aristides de Sousa Mendes Povoa Sta Iria	2	,5
EB23 D.Martinho Vaz Castelo Branco	1	,3
EB23 Luís Sttau Monteiro Loures	11	2,9
Escola Profissional de Alverca	1	,3
Ext.Sebastião da Gama	6	1,6
INETE	55	14,6
Liceu D.Dinis	8	2,1
Total	376	100,0

Anexo E

Frequencies

P1

		Frequência	Porcentagem
Valid	discordo completamente	11	2,9
	discordo	21	5,6
	nem concordo nem discordo	82	21,8
	concordo	147	39,1
	concordo completamente	115	30,6
	Total	376	100,0

P2

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	29	7,7
	discordo	101	26,9
	nem concordo nem discordo	74	19,7
	concordo	106	28,2
	concordo completamente	66	17,6
	Total	376	100,0

P3

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	9	2,4
	discordo	18	4,8
	nem concordo nem discordo	47	12,5
	concordo	146	38,8
	concordo completamente	156	41,5
	Total	376	100,0

P4

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	8	2,1
	discordo	39	10,4
	nem concordo nem discordo	95	25,3
	concordo	152	40,4
	concordo completamente	82	21,8
	Total	376	100,0

P5

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	5	1,3
	discordo	6	1,6
	nem concordo nem discordo	17	4,5
	concordo	93	24,7
	concordo completamente	255	67,8
	Total	376	100,0

P6

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	4	1,1
	discordo	2	,5
	nem concordo nem discordo	20	5,3
	concordo	88	23,4
	concordo completamente	262	69,7
	Total	376	100,0

P7

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	4	1,1
	discordo	2	,5
	nem concordo nem discordo	37	9,8
	concordo	124	33,0
	concordo completamente	209	55,6
	Total	376	100,0

P8

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	1	,3
	discordo	4	1,1
	nem concordo nem discordo	22	5,9
	concordo	93	24,7
	concordo completamente	256	68,1
	Total	376	100,0

P9

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	6	1,6
discordo	2	,5
nem concordo nem discordo	15	4,0
concordo	91	24,2
concordo completamente	262	69,7
Total	376	100,0

P10

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	8	2,1
discordo	34	9,0
nem concordo nem discordo	73	19,4
concordo	116	30,9
concordo completamente	145	38,6
Total	376	100,0

P11

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	4	1,1
discordo	3	,8
nem concordo nem discordo	29	7,7
concordo	101	26,9
concordo completamente	239	63,6
Total	376	100,0

P12

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	2	,5
discordo	1	,3
nem concordo nem discordo	7	1,9
concordo	75	19,9
concordo completamente	291	77,4
Total	376	100,0

P13

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	3	,8
	discordo	3	,8
	nem concordo nem discordo	22	5,9
	concordo	89	23,7
	concordo completamente	259	68,9
	Total	376	100,0

P14

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	2	,5
	nem concordo nem discordo	8	2,1
	concordo	70	18,6
	concordo completamente	296	78,7
	Total	376	100,0

P15

		Frequency	Percent
Valid	discordo	2	,5
	nem concordo nem discordo	41	10,9
	concordo	97	25,8
	concordo completamente	236	62,8
	Total	376	100,0

P16

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	1	,3
	discordo	3	,8
	nem concordo nem discordo	52	13,8
	concordo	102	27,1
	concordo completamente	218	58,0
	Total	376	100,0

P17

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	2	,5
discordo	17	4,5
nem concordo nem discordo	65	17,3
concordo	152	40,4
concordo completamente	140	37,2
Total	376	100,0

P18

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	9	2,4
discordo	30	8,0
nem concordo nem discordo	78	20,7
concordo	117	31,1
concordo completamente	142	37,8
Total	376	100,0

P19

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	2	,5
discordo	7	1,9
nem concordo nem discordo	31	8,2
concordo	138	36,7
concordo completamente	198	52,7
Total	376	100,0

P20

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	10	2,7
discordo	23	6,1
nem concordo nem discordo	75	19,9
concordo	135	35,9
concordo completamente	133	35,4
Total	376	100,0

P21

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	1	,3
discordo	7	1,9
nem concordo nem discordo	41	10,9
concordo	133	35,4
concordo completamente	194	51,6
Total	376	100,0

P22

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	10	2,7
discordo	27	7,2
nem concordo nem discordo	125	33,2
concordo	108	28,7
concordo completamente	106	28,2
Total	376	100,0

P23

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	1	,3
discordo	6	1,6
nem concordo nem discordo	106	28,2
concordo	134	35,6
concordo completamente	129	34,3
Total	376	100,0

P24

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	1	,3
discordo	11	2,9
nem concordo nem discordo	100	26,6
concordo	125	33,2
concordo completamente	139	37,0
Total	376	100,0

P25

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	5	1,3
discordo	10	2,7
nem concordo nem discordo	64	17,0
concordo	133	35,4
concordo completamente	164	43,6
Total	376	100,0

P26

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	5	1,3
discordo	17	4,5
nem concordo nem discordo	57	15,2
concordo	142	37,8
concordo completamente	155	41,2
Total	376	100,0

P27

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	1	,3
discordo	7	1,9
nem concordo nem discordo	41	10,9
concordo	139	37,0
concordo completamente	188	50,0
Total	376	100,0

P28

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	6	1,6
discordo	10	2,7
nem concordo nem discordo	52	13,8
concordo	149	39,6
concordo completamente	159	42,3
Total	376	100,0

P29

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	3	,8
discordo	4	1,1
nem concordo nem discordo	38	10,1
concordo	136	36,2
concordo completamente	195	51,9
Total	376	100,0

P30

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	8	2,1
discordo	17	4,5
nem concordo nem discordo	116	30,9
concordo	121	32,2
concordo completamente	114	30,3
Total	376	100,0

P31

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	3	,8
discordo	7	1,9
nem concordo nem discordo	89	23,7
concordo	147	39,1
concordo completamente	130	34,6
Total	376	100,0

P32

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	2	,5
discordo	6	1,6
nem concordo nem discordo	86	22,9
concordo	146	38,8
concordo completamente	136	36,2
Total	376	100,0

P33

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	6	1,6
	discordo	7	1,9
	nem concordo nem discordo	51	13,6
	concordo	118	31,4
	concordo completamente	194	51,6
	Total	376	100,0

P34

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	5	1,3
	discordo	1	,3
	nem concordo nem discordo	20	5,3
	concordo	81	21,5
	concordo completamente	269	71,5
	Total	376	100,0

P35

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	84	22,3
	discordo	87	23,1
	nem concordo nem discordo	75	19,9
	concordo	77	20,5
	concordo completamente	53	14,1
	Total	376	100,0

P36

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	31	8,2
	discordo	53	14,1
	nem concordo nem discordo	52	13,8
	concordo	140	37,2
	concordo completamente	100	26,6
	Total	376	100,0

P37

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	24	6,4
	discordo	23	6,1
	nem concordo nem discordo	46	12,2
	concordo	131	34,8
	concordo completamente	152	40,4
	Total	376	100,0

P38

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	104	27,7
	discordo	133	35,4
	nem concordo nem discordo	70	18,6
	concordo	43	11,4
	concordo completamente	26	6,9
	Total	376	100,0

P39

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	96	25,5
	discordo	94	25,0
	nem concordo nem discordo	55	14,6
	concordo	72	19,1
	concordo completamente	59	15,7
	Total	376	100,0

P40

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	20	5,3
	discordo	21	5,6
	nem concordo nem discordo	64	17,0
	concordo	162	43,1
	concordo completamente	109	29,0
	Total	376	100,0

P41

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	39	10,4
	discordo	34	9,0
	nem concordo nem discordo	68	18,1
	concordo	155	41,2
	concordo completamente	80	21,3
	Total	376	100,0

P42

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	5	1,3
	discordo	6	1,6
	nem concordo nem discordo	27	7,2
	concordo	155	41,2
	concordo completamente	183	48,7
	Total	376	100,0

P43

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	17	4,5
	discordo	57	15,2
	nem concordo nem discordo	81	21,5
	concordo	135	35,9
	concordo completamente	86	22,9
	Total	376	100,0

P44

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	6	1,6
	discordo	17	4,5
	nem concordo nem discordo	69	18,4
	concordo	121	32,2
	concordo completamente	163	43,4
	Total	376	100,0

P45

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	6	1,6
	discordo	21	5,6
	nem concordo nem discordo	51	13,6
	concordo	131	34,8
	concordo completamente	167	44,4
	Total	376	100,0

P46

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	32	8,5
	discordo	54	14,4
	nem concordo nem discordo	194	51,6
	concordo	64	17,0
	concordo completamente	32	8,5
	Total	376	100,0

P47

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	4	1,1
	discordo	16	4,3
	nem concordo nem discordo	68	18,1
	concordo	147	39,1
	concordo completamente	141	37,5
	Total	376	100,0

P48

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	18	4,8
	discordo	33	8,8
	nem concordo nem discordo	122	32,4
	concordo	125	33,2
	concordo completamente	78	20,7
	Total	376	100,0

P49

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	14	3,7
	discordo	13	3,5
	nem concordo nem discordo	69	18,4
	concordo	126	33,5
	concordo completamente	154	41,0
	Total	376	100,0

P50

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	68	18,1
	discordo	71	18,9
	nem concordo nem discordo	110	29,3
	concordo	79	21,0
	concordo completamente	48	12,8
	Total	376	100,0

P51

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	79	21,0
	discordo	101	26,9
	nem concordo nem discordo	108	28,7
	concordo	45	12,0
	concordo completamente	43	11,4
	Total	376	100,0

P52

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	19	5,1
	discordo	33	8,8
	nem concordo nem discordo	127	33,8
	concordo	116	30,9
	concordo completamente	81	21,5
	Total	376	100,0

P53

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	25	6,6
	discordo	45	12,0
	nem concordo nem discordo	123	32,7
	concordo	118	31,4
	concordo completamente	65	17,3
	Total	376	100,0

P54

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	18	4,8
	discordo	34	9,0
	nem concordo nem discordo	75	19,9
	concordo	114	30,3
	concordo completamente	135	35,9
	Total	376	100,0

P55

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	31	8,2
	discordo	89	23,7
	nem concordo nem discordo	128	34,0
	concordo	81	21,5
	concordo completamente	47	12,5
	Total	376	100,0

P56

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	52	13,8
	discordo	126	33,5
	nem concordo nem discordo	110	29,3
	concordo	60	16,0
	concordo completamente	28	7,4
	Total	376	100,0

P57

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	38	10,1
	discordo	75	19,9
	nem concordo nem discordo	141	37,5
	concordo	96	25,5
	concordo completamente	26	6,9
	Total	376	100,0

P58

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	25	6,6
	discordo	68	18,1
	nem concordo nem discordo	141	37,5
	concordo	108	28,7
	concordo completamente	34	9,0
	Total	376	100,0

P59

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	26	6,9
	discordo	35	9,3
	nem concordo nem discordo	102	27,1
	concordo	138	36,7
	concordo completamente	75	19,9
	Total	376	100,0

P60

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	21	5,6
	discordo	44	11,7
	nem concordo nem discordo	88	23,4
	concordo	146	38,8
	concordo completamente	77	20,5
	Total	376	100,0

P61

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	18	4,8
	discordo	49	13,0
	nem concordo nem discordo	144	38,3
	concordo	121	32,2
	concordo completamente	44	11,7
	Total	376	100,0

P62

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	14	3,7
	discordo	48	12,8
	nem concordo nem discordo	138	36,7
	concordo	125	33,2
	concordo completamente	51	13,6
	Total	376	100,0

P63

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	95	25,3
	discordo	80	21,3
	nem concordo nem discordo	114	30,3
	concordo	64	17,0
	concordo completamente	23	6,1
	Total	376	100,0

P64

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	113	30,1
	discordo	127	33,8
	nem concordo nem discordo	85	22,6
	concordo	34	9,0
	concordo completamente	17	4,5
	Total	376	100,0

P65

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	13	3,5
	discordo	20	5,3
	nem concordo nem discordo	30	8,0
	concordo	115	30,6
	concordo completamente	198	52,7
	Total	376	100,0

P66

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	77	20,5
	discordo	118	31,4
	nem concordo nem discordo	82	21,8
	concordo	84	22,3
	concordo completamente	15	4,0
	Total	376	100,0

P67

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	118	31,4
	discordo	135	35,9
	nem concordo nem discordo	74	19,7
	concordo	37	9,8
	concordo completamente	12	3,2
	Total	376	100,0

P68

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	181	48,1
	discordo	119	31,6
	nem concordo nem discordo	43	11,4
	concordo	17	4,5
	concordo completamente	16	4,3
	Total	376	100,0

P69

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	8	2,1
	discordo	6	1,6
	nem concordo nem discordo	22	5,9
	concordo	97	25,8
	concordo completamente	243	64,6
	Total	376	100,0

P70

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	223	59,3
	discordo	110	29,3
	nem concordo nem discordo	24	6,4
	concordo	13	3,5
	concordo completamente	6	1,6
	Total	376	100,0

P71

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	14	3,7
	discordo	15	4,0
	nem concordo nem discordo	65	17,3
	concordo	113	30,1
	concordo completamente	169	44,9
	Total	376	100,0

P72

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	31	8,2
	discordo	57	15,2
	nem concordo nem discordo	131	34,8
	concordo	89	23,7
	concordo completamente	68	18,1
	Total	376	100,0

P73

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	41	10,9
	discordo	97	25,8
	nem concordo nem discordo	128	34,0
	concordo	60	16,0
	concordo completamente	50	13,3
	Total	376	100,0

P74

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	26	6,9
	discordo	68	18,1
	nem concordo nem discordo	130	34,6
	concordo	117	31,1
	concordo completamente	35	9,3
	Total	376	100,0

P75

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	17	4,5
	discordo	58	15,4
	nem concordo nem discordo	136	36,2
	concordo	130	34,6
	concordo completamente	35	9,3
	Total	376	100,0

P76

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	22	5,9
	discordo	43	11,4
	nem concordo nem discordo	118	31,4
	concordo	137	36,4
	concordo completamente	56	14,9
	Total	376	100,0

P77

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	11	2,9
discordo	35	9,3
nem concordo nem discordo	103	27,4
concordo	160	42,6
concordo completamente	67	17,8
Total	376	100,0

P78

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	8	2,1
discordo	18	4,8
nem concordo nem discordo	71	18,9
concordo	205	54,5
concordo completamente	74	19,7
Total	376	100,0

P79

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	40	10,6
discordo	69	18,4
nem concordo nem discordo	160	42,6
concordo	83	22,1
concordo completamente	24	6,4
Total	376	100,0

P80

	Frequency	Percent
Valid discordo completamente	18	4,8
discordo	39	10,4
nem concordo nem discordo	140	37,2
concordo	135	35,9
concordo completamente	44	11,7
Total	376	100,0

P81

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	6	1,6
	discordo	16	4,3
	nem concordo nem discordo	124	33,0
	concordo	115	30,6
	concordo completamente	115	30,6
	Total	376	100,0

P82

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	27	7,2
	discordo	47	12,5
	nem concordo nem discordo	158	42,0
	concordo	105	27,9
	concordo completamente	39	10,4
	Total	376	100,0

P83

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	172	45,7
	discordo	92	24,5
	nem concordo nem discordo	73	19,4
	concordo	22	5,9
	concordo completamente	17	4,5
	Total	376	100,0

P84

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	13	3,5
	discordo	13	3,5
	nem concordo nem discordo	56	14,9
	concordo	144	38,3
	concordo completamente	150	39,9
	Total	376	100,0

P85

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	16	4,3
	discordo	19	5,1
	nem concordo nem discordo	132	35,1
	concordo	126	33,5
	concordo completamente	83	22,1
	Total	376	100,0

P86

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	13	3,5
	discordo	34	9,0
	nem concordo nem discordo	116	30,9
	concordo	142	37,8
	concordo completamente	71	18,9
	Total	376	100,0

P87

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	51	13,6
	discordo	67	17,8
	nem concordo nem discordo	130	34,6
	concordo	93	24,7
	concordo completamente	35	9,3
	Total	376	100,0

P88

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	12	3,2
	discordo	8	2,1
	nem concordo nem discordo	27	7,2
	concordo	104	27,7
	concordo completamente	225	59,8
	Total	376	100,0

P89

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	201	53,5
	discordo	84	22,3
	nem concordo nem discordo	43	11,4
	concordo	32	8,5
	concordo completamente	16	4,3
	Total	376	100,0

P90

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	58	15,4
	discordo	85	22,6
	nem concordo nem discordo	95	25,3
	concordo	87	23,1
	concordo completamente	51	13,6
	Total	376	100,0

P91

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	231	61,4
	discordo	92	24,5
	nem concordo nem discordo	32	8,5
	concordo	16	4,3
	concordo completamente	5	1,3
	Total	376	100,0

P92

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	65	17,3
	discordo	66	17,6
	nem concordo nem discordo	91	24,2
	concordo	96	25,5
	concordo completamente	58	15,4
	Total	376	100,0

P93

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	19	5,1
	discordo	10	2,7
	nem concordo nem discordo	30	8,0
	concordo	99	26,3
	concordo completamente	218	58,0
	Total	376	100,0

P94

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	164	43,6
	discordo	92	24,5
	nem concordo nem discordo	68	18,1
	concordo	41	10,9
	concordo completamente	11	2,9
	Total	376	100,0

P95

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	200	53,2
	discordo	92	24,5
	nem concordo nem discordo	47	12,5
	concordo	29	7,7
	concordo completamente	8	2,1
	Total	376	100,0

P96

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	206	54,8
	discordo	112	29,8
	nem concordo nem discordo	30	8,0
	concordo	14	3,7
	concordo completamente	14	3,7
	Total	376	100,0

P97

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	7	1,9
	discordo	4	1,1
	nem concordo nem discordo	21	5,6
	concordo	87	23,1
	concordo completamente	257	68,4
	Total	376	100,0

P98

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	187	49,7
	discordo	124	33,0
	nem concordo nem discordo	47	12,5
	concordo	10	2,7
	concordo completamente	8	2,1
	Total	376	100,0

P99

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	6	1,6
	discordo	21	5,6
	nem concordo nem discordo	90	23,9
	concordo	131	34,8
	concordo completamente	128	34,0
	Total	376	100,0

P100

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	4	1,1
	discordo	17	4,5
	nem concordo nem discordo	129	34,3
	concordo	124	33,0
	concordo completamente	102	27,1
	Total	376	100,0

P101

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	10	2,7
	discordo	15	4,0
	nem concordo nem discordo	121	32,2
	concordo	135	35,9
	concordo completamente	95	25,3
	Total	376	100,0

P102

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	4	1,1
	discordo	12	3,2
	nem concordo nem discordo	81	21,5
	concordo	156	41,5
	concordo completamente	123	32,7
	Total	376	100,0

P103

		Frequency	Percent
Valid	discordo completamente	11	2,9
	discordo	12	3,2
	nem concordo nem discordo	104	27,7
	concordo	118	31,4
	concordo completamente	131	34,8
	Total	376	100,0

Anexo F

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	sexo	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	feminino	202	194,75	39338,50
	masculino	174	181,25	31537,50
	Total	376		
FACTOR2	feminino	202	164,15	33158,50
	masculino	174	216,77	37717,50
	Total	376		
FACTOR3	feminino	202	197,75	39946,00
	masculino	174	177,76	30930,00
	Total	376		
FACTOR4	feminino	202	189,65	38308,50
	masculino	174	187,17	32567,50
	Total	376		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	16312,500	12655,500	15705,000	17342,500
Wilcoxon W	31537,500	33158,500	30930,000	32567,500
Z	-1,294	-4,798	-1,839	-,234
Asymp. Sig. (2-tailed)	,196	,000	,066	,815

a. Grouping Variable: sexo

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	CATIDADE	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	1,00	129	185,52	23932,50
	2,00	247	190,05	46943,50
	Total	376		
FACTOR2	1,00	129	181,67	23435,00
	2,00	247	192,07	47441,00
	Total	376		
FACTOR3	1,00	129	201,61	26008,00
	2,00	247	181,65	44868,00
	Total	376		
FACTOR4	1,00	129	194,63	25107,00
	2,00	247	185,30	45769,00
	Total	376		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	15547,500	15050,000	14240,000	15141,000
Wilcoxon W	23932,500	23435,000	44868,000	45769,000
Z	-,414	-,903	-1,748	-,840
Asymp. Sig. (2-tailed)	,679	,366	,080	,401

a. Grouping Variable: CATIDADE

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	CATABACO	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	1,00	243	183,65	44627,00
	2,00	133	197,36	26249,00
	Total	376		
FACTOR2	1,00	243	171,49	41673,00
	2,00	133	219,57	29203,00
	Total	376		
FACTOR3	1,00	243	189,48	46042,50
	2,00	133	186,72	24833,50
	Total	376		
FACTOR4	1,00	243	178,58	43396,00
	2,00	133	206,62	27480,00
	Total	376		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	14981,000	12027,000	15922,500	13750,000
Wilcoxon W	44627,000	41673,000	24833,500	43396,000
Z	-1,260	-4,204	-,243	-2,543
Asymp. Sig. (2-tailed)	,208	,000	,808	,011

a. Grouping Variable: CATABACO

Non-Parametric Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	CATALCOL	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	1,00	150	195,90	29384,50
	2,00	226	183,59	41491,50
	Total	376		
FACTOR2	1,00	150	162,81	24422,00
	2,00	226	205,55	46454,00
	Total	376		
FACTOR3	1,00	150	209,73	31460,00
	2,00	226	174,41	39416,00
	Total	376		
FACTOR4	1,00	150	195,85	29377,50
	2,00	226	183,62	41498,50
	Total	376		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	15840,500	13097,000	13765,000	15847,500
Wilcoxon W	41491,500	24422,000	39416,000	41498,500
Z	-1,159	-3,827	-3,191	-1,136
Asymp. Sig. (2-tailed)	,247	,000	,001	,256

a. Grouping Variable: CATALCOL

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	CATDLEVE	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	1,00	333	189,92	63242,50
	2,00	43	177,52	7633,50
	Total	376		
FACTOR2	1,00	333	177,87	59231,00
	2,00	43	270,81	11645,00
	Total	376		
FACTOR3	1,00	333	188,47	62761,50
	2,00	43	188,71	8114,50
	Total	376		
FACTOR4	1,00	333	185,00	61605,00
	2,00	43	215,60	9271,00
	Total	376		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	6687,500	3620,000	7150,500	5994,000
Wilcoxon W	7633,500	59231,000	62761,500	61605,000
Z	-,758	-5,410	-,014	-1,848
Asymp. Sig. (2-tailed)	,448	,000	,989	,065

a. Grouping Variable: CATDLEVE

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	CATDPESA	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	1,00	373	189,34	70625,00
	2,00	3	83,67	251,00
	Total	376		
FACTOR2	1,00	373	187,21	69830,50
	2,00	3	348,50	1045,50
	Total	376		
FACTOR3	1,00	373	187,76	70036,00
	2,00	3	280,00	840,00
	Total	376		
FACTOR4	1,00	373	188,13	70172,00
	2,00	3	234,67	704,00
	Total	376		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	245,000	79,500	285,000	421,000
Wilcoxon W	251,000	69830,500	70036,000	70172,000
Z	-1,808	-2,624	-1,514	-,786
Asymp. Sig. (2-tailed)	,071	,009	,130	,432

a. Grouping Variable: CATDPESA

Par Tests

Kruskal-Wallis Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank
FACTOR1	13	20	136,80
	14	46	200,48
	15	63	190,07
	16	75	186,84
	17	81	176,10
	18	63	212,37
	19	28	188,82
	Total	376	
FACTOR2	13	20	188,70
	14	46	184,36
	15	63	177,47
	16	75	198,34
	17	81	189,87
	18	63	187,68
	19	28	191,50
	Total	376	
FACTOR3	13	20	154,13
	14	46	205,20
	15	63	214,07
	16	75	190,93
	17	81	181,86
	18	63	156,50
	19	28	212,79
	Total	376	
FACTOR4	13	20	150,43
	14	46	196,42
	15	63	207,35
	16	75	200,43
	17	81	178,39
	18	63	163,40
	19	28	214,04
	Total	376	

Test Statistics^{a,b}

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3	FACTOR4
Chi-Square	10,694	1,438	14,724	12,562
df	6	6	6	6
Asymp. Sig.	,098	,964	,023	,051

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: idade

¶Par Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	13	20	25,90	518,00
	14	46	36,80	1693,00
	Total	66		
FACTOR3	13	20	27,63	552,50
	14	46	36,05	1658,50
	Total	66		
FACTOR4	13	20	27,85	557,00
	14	46	35,96	1654,00
	Total	66		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	308,000	342,500	347,000
Wilcoxon W	518,000	552,500	557,000
Z	-2,305	-1,688	-1,700
Asymp. Sig. (2-tailed)	,021	,091	,089

a. Grouping Variable: idade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	13	20	32,80	656,00
	15	63	44,92	2830,00
	Total	83		
FACTOR3	13	20	31,95	639,00
	15	63	45,19	2847,00
	Total	83		
FACTOR4	13	20	32,67	653,50
	15	63	44,96	2832,50
	Total	83		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	446,000	429,000	443,500
Wilcoxon W	656,000	639,000	653,500
Z	-2,097	-2,208	-2,107
Asymp. Sig. (2-tailed)	,036	,027	,035

a. Grouping Variable: idade

¶Par Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	13	20	37,85	757,00
	16	75	50,71	3803,00
	Total	95		
FACTOR3	13	20	40,75	815,00
	16	75	49,93	3745,00
	Total	95		
FACTOR4	13	20	37,97	759,50
	16	75	50,67	3800,50
	Total	95		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	547,000	605,000	549,500
Wilcoxon W	757,000	815,000	759,500
Z	-1,993	-1,359	-1,973
Asymp. Sig. (2-tailed)	,046	,174	,049

a. Grouping Variable: idade

¶Par Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	13	20	41,97	839,50
	17	81	53,23	4311,50
	Total	101		
FACTOR3	13	20	45,10	902,00
	17	81	52,46	4249,00
	Total	101		
FACTOR4	13	20	45,05	901,00
	17	81	52,47	4250,00
	Total	101		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	629,500	692,000	691,000
Wilcoxon W	839,500	902,000	901,000
Z	-1,631	-1,045	-1,103
Asymp. Sig. (2-tailed)	,103	,296	,270

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	13	20	30,13	602,50
	18	63	45,77	2883,50
	Total	83		
FACTOR3	13	20	41,38	827,50
	18	63	42,20	2658,50
	Total	83		
FACTOR4	13	20	39,78	795,50
	18	63	42,71	2690,50
	Total	83		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	392,500	617,500	585,500
Wilcoxon W	602,500	827,500	795,500
Z	-2,748	-,139	-,500
Asymp. Sig. (2-tailed)	,006	,889	,617

a. Grouping Variable: idade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	13	20	20,65	413,00
	19	28	27,25	763,00
	Total	48		
FACTOR3	13	20	19,83	396,50
	19	28	27,84	779,50
	Total	48		
FACTOR4	13	20	19,60	392,00
	19	28	28,00	784,00
	Total	48		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	203,000	186,500	182,000
Wilcoxon W	413,000	396,500	392,000
Z	-1,708	-2,038	-2,216
Asymp. Sig. (2-tailed)	,088	,042	,027

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	14	46	56,85	2615,00
	15	63	53,65	3380,00
	Total	109		
FACTOR3	14	46	53,65	2468,00
	15	63	55,98	3527,00
	Total	109		
FACTOR4	14	46	53,05	2440,50
	15	63	56,42	3554,50
	Total	109		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1364,000	1387,000	1359,500
Wilcoxon W	3380,000	2468,000	2440,500
Z	-,570	-,394	-,582
Asymp. Sig. (2-tailed)	,569	,694	,560

a. Grouping Variable: idade

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	14	46	63,76	2933,00
	16	75	59,31	4448,00
	Total	121		
FACTOR3	14	46	64,05	2946,50
	16	75	59,13	4434,50
	Total	121		
FACTOR4	14	46	60,12	2765,50
	16	75	61,54	4615,50
	Total	121		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1598,000	1584,500	1684,500
Wilcoxon W	4448,000	4434,500	2765,500
Z	-,742	-,772	-,232
Asymp. Sig. (2-tailed)	,458	,440	,817

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	14	46	69,21	3183,50
	17	81	61,04	4944,50
	Total	127		
FACTOR3	14	46	69,02	3175,00
	17	81	61,15	4953,00
	Total	127		
FACTOR4	14	46	67,90	3123,50
	17	81	61,78	5004,50
	Total	127		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1623,500	1632,000	1683,500
Wilcoxon W	4944,500	4953,000	5004,500
Z	-1,292	-1,203	-,968
Asymp. Sig. (2-tailed)	,196	,229	,333

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	14	46	53,01	2438,50
	18	63	56,45	3556,50
	Total	109		
FACTOR3	14	46	62,91	2894,00
	18	63	49,22	3101,00
	Total	109		
FACTOR4	14	46	60,70	2792,00
	18	63	50,84	3203,00
	Total	109		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1357,500	1085,000	1187,000
Wilcoxon W	2438,500	3101,000	3203,000
Z	-,626	-2,310	-1,690
Asymp. Sig. (2-tailed)	,531	,021	,091

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	14	46	38,35	1764,00
	19	28	36,11	1011,00
	Total	74		
FACTOR3	14	46	37,00	1702,00
	19	28	38,32	1073,00
	Total	74		
FACTOR4	14	46	36,20	1665,00
	19	28	39,64	1110,00
	Total	74		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	605,000	621,000	584,000
Wilcoxon W	1011,000	1702,000	1665,000
Z	-,476	-,266	-,720
Asymp. Sig. (2-tailed)	,634	,790	,472

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	15	63	70,17	4420,50
	16	75	68,94	5170,50
	Total	138		
FACTOR3	15	63	74,09	4667,50
	16	75	65,65	4923,50
	Total	138		
FACTOR4	15	63	70,99	4472,50
	16	75	68,25	5118,50
	Total	138		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2320,500	2073,500	2268,500
Wilcoxon W	5170,500	4923,500	5118,500
Z	-,194	-1,272	-,427
Asymp. Sig. (2-tailed)	,846	,203	,670

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	15	63	75,53	4758,50
	17	81	70,14	5681,50
	Total	144		
FACTOR3	15	63	79,41	5003,00
	17	81	67,12	5437,00
	Total	144		
FACTOR4	15	63	78,61	4952,50
	17	81	67,75	5487,50
	Total	144		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2360,500	2116,000	2166,500
Wilcoxon W	5681,500	5437,000	5487,500
Z	-,821	-1,822	-1,652
Asymp. Sig. (2-tailed)	,412	,069	,098

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	15	63	59,71	3761,50
	18	63	67,29	4239,50
	Total	126		
FACTOR3	15	63	73,19	4611,00
	18	63	53,81	3390,00
	Total	126		
FACTOR4	15	63	70,72	4455,50
	18	63	56,28	3545,50
	Total	126		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1745,500	1374,000	1529,500
Wilcoxon W	3761,500	3390,000	3545,500
Z	-1,274	-3,087	-2,321
Asymp. Sig. (2-tailed)	,203	,002	,020

a. Grouping Variable: idade

NPAr Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	15	63	46,10	2904,00
	19	28	45,79	1282,00
	Total	91		
FACTOR3	15	63	46,21	2911,00
	19	28	45,54	1275,00
	Total	91		
FACTOR4	15	63	45,64	2875,50
	19	28	46,80	1310,50
	Total	91		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	876,000	869,000	859,500
Wilcoxon W	1282,000	1275,000	2875,500
Z	-,056	-,116	-,205
Asymp. Sig. (2-tailed)	,956	,908	,838

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	16	75	80,76	6057,00
	17	81	76,41	6189,00
	Total	156		
FACTOR3	16	75	80,45	6033,50
	17	81	76,70	6212,50
	Total	156		
FACTOR4	16	75	83,23	6242,50
	17	81	74,12	6003,50
	Total	156		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2868,000	2891,500	2682,500
Wilcoxon W	6189,000	6212,500	6003,500
Z	-,644	-,535	-1,355
Asymp. Sig. (2-tailed)	,520	,593	,176

a. Grouping Variable: idade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	16	75	65,27	4895,50
	18	63	74,53	4695,50
	Total	138		
FACTOR3	16	75	75,34	5650,50
	18	63	62,55	3940,50
	Total	138		
FACTOR4	16	75	75,71	5678,50
	18	63	62,10	3912,50
	Total	138		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2045,500	1924,500	1896,500
Wilcoxon W	4895,500	3940,500	3912,500
Z	-1,481	-1,933	-2,103
Asymp. Sig. (2-tailed)	,139	,053	,036

a. Grouping Variable: idade

¶Par Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	16	75	51,85	3889,00
	19	28	52,39	1467,00
	Total	103		
FACTOR3	16	75	50,44	3783,00
	19	28	56,18	1573,00
	Total	103		
FACTOR4	16	75	51,03	3827,00
	19	28	54,61	1529,00
	Total	103		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1039,000	933,000	977,000
Wilcoxon W	3889,000	3783,000	3827,000
Z	-,088	-,894	-,580
Asymp. Sig. (2-tailed)	,930	,371	,562

a. Grouping Variable: idade

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	17	81	66,25	5366,50
	18	63	80,53	5073,50
	Total	144		
FACTOR3	17	81	76,72	6214,50
	18	63	67,07	4225,50
	Total	144		
FACTOR4	17	81	74,96	6071,50
	18	63	69,34	4368,50
	Total	144		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2045,500	2209,500	2352,500
Wilcoxon W	5366,500	4225,500	4368,500
Z	-2,187	-1,436	-,850
Asymp. Sig. (2-tailed)	,029	,151	,395

a. Grouping Variable: idade

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	17	81	54,02	4376,00
	19	28	57,82	1619,00
	Total	109		
FACTOR3	17	81	52,71	4269,50
	19	28	61,63	1725,50
	Total	109		
FACTOR4	17	81	52,31	4237,50
	19	28	62,77	1757,50
	Total	109		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1055,000	948,500	916,500
Wilcoxon W	4376,000	4269,500	4237,500
Z	-,582	-1,343	-1,624
Asymp. Sig. (2-tailed)	,560	,179	,104

a. Grouping Variable: idade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	18	63	47,79	3011,00
	19	28	41,96	1175,00
	Total	91		
FACTOR3	18	63	41,65	2624,00
	19	28	55,79	1562,00
	Total	91		
FACTOR4	18	63	42,13	2654,00
	19	28	54,71	1532,00
	Total	91		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	769,000	608,000	638,000
Wilcoxon W	1175,000	2624,000	2654,000
Z	-1,069	-2,469	-2,200
Asymp. Sig. (2-tailed)	,285	,014	,028

a. Grouping Variable: idade

Par Tests

Kruskal-Wallis Test

Ranks

	ANOESC ano	N	Mean Rank
FACTOR1	7	24	137,15
	8	56	163,55
	9	109	195,25
	10	81	196,35
	11	67	206,07
	12	39	190,56
	Total	376	
FACTOR2	7	24	181,29
	8	56	206,03
	9	109	181,08
	10	81	192,27
	11	67	179,35
	12	39	196,40
	Total	376	
FACTOTAL	7	24	137,77
	8	56	175,91
	9	109	205,83
	10	81	197,59
	11	67	180,64
	12	39	183,99
	Total	376	
FACTOR3	7	24	133,08
	8	56	160,01
	9	109	215,41
	10	81	196,87
	11	67	184,63
	12	39	177,58
	Total	376	

Test Statistics^{a,b}

	FACTOR1	FACTOR2	FACTOTAL	FACTOR3
Chi-Square	12,678	2,992	11,011	18,953
df	5	5	5	5
Asymp. Sig.	,027	,701	,051	,002

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: ANOESC ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ANOESC ano	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	7	24	36,35	872,50
	8	56	42,28	2367,50
	Total	80		
FACTOR3	7	24	37,33	896,00
	8	56	41,86	2344,00
	Total	80		
FACTOTAL	7	24	34,65	831,50
	8	56	43,01	2408,50
	Total	80		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOTAL
Mann-Whitney U	572,500	596,000	531,500
Wilcoxon W	872,500	896,000	831,500
Z	-1,107	-,814	-1,597
Asymp. Sig. (2-tailed)	,268	,416	,110

a. Grouping Variable: ANOESC ano escolaridade

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	7	24	50,42	1210,00
	9	109	70,65	7701,00
	Total	133		
FACTOR3	7	24	43,92	1054,00
	9	109	72,08	7857,00
	Total	133		
FACTOR4	7	24	48,35	1160,50
	9	109	71,11	7750,50
	Total	133		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	910,000	754,000	860,500
Wilcoxon W	1210,000	1054,000	1160,500
Z	-2,505	-3,363	-2,763
Asymp. Sig. (2-tailed)	,012	,001	,006

a. Grouping Variable: ano escolaridade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	7	24	40,46	971,00
	10	81	56,72	4594,00
	Total	105		
FACTOR3	7	24	39,02	936,50
	10	81	57,14	4628,50
	Total	105		
FACTOR4	7	24	39,98	959,50
	10	81	56,86	4605,50
	Total	105		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	671,000	636,500	659,500
Wilcoxon W	971,000	936,500	959,500
Z	-2,477	-2,670	-2,542
Asymp. Sig. (2-tailed)	,013	,008	,011

a. Grouping Variable: ano escolaridade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	7	24	33,52	804,50
	11	67	50,47	3381,50
	Total	91		
FACTOR3	7	24	35,35	848,50
	11	67	49,81	3337,50
	Total	91		
FACTOR4	7	24	37,65	903,50
	11	67	48,99	3282,50
	Total	91		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	504,500	548,500	603,500
Wilcoxon W	804,500	848,500	903,500
Z	-2,911	-2,423	-1,945
Asymp. Sig. (2-tailed)	,004	,015	,052

a. Grouping Variable: ano escolaridade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	7	24	26,40	633,50
	12	39	35,45	1382,50
	Total	63		
FACTOR3	7	24	27,46	659,00
	12	39	34,79	1357,00
	Total	63		
FACTOR4	7	24	27,15	651,50
	12	39	34,99	1364,50
	Total	63		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	333,500	359,000	351,500
Wilcoxon W	633,500	659,000	651,500
Z	-2,034	-1,607	-1,750
Asymp. Sig. (2-tailed)	,042	,108	,080

a. Grouping Variable: ano escolaridade

JPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	8	56	73,84	4135,00
	9	109	87,71	9560,00
	Total	165		
FACTOR3	8	56	68,16	3817,00
	9	109	90,62	9878,00
	Total	165		
FACTOR4	8	56	74,67	4181,50
	9	109	87,28	9513,50
	Total	165		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2539,000	2221,000	2585,500
Wilcoxon W	4135,000	3817,000	4181,500
Z	-1,890	-2,933	-1,700
Asymp. Sig. (2-tailed)	,059	,003	,089

a. Grouping Variable: ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	8	56	61,99	3471,50
	10	81	73,85	5981,50
	Total	137		
FACTOR3	8	56	61,13	3423,50
	10	81	74,44	6029,50
	Total	137		
FACTOR4	8	56	64,27	3599,00
	10	81	72,27	5854,00
	Total	137		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1875,500	1827,500	2003,000
Wilcoxon W	3471,500	3423,500	3599,000
Z	-1,841	-1,977	-1,239
Asymp. Sig. (2-tailed)	,066	,048	,215

a. Grouping Variable: ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	8	56	54,28	3039,50
	11	67	68,46	4586,50
	Total	123		
FACTOR3	8	56	56,70	3175,00
	11	67	66,43	4451,00
	Total	123		
FACTOR4	8	56	60,91	3411,00
	11	67	62,91	4215,00
	Total	123		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1443,500	1579,000	1815,000
Wilcoxon W	3039,500	3175,000	3411,000
Z	-2,352	-1,549	-,333
Asymp. Sig. (2-tailed)	,019	,121	,739

a. Grouping Variable: ano escolaridade

¶Par Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	8	56	45,17	2529,50
	12	39	52,06	2030,50
	Total	95		
FACTOR3	8	56	46,16	2585,00
	12	39	50,64	1975,00
	Total	95		
FACTOR4	8	56	47,05	2635,00
	12	39	49,36	1925,00
	Total	95		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	933,500	989,000	1039,000
Wilcoxon W	2529,500	2585,000	2635,000
Z	-1,273	-,794	-,427
Asymp. Sig. (2-tailed)	,203	,427	,669

a. Grouping Variable: ano escolaridade

IPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	9	109	95,27	10384,00
	10	81	95,81	7761,00
	Total	190		
FACTOR3	9	109	99,69	10866,00
	10	81	89,86	7279,00
	Total	190		
FACTOR4	9	109	97,46	10623,00
	10	81	92,86	7522,00
	Total	190		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	4389,000	3958,000	4201,000
Wilcoxon W	10384,000	7279,000	7522,000
Z	-,074	-1,267	-,603
Asymp. Sig. (2-tailed)	,941	,205	,547

a. Grouping Variable: ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	9	109	86,63	9442,50
	11	67	91,54	6133,50
	Total	176		
FACTOR3	9	109	94,59	10310,00
	11	67	78,60	5266,00
	Total	176		
FACTOR4	9	109	93,10	10148,00
	11	67	81,01	5428,00
	Total	176		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	3447,500	2988,000	3150,000
Wilcoxon W	9442,500	5266,000	5428,000
Z	-,679	-,105	-,1622
Asymp. Sig. (2-tailed)	,497	,035	,105

a. Grouping Variable: ano escolaridade

Par Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	9	109	75,00	8174,50
	12	39	73,12	2851,50
	Total	148		
FACTOR3	9	109	78,43	8548,50
	12	39	63,53	2477,50
	Total	148		
FACTOR4	9	109	76,88	8380,00
	12	39	67,85	2646,00
	Total	148		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2071,500	1697,500	1866,000
Wilcoxon W	2851,500	2477,500	2646,000
Z	-,255	-1,937	-1,193
Asymp. Sig. (2-tailed)	,799	,053	,233

a. Grouping Variable: ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	10	81	72,86	5902,00
	11	67	76,48	5124,00
	Total	148		
FACTOR3	10	81	76,91	6230,00
	11	67	71,58	4796,00
	Total	148		
FACTOR4	10	81	77,65	6290,00
	11	67	70,69	4736,00
	Total	148		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	2581,000	2518,000	2458,000
Wilcoxon W	5902,000	4796,000	4736,000
Z	-,559	-,788	-1,054
Asymp. Sig. (2-tailed)	,576	,431	,292

a. Grouping Variable: ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	10	81	61,11	4950,00
	12	39	59,23	2310,00
	Total	120		
FACTOR3	10	81	62,51	5063,50
	12	39	56,32	2196,50
	Total	120		
FACTOR4	10	81	61,94	5017,50
	12	39	57,50	2242,50
	Total	120		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1530,000	1416,500	1462,500
Wilcoxon W	2310,000	2196,500	2242,500
Z	-,302	-,951	-,699
Asymp. Sig. (2-tailed)	,763	,341	,484

a. Grouping Variable: ano escolaridade

NPar Tests

Mann-Whitney Test

Ranks

	ano escolaridade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FACTOR1	11	67	55,13	3693,50
	12	39	50,71	1977,50
	Total	106		
FACTOR3	11	67	54,20	3631,50
	12	39	52,29	2039,50
	Total	106		
FACTOR4	11	67	53,04	3553,50
	12	39	54,29	2117,50
	Total	106		

Test Statistics^a

	FACTOR1	FACTOR3	FACTOR4
Mann-Whitney U	1197,500	1259,500	1275,500
Wilcoxon W	1977,500	2039,500	3553,500
Z	-,779	-,322	-,218
Asymp. Sig. (2-tailed)	,436	,747	,828

a. Grouping Variable: ano escolaridade

Anexo G

Nonparametric Correlations

Correlations

			FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3
Spearman's rho	FACTOR1	Correlation Coefficient	1,000	-,216**	,076
		Sig. (2-tailed)	,	,000	,144
		N	376	376	376
	FACTOR2	Correlation Coefficient	-,216**	1,000	,041
		Sig. (2-tailed)	,000	,	,423
		N	376	376	376
	FACTOR3	Correlation Coefficient	,076	,041	1,000
		Sig. (2-tailed)	,144	,423	,
		N	376	376	376
	idade	Correlation Coefficient	,058	,021	-,073
		Sig. (2-tailed)	,260	,689	,155
		N	376	376	376
ano escolaridade	Correlation Coefficient	,135**	-,016	,053	
	Sig. (2-tailed)	,009	,763	,308	
	N	376	376	376	

Correlations

			idade	ano escolaridade
Spearman's rho	FACTOR1	Correlation Coefficient	,058	,135**
		Sig. (2-tailed)	,260	,009
		N	376	376
	FACTOR2	Correlation Coefficient	,021	-,016
		Sig. (2-tailed)	,689	,763
		N	376	376
	FACTOR3	Correlation Coefficient	-,073	,053
		Sig. (2-tailed)	,155	,308
		N	376	376
	idade	Correlation Coefficient	1,000	,658**
		Sig. (2-tailed)	,	,000
		N	376	376
ano escolaridade	Correlation Coefficient	,658**	1,000	
	Sig. (2-tailed)	,000	,	
	N	376	376	

** . Correlation is significant at the .01 level (2-tailed).

Nonparametric Correlations

Correlations

			FACTOR1	FACTOR2	FACTOR3
Spearman's rho	FACTOR1	Correlation Coefficient	1,000	-,216**	,076
		Sig. (1-tailed)	,	,000	,072
		N	376	376	376
	FACTOR2	Correlation Coefficient	-,216**	1,000	,041
		Sig. (1-tailed)	,000	,	,211
		N	376	376	376
	FACTOR3	Correlation Coefficient	,076	,041	1,000
		Sig. (1-tailed)	,072	,211	,
		N	376	376	376
	idade	Correlation Coefficient	,058	,021	-,073
		Sig. (1-tailed)	,130	,344	,078
		N	376	376	376
ano escolaridade	Correlation Coefficient	,135**	-,016	,053	
	Sig. (1-tailed)	,004	,381	,154	
	N	376	376	376	

Correlations

			idade	ano escolaridade
Spearman's rho	FACTOR1	Correlation Coefficient	,058	,135**
		Sig. (1-tailed)	,130	,004
		N	376	376
	FACTOR2	Correlation Coefficient	,021	-,016
		Sig. (1-tailed)	,344	,381
		N	376	376
	FACTOR3	Correlation Coefficient	-,073	,053
		Sig. (1-tailed)	,078	,154
		N	376	376
	idade	Correlation Coefficient	1,000	,658**
		Sig. (1-tailed)	,	,000
		N	376	376
ano escolaridade	Correlation Coefficient	,658**	1,000	
	Sig. (1-tailed)	,000	,	
	N	376	376	

** . Correlation is significant at the .01 level (1-tailed).